

PÓVOA DE VARZIM—VERÃO DE 1937

1011

**Festas de homenagem e
agradecimento**



A

**Braga, Barcelos,
Guimarães e Famalicão**



Verão de 1937

Festas de homenagem e agradecimento da Póvoa de Varzim a
Braga, Barcelos, Guimarães e Famalicão

BIBLIOTECA

Foras de homenagem e agradecimento às Forças de Defesa e
Segurança, Bombeiros, Gendarmaria e Polícia

Verão de 1937

Festas de homenagem e agradecimento da Póvoa de Varzim a
Braga, Barcelos, Guimarães e Famalicão

*Ao Ex.^{mo} Sin. Presidente
da Câmara Municipal de Barcelos
Homenagem grata da*



*Barcelos
Povo*

EDIÇÃO DA LIVRARIA POVOENSE

Ilustrada com fotos de reportagem de Jaime Ferreira, António
Augusto da Silva e Azevedo Duarte

PÓVOA DE VARZIM

1938

PORTADA

Assisti de longe às grandes festas que a Póvoa de Varzim, a minha terra, preparou e realizou em 1937 para receber a visita de terras amigas, de alguns concelhos daquela incomparável província interamnense, retalho que Deus abençoou com belezas sem par . . . às vezes estragadas pelos homens, que não compreendem o dom do Senhor. De longe assisti — ai de mim — porque me prendia nesta Lisboa das «muytas e desvayradas gentes» a safra-nafra jornalística, novo trabalho de Sísifo, nunca terminado, nunca interrompido. Mas longe da vista, não estava longe do coração. Nem sempre a sabedoria popular tem aplicação veraz aos casos da vida.

Sou dêsse abençoado retalho de Portugal que constitue o alfoz da Póvoa do Mar. Sou ratense ou ratistense, conforme entronquem a denominação daquela formosa Rates, nobilitada pela sua vasta igreja românica e pelas tradições históricas adstritas. Tudo quanto à Póvoa e ao seu concelho se refira encontra, pois e sempre, no meu espírito um movimento de curiosidade e simpatia. Como Feijó andei por terras distantes, por grandes metrópoles, por gigantescas cidades. Mas como ele dizia, referindo-se à sua Ribeira Lima, também eu posso dizer a respeito da minha Póvoa de Varzim:

*. . . nas terras que tenho visto
por tôda a parte por onde andei
Nunca achei nada mais imprevisto,
Terra mais linda nunca encontrei.*

Leonardo Coimbra, aquela pobre e grande alma, ainda indecisa ou carecida de coragem para seguir abertamente a Verdade, a que depois havia de abraçar-se com tanta ânsia, estava, certo dia, em Lisboa. Encontramo-nos em casa de um amigo comum. Duma janela contemplávamos o Parque Eduardo VII, todo revestido de verde esmeralda. Era na Primavera e o dia estava sereno, lindo, banhado dum solzinho quente e risonho. Da tapeçaria arrelvada desceram meus olhos para o Tejo, de que se via uma nesga a formar o fundo da paisagem.

— E' lindo! — exclamou Leonardo Coimbra.

— E' — assenti. — Mas a mim, não sei porquê, faz-me tristeza . . .

— Não sabe porquê?! Porque é a nostalgia, a saudade do homem

de Entre-Douro-e-Minho, que se lembra sempre dos seus campos verdes e das águas cerúleas do seu mar.

E era mesmo. Era a saudade da minha terra. Como eu a trago sempre a surgir de entre as recordações ou sensações, que atravancam a alma de quem por êsses mundos anda e de quanto se passa no mundo tem necessidade de se ocupar! Quantas vezes não me lembro daquele soneto de Nobre, tão cheio de sentimento e tão fielmente descritivo:

Pòveirinhos! Meus velhos pescadores!

Por isso, se não estava em corpo e alma nas festas, nelas estive sempre—creiam-me—em alma, e com elas me regosijei. Foram em boa verdade um triunfo para a minha terra. Milhares de habitantes, de Braga, de Guimarães, de Barcelos, de Famalicão, foram levar à Póvoa a sua amizade, os seus aplausos e . . . (desculpem êste feio pensamento de materialidade, de pecúnia . . .) o seu dinheiro. Porque tais nos fez Deus, que não podemos prescindir das coisas materiais, das vantagens que temos de adquirir para nós e para os nossos. E as vantagens à Póvoa advindas nestas visitas, foram enormes e duradoiras para anos subseqüentes. Bem haja quem promoveu as festas e com tanto cuidado as organizou, curando da feição económica, do aspecto artístico e do aspecto social.

Para a realização destas festas aceitou a Câmara 60 contos orçamentados pela gerência antecessora. Mas uma arrumação mais cuidada das despesas, um aproveitamento mais rigoroso da quantia votada, permitiram, porém, fazendo festas esplendorosas e mais numerosas do que a Póvoa nunca teve, poupar da quantia orçamentada vinte contos, vindo as festas a custar no total menos de metade do que em anos anteriores se havia dispendido com elas.

O dinheiro salvo das despesas foi aplicado de maneira eminentemente cristã e generosa. Com êle se criou uma grande obra social. Abençoado dinheiro que permitiu acudir a muitas misérias e salvar muitas vidas!

Porque êste pòveiro, atirado para longe da terra, não assistiu em espírito apenas às festas, que de rumor alegre e proveitoso encheram a Póvoa. Viu também criar-se a par delas uma série de obras sociais, que honram quem

as promoveu e constituem honrosa manifestação de espírito cristão e de caridade social: a Cozinha Económica, o Lactário, o Patronato e o Instituto de Puericultura.

São estas obras legítimo título de nobre orgulho para a Câmara da Presidência do Dr. Abílio Garcia de Carvalho, meu grande amigo, meu como irmão. Costuma dizer-se que o encómio de amigos proveniente é suspeito. Como se os amigos, porque o são, houvessem de calar as virtudes e as belas realizações dos seus amigos, que teriam de ficar assim sujeitos apenas ao vilipêndio e às deturpações dos inimigos! Quem, melhor do que os amigos, pode conhecer quanto aqueles a quem dedicam amizade, a merecem e quanto fazem de bom e de nobre?! Sou amigo do Dr. Abílio Garcia de Carvalho e por isso me alegro com as suas obras, tão beneméritas de elogio gratidão. E aqui me têm os leitores dêste vero livro a manifestar a minha alegria por poder dizer a todos que o meu amigo é um homem de bem às direitas, um homem de acção e um homem a quem a minha terra tem que ser muito grata; por isso me alegro, ao poder afirmar que para dar realização, corpo e vida ao seu pensamento, se soube cercar de homens, que na Póvoa não há melhores e que actuam não sòmente no campo administrativo e no campo político, mas ainda e especialmente no campo social. E foi assim que a Cozinha Económica distribuiu no ano que terminou em Julho, o primeiro da sua existência, 14.000 refeições a trabalhadores.

Tive ensejo de a vêr, numa fugidia visita que fiz à Póvoa. O seu funcionamento e a sua utilidade são manifestas para quem ali estiver uns minutos, na ocasião das refeições. A refeição completa consta de um copioso prato de sôpa, um prato de carne, peixe ou bacalhau, bem servido como a sôpa, e 250 gramas de pão. Tudo isto custa 1\$60. Muitas famílias mandam ali buscar uns litros de sôpa, com que se alimentam todo o dia. Dum pobre homem, casado e com 7 filhos, soube eu que manda buscar diàriamente 5 litros de sôpa, que lhe custam 2\$50 e constituem a alimentação de todos na sua casa pobre de pobre e honrado trabalhador.

O Lactário é outra obra digna de aplauso e carinho de tôda a gente que tenha sentimentos cristãos ou mesmo sentimentos simplesmente humanos, sentimentos de piedade animal pelos que de pura míngua fenecem; cêrca de 8.500 litros de leite foram distribuídos no espaço do ano terminado em Julho para alimento das criancinhas pobres. Era elevada a mortalidade infantil nas famílias necessitadas. Pois das crianças socorridas durante um ano, em nú-

mero de cerca de 70, muito poucas morreram; as infelizes eram quasi cadáveres quando o Lactário as tomou sob a sua protecção. Procura-se que as famílias destas crianças recebam todas as semanas uma visitadora que aparece de surpresa, para se informar do estado do pupilo do Lactário, da hygiene em que vive e até (assim é preciso . . .) para saber se o leite é consumido pelo lactante ou pelos adultos. Quem conhece as condições de vida das nossas populações pobres sabe quanto estas visitas são salutaes sob o aspecto sanitário e sob o aspecto moral.

São elas feitas por distintas e delicadas senhoras, que formam o Instituto de Puericultura.

A necessidade de velar pelos pequenos protegidos do Lactário e do Patronato fêz nascer esta instituição, seu complemento indispensável. Além da sua função de visitadoras e das suas lições de hygiene e puericultura prática as beneméritas senhoras, que tal obra exercem, distribuem prémios às famílias necessitadas, para que possam criar os filhos limpos, bem tratados e sádios. Durante o ano o Instituto distribuiu muitos agasalhos de lã fabricados pelas mãos das senhoras, que a tão bela obra se dedicaram.

A criança cresce: há que lhe acudir dando-lhe um ambiente de trabalho e moral. Para isso criou-se uma obra igualmente útil, o Patronato que tende a ser uma oficina de S. José em regime de semi-internato. Esta instituição mantém, assim, os seus protegidos retirando da vadiagem das ruas alguns rapazes, que os pais não poderiam educar, ou por insuficiência de preparação ou porque o trabalho e a miséria obrigavam a deixar crescer a petizada ao abandono.

Tudo isto se fêz mercê da economia que foi possível realizar nas despesas das festas de 1337, que, a-pesar disso, foram mais brilhantes e grandiosas que nunca. Abençoado dinheiro!

No plano daquelas festas estava trazer à Póvoa também as gentes de outros concelhos do Minho, de Traz-os-Montes, do Alto Douro, do Douro Litoral; e projectava-se uma festa de confraternização entre a Póvoa e a vizinha e fidalga Vila do Conde. Não puderam elas realizar-se neste ano de 1938, porque outras preocupações absorveram as actividades da Câmara. Oxalá, porém, se possam realizar no ano próximo. A sua utilidade é tamanha, que não as desejar é positivamente ser inimigo da Póvoa.

Das festas de 1937 nasceu ainda, além da bela obra social a que me refiro, a criação da Medalha do Reconhecimento Póveiro. Com ela premiará a

Póvoa os que, seus filhos ou não, trabalharam ou trabalhem para o engrandecimento da terra por forma tal, que mereçam dela um testemunho bem significativo. Já foi dada a alguns municípios; vai ser concedida também a personalidades que o mereçam. Foi um pensamento feliz, que radicará em muitas almas o amor à nossa Póvoa.

Há, eu sei, quem não pode levar a bem que tudo isto se haja feito.

Mas o que se fez foi brilhante e de alto significado social e moral. Merece pois os mais rasgados parabéns e felicitações a actual Câmara Municipal da minha terra, e todos aqueles que com ela têm cooperado quer na acção social quer administrativa e política.

E tu, meu caro Abílio, meu Irmão, deixa que a Inveja se remorda. Este livro que o editor em feliz hora vai publicar e à frente do qual me é gratíssimo deixar esta portada, mostra a tóda a gente que o leia ou mesmo apenas o folheie, muito do que fizeste de proveitoso e bom. Deixa que os inúteis maldigam. Porque não é provável que mantivessem a obra, se fôsem chamados a continuá-la.

Quanto às vilanias, que topares pelo teu caminho, lembra-te daquelas palavras que o grande Camilo escreveu a respeito do Conde de Azevedo:

«Era um homem de bem. Para lhe chamarem nas gazetas facínora, caipira, bêsta e ladrão, foi necessário que governasse o distrito de Braga em 1845. Desde que esquivou na poltrona da sua biblioteca o osso sacro aos pontapés da política, volveu a ser, por comum assentimento de todos os partidos, um espírito recto, muito esclarecido, e digno de exercer os cargos superiores do Estado.»

Tudo te hão-de chamar, Abílio, tudo farão para te desgostarem do trabalho, para te aborrecerem da obra que estás a realizar com tanto desvêlo e tanto amor ao Bem Comum, ao Bem da Nação.

Que fazer?

Trabalhar sempre da mesma forma, prosseguir numa acção que tem tanto de meritória, como dêste livro, que vai publicar-se, e do «Seis meses de Administração Municipal», que a Câmara da tua presidência publicou, e do «Política do Estado Novo na Póvoa de Varzim», que tu publicaste, se vê.

Trabalhar a-pesar-de tôdas as incompreensões. Trabalhar sempre e com a mesma isenção e coragem, porque êsse é o teu dever de homem e de português. Deus manda-nos lutar não nos manda vencer.

Parabéns pois a todos os meus conterrâneos habitantes da vila ou das aldeias do concelho, que na Câmara, nas Obras Sociais, nas Juntas de Freguesia e na política alta do bem fazer, te acompanham sempre com lealdade e inteligência, sem outra recompensa que não seja a satisfação do dever cumprido em cooperação com o espírito de sacrifício e de isenção de que tens dado exuberantes provas.

PEDRO CORREIA MARQUES.

Lisboa, dia da
Exaltação de Santa Cruz
1 9 3 8



MEDALHA DO RECONHECIMENTO POVEIRO
que foi entregue ao Município de V. N. de Famalicão. Idênticas fôram entregues
aos de Praga, Guimarães e Barcelos.

C.M.B.
t iblioteca



SUMARIO - ÍNDICE

Deliberação Camarária	1
que instituiu as festas do reconhecimento	
VISITA DE BRAGA, em 8 de Agosto de 1937	5
Saúdação da Póvoa	8
Discurso do Sr. Dr. Abílio de Carvalho, Presidente da Camara da Póvoa	
Saúdação de Braga	12
Discurso do Sr. Dr. Manuel António Sardinha, Presidente da Câmara de Braga	
Conferência	14
do Sr. Dr. Alberto Feio, de Braga	
VISITA DE BARCELOS, em 29 de Agosto de 1937	23
Saúdação da Póvoa	27
Discurso do Sr. Dr. Abílio de Carvalho, Presidente da Câmara da Póvoa	
Saúdação de Barcelos	29
Discurso do Sr. Dr. Miguel Miranda, Presidente da Câmara de Barcelos	
Discurso	30
do Sr. Dr. Adélio Marinho, junto ao Cego do Maio	
Banquete	32
Brinde do Sr. Dr. Miguel Fonseca	
Discurso	34
do Sr. Dr. Matos Graça	
Conferência	36
do Sr. Dr. Joaquim Pais de Vilas Boas, no Casino	
VISITA DE GUIMARÃIS, em 5 de Setembro de 1937	43
Saúdação da Póvoa	46
Discurso do Sr. Dr. Abílio de Carvalho, Presidente da Câmara da Póvoa	
Saúdação de Guimarães	49
Discurso do Sr. António Lopes de Carvalho	
Conferência	51
do Sr. António Lopes de Carvalho, no Casino	
VISITA DE FAMALICÃO, em 12 de Setembro de 1938	61
Saúdação da Póvoa	64
Discurso do Sr. Dr. Abílio de Carvalho, Presidente da Camara da Póvoa	
Saúdação de Famalicão	68
Discurso do Sr. Dr. Francisco Alves, Presidente da Câmara de Famalicão	
Discurso	70
do Sr. Dr. Vasco de Carvalho, junto ao Cego do Maio	
Conferência	73
do Sr. Alexandrino Costa, no Casino	
APENDICE	81

DELIBERAÇÃO CAMARÁRIA

que, por proposta do Presidente Ex.mo Sr. Dr. Abilio de Carvalho, instituiu as Festas do Reconhecimento Póveiro aos Municípios cujas populações frequentam a praia da Póvoa no verão (transcrita da acta da sessão de 17 de Junho de 1937).

Carácter espiritual das festas em projecto

As festas da Póvoa realizadas nos anos transactos, embora mais ou menos brilhantes, não têm revestido aquele cunho espiritual que desejaríamos imprimir-lhe neste ano de 1937. Estabelecendo como postulado que a Póvoa necessita das festas para animar o seu comércio, atraindo muita gente, postulado que aceitamos e defendemos por razoável e justo, certos de que a economia póveira se torna mais ou menos desafogada consoante a frequência de banhistas ou mesmo de turistas no verão, entendemos que neste ano a Póvoa pode, por mero acto de reconhecimento e gratidão para com as suas colónias banhistas, organizar festas pouco dispendiosas, que atraiam inúmera gente em alguns domingos de Julho, de Agosto, de Setembro e ainda de Outubro, e que revisitassem alto significado social.

As festas da Póvoa de 1937 seriam as *festas do reconhecimento* para com aquelas terras amigas e queridas que mandam para aqui os seus habitantes mais dilectos, a gozarem o clima adorável da nossa terra, a brisa suave da nossa praia, a frescura do nosso mar, e o entardecer do nosso horizonte, onde o sol poente encanta, num delírio de tonalidades que se vão esbatendo poeticamente até ao adormecer do dia.

Pois bem: tirante um domingo em cada mês, em Agosto o da Assunção e em Setembro o das Dores, os outros domingos, neste ano da graça de 1937, deveriam ser cada um dedicado a uma terra amiga ou a um grupo de terras amigas.

Programa das festas a realizar

O Município subsidiaria as Confrarias da Assunção e das Dores, para que fizessem as respectivas procissões com o costume do senão maior brilho. O restante da ver-

ba seria para a realização do seguinte programa de festas, em vários domingos, assim distribuídos:

1.º—Um de homenagem a Braga, a Roma Portuguesa, e à sua colónia banhista;

- 2.^o—Outro a Guimarães, bêrço da Nação, e sua colónia;
- 3.^o—Outro a Barcelos e sua colónia;
- 4.^o—Outro a Famalicão e sua colónia;
- 5.^o—Outro aos restantes Municípios do Minho e respectivas colónias.
- 6.^o—Outro às terras da província de Traz-os-Montes e Alto Douro e suas colónias.

7.^o—Outro às terras do Douro Litoral, à frente das quais colocáramos Santo Tirso.

8.^o—E ainda, se assim se julgasse oportuno, poderíamos fazer noutro domingo uma festa de confraternização com Vila do Conde, a princesa do Ave.

Desenvolvimento das linhas gerais

A todos os municípios citados se pediria uma excursão à Póvoa, no dia respectivo, trazendo à frente os representantes das suas Câmaras, administradores do conce-

lho, associações com estandartes, etc.

Recebida, galhardamente, na estação do caminho de ferro, dirigir-se-ia em cortejo à *Domus Municipalis*, onde a nossa Câmara ofereceria a medalha de bronze do reconhecimento da Póvoa, à Câmara visitante, na pessoa do seu Presidente. Essa medalha diria no anverso—«Ao Município de... a Póvoa agradecia»; e no reverso, com as armas da Póvoa—«*FESTAS DE VERÃO DE 1937*».

Cada terra traria aquilo que tivesse de mais interessante e característico, em costumes, assuntos folclóricos, motivos regionais, para dêles fazer larga propaganda na Póvoa cosmopolita, considerada sala de visitas das Províncias aquém Douro, neste verão de 1937.

O que as terras interessadas poderão trazer à Póvoa

A Braga, por exemplo, pediríamos o Rei David e a sua côrte, o seu notável Grupo Folclórico Gonçalo Sampaio, tudo o mais que interessa à capital do Minho.

Depois, o cortejo atravessaria a vila, desfazendo junto ao mar. E à tarde, no jardim do Passeio Alegre, teríamos ocasião de observar as danças do Rei David e a exibição do Grupo Folclórico.

A' noite, haveria uma sessão solene, que poderia efectuar-se no Teatro do Casino, onde procuraríamos ouvir um orador notável da respectiva terra, que nos diria das suas belezas e encantos, dos seus heróis e dos seus santos, da sua indústria e do seu comércio.

E as festas terminariam então por um baile no salão nobre do Casino dedicado à colónia respectiva.

Mutatis mutandis, pediríamos a Guimarães os grupos regionais que levou a Lisboa, etc.

Pediríamos a Barcelos os representantes das suas freguesias, com os seus costumes e grupos de bailados, etc.

Pediríamos a Famalicão as suas corporações de bombeiros, cujo

material seguiria a formatura em marcha de 100 bombeiros uniformizados; seria o dia de Famalicão e, também, o da Festa dos Bombeiros.

Pederíamos a Cabeceiras de Bastos os jogadores de pau, os Capuchas, etc.

Pediríamos a Traz-os-Montes os Pauliteiros de Miranda, os grupos de Barroso e os Zés P'reiras de Mondim de Basto; a Santo Tirso os seus grupos fluviais, a Vila do Conde as rendilheiras, etc., etc.

Para «um melhor conhecimento das terras entre si»

Teríamos assim, sob o aspecto cultural, um desfile cada domingo, de tudo aquilo que caracteriza mais a terra ou terras festejadas; sob o aspecto social um melhor

conhecimento das terras entre si, porque melhor se conhecendo, melhor se amam; e dêste modo se daria um largo réclamo de tôdas, na Póvoa Linda, que é praia de todos e para todos; e sob o aspecto moral, mostraria a Póvoa os seus elevados sentimentos, traduzidos em reconhecimento manifesto e profundo, simbolizado na oferta da medalha comemorativa.

Utilizaríamos o alto falante para anunciar os passos das festas e para dar publicidade imediata às conferências realizadas nas sessões solenes precedendo os bailes.

E desde já, ainda em Junho, podendo ser, se faria a relação das festas a organizar em todo o Verão, tal como em Vichy e outras terras de turismo importantíssimas do estrangeiro.

Organizando largo réclamo, que abrangeria a tôdas, indistintamente, e mais intenso que o costume noutros anos, deveria tornar-se, a-pesar-de tudo, mais económico do que vários réclamos de várias festas. Seria feito nos jornais e em cartolinas ilustradas com fotografias, a mandar para todos o pontos do País.

Assinaram a acta :

*Dr. Abílio Garcia de Carvalho
Dr. António Sampaio de Araújo
Acácio Gomes Barroso
António Gomes
José António de Sousa Ferreira*



VISITA DE BRAGA À PÓVOA

HOMENAGEM E AGRADECIMENTO DA PÓVOA A BRAGA

BRAGA

Braga, antiga e nobilíssima cidade, cuja fundação remonta a alguns séculos antes da era cristã, a *Bracara Augusta* dos Romanos, séde gloriosa de magnificentes jóias asquitectónicas; *Braga* — Metrópole do Cristianismo em Portugal, sólio aurifulgente dos Primazes das Espanhas, fulcro de religião, terra dos congressos eucarísticos e das plêtoricas manifestações ardentes de Fé, perpetuadas nesses monumentos de piedade do Bom Jesus e do Sameiro; *Braga* — bérço de muitos varões ilustres pela Virtude, pelas Artes, pelas Letras e pela Ciência; *Braga* — mimo de belezas naturais e artificiais, circundada de poéticos e bucólicos montes e vales dum pitoresco inexcedível; *Braga* — a Pátria da Revolução Nacional — distinguiu sobremaneira a Póvoa de Varzim, em 8 de Agôsto de 1937, com embaixada honorabilíssima, para assim estreitar, se é possível, ainda mais, os laços indissolúveis de velha e leal amizade que unem ambas as terras.

A *Braga* — a Póvoa presta homenagem, protestando os seus preitos de indelével gratidão, pela cordialidade que sempre lhe dispensou, pela preferência que sempre doou à sua praia e por essa visita amorável e honrosa, que, para sempre, fulgurará como acontecimento notável nos anais da sua história.



Relatar minuciosamente o brilho, a grandiosidade, a imponência das Festas de 8 de Agôsto de 1937, na Póvoa de Varzim, dedicadas a Braga em sinal de agradecimento reconhecido; descrever os arroubos de aclamação dos pòveiros, ao receberem os seus visitantes amigos, o infindável cortejo, a policromia impressionante das suas numerosas bandeiras de associações e corporações e o dilúvio de pétalas que sôbre êle caíram. a beleza e encanto dos grupos folclóricos bracarenses, a majestade da sessão solene nos Paços do Concelho ou a elegância empolgante do baile no Casino; enfim, fazer uma reportagem completa e condigna dessas Festas, que tam gratas foram aos visitantes, não é facil tarefa, nem se coaduna com o espaço que se lhe reserva.

Rápidos apontamentos, leves notas, sucinto resumo e a transcrição tanto quanto possível exacta dos discursos então proferidos,

porque, se as Festas foram de molde a merecerem largas referências, mais, muito mais merecem as afirmações produzidas, que não devem perder-se no ânimo das gentes como o fumo das lindas sessões de fôgo de artifício ou obliterar como as recordações gratíssimas dêsse dia, mas sim ficar em caracteres imperecíveis para a posteridade.

RECEPÇÃO NA ESTAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO

Muito antes da hora da chegada do combóio especial, que nos trazia cêrca de mil excursionistas incluindo a representação da Câmara Municipal de Braga com a sua bandeira — já a gare da estação e o largo fronteiro e ruas das imediações se encontravam apinhados pela multidão pòveira e pelos bracarenses que haviam chegado antecipadamente em automóveis e caminhetas ou que se encontravam a veraneiar nesta praia, sobressaindo as bandeiras das associações e colectividades locais. Palmas, foguetes, música, aclamações vibrantes, vivas entusiásticos acolheram os visitantes, que se não cansavam também de entoar ovações à Póvoa.

Depois dos cumprimentos das entidades oficiais, organizou-se o cortejo que se dirigiu para a «Domus Municipalis» — ficando na Praça do Almada a massa enorme da multidão.

Para o salão das sessões da Câmara, subiram as entidades oficiais, as colectividades com suas bandeiras e muitas das pessoas mais representativas.

Lá teve logar a sessão de honra e do agradecimento pòveiro à nobre cidade bracarense.

A SAUDAÇÃO DA PÓVOA DE VARZIM

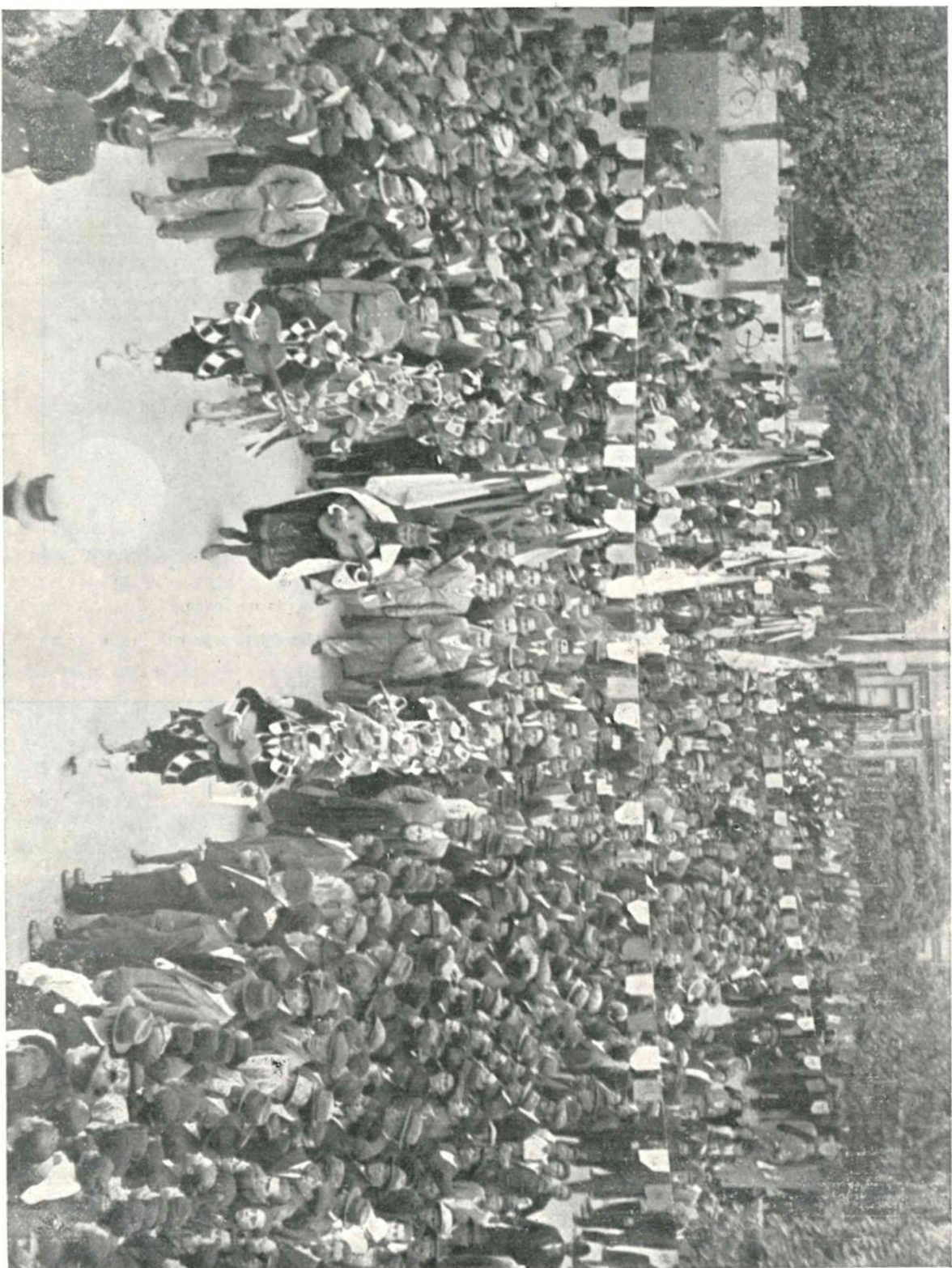
O Presidente da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, Ex.^{mo} Sr. Dr. Abílio de Carvalho — médico escolar do nosso Liceu Eça de Queiroz, orador notável, conhecido em Portugal pelas suas brilhantes conferências, quer religiosas quer científicas ou simultâneamente científicas e religiosas, a atestarem que entre Ciência e Religião não há nem pode haver coalisção, autor da tese «*A Eucaristia e a Medicina*», que os católicos apreciaram com justificada satisfação, pòveiro pela alma e coração, que à nossa terra tem dedicado o melhor do seu esforço, carinho, boa-vontade e inteligência, na fulgurante era nova do



EM CIMA—O Sr. Dr. Alberto Feio, fazendo a sua conferência no Casino

EM BAIXO—Um interessante friso de raparigas do Grupo Folclórico Gonçalo Sampaio de Braga





O Cortejo dirigindo-se para a Câmara Municipal, com o «REI DAVID E A SUA CORTE» à frente

Estado Corporativo — apresentou, em nome do Município pòveiro, a saudação de boas-vindas, pronunciando o discurso de belo recorte literário que a seguir se insere.

Ex.^{mo} Sr. Presidente da Câmara Municipal de Braga:
Meus Senhores:

Se o reconhecimento e a gratidão são apanágio de almas bem formadas, necessariamente que o são também das terras onde essas almas cultivam com nobreza tais sentimentos.

E a Póvoa, que através da sua história cheia de heroísmos, tem demonstrado exuberantemente ter alma generosa e boa, não esquecendo o bem que lhe façam e exaltando tôdas aquelas pessoas que um dia a trataram com generosidade ou carinho quer fôsse o Corregedor Almada quer seja em nossos dias a imortal figura de Salazar, a Póvoa, meus Senhores, terra de sonho e de lenda que o mar embala constantemente com toada mística, ao debruçar-se preguiçosamente sôbre as areias, onde a ternura dos namorados inscreve nomes, que êle apaga constantemente, para que fiquem melhor gravados no coração a fim de se perpetuarem através de filhos de amor puro, o qual tantas vezes nasce sob o azul puríssimo do nosso céu... terra de lenda que leva almas incarnadas, a confortar outras almas, quando à meia-noite, em procissão de nostalgia e de emoção, caminham pelo areal em fora, entoando cânticos à luz de candis, para dar volta à capela de S.^{to} André, a Póvoa, Senhores, é cheia de reconhecimento e de gratidão.

Reconhecimento para com as pessoas e as terras que a distinguem pela sua preferência entre as outras praias do País, e que a animam e lhe dão vida nestes cálidos meses de verão, ao movimentá-la num cosmopolitismo intenso, que é sem dúvida uma das suas mais notáveis características.

E Braga, a nobre senhora do Minho, cidade magnífica, a quem nos prendem os mais estreitos laços económicos, vivendo na mesma região aquém Ave, região de beleza e de encanto, onde as casas alvacentas se destacam, semeadas por entre pomares, parreiras ou milheirais, numa sinfonia de verdura em que a água canta o seu amor à terra mãe, cidade que sente o mesmo anseio na protecção e fabrico das suas culturas, e idêntico interesse na sua exportação e venda para outras regiões; Braga, a quem nos ligam os mesmos motivos etnográficos, as mesmas preocupações estéticas, e idêntica sensibilidade cultural, Braga fidalga, cujos habitantes vivem a Póvoa na sua praia limpa e formosa, nos seus jardins e alamedas, nas suas ruas e suas casas, nomez que aprendem a balbuciar meninos e moços, e que mantem vividos

no espírito até ao ocaso da existência; Braga, generosa e altiva, vive intensamente em nossos corações agradecidos.

E, por isso, a Póvoa, enamorada, esperava de há muito êste instante, em que com palavras pobres, mas sentidas, e carinhosas, pudesse testemunhar públicamente perante o País inteiro, o seu reconhecimento indelével e perene.

A Póvoa ama Braga, porque, se podem esquecer-se outras terras de Portugal, a capital do Minho jamais esquece ao viajero que teve a ventura de visitar o seu Bom-Jesus, maravilha da natureza que a mão humana da arte trabalhou com enlêvo e com elevação; «não há o direito de esconder ao mundo tal maravilha»—afirmou um dia Maeterlink, ao apreciar a paisagem empolgante, quando descia o escadório trabalhado em granito regional

E, se tam alta inteligência vibrou dêste modo, ao apreciar a beleza que exalta os nossos sentidos, de igual modo vibraria ao apreciar a dedicação do espírito social e cristão, que faz com que em Braga nunca falte o pão para alimentar as bôcas que vivem no Asilo de D. Pedro V, na Misericórdia, no Asilo das órfãs e Infância Desvalida, no Asilo de Inválidos de S. José, no Asilo de Mendicidade do Conde de Agrolongo, no Asilo de Inválidos Vieira Gomes, no Colégio da Regeneração, no Lactário da Creche de Braga, na Oficina-Escola João de Deus, nas Oficinas de S. José, no Recolhimento das Convertidas de Santa Maria Madalena, no Colégio dos Orfãos de S. Gaetano, no Recolhimento da Santíssima Trindade da Caridade, no Patronato de Nossa Senhora da Tôrre, na Casa de Saúde do Bom Jesus, na Associação de Beneficência do Concelho de Braga, na Cozinha Económica, na Sociedade de S. Vicente de Paulo, no Hospital de Santa Cruz, na Obra de Protecção a Raparigas, etc., em suma, em todos os seus institutos de amparo social, que são padrões de glória, a atestarem aos visitantes as altíssimas preocupações sociais e educativas do bom povo bracarense, digno dos maiores elogios e dos maiores encómios...

Não fôra Braga, Senhores, a terra do grande Arcebispo D. Diogo de Sousa, que a enriqueceu com a formosa ábside da Sé românica de S. Geraldo, quando na ousia externa cantou a Maternidade Divina em linda estátua da Senhora do Leite, símbolo augusto de dedicação e de amor, que se transforma em alimento para o corpo ou para o espírito.

Senhores !

Braga dos solares e dos Brazões, criados e erigidos por uma nobreza constituída de filhos de Algo, da qual muitos de vós descendes, senão pelo nome e pelo sangue, ao menos pela virtude e pelo carácter, foi sempre generosa nos movimentos sociais e políticos; e, sem rebuscar a sua história antiga ou moderna de feitos brilhantes e me-

moráveis, recordemos sòmente, com profunda veneração, duas figuras contemporâneas que em Braga coroaram de louros suas vidas, nesse ambiente em que puderam inscrever páginas de glória na história pátria. Dom Manuel Vieira de Matos e o General Gomes da Costa avultam cada vez mais no passado, se os olhamos ao subir a encosta do tempo, porque Braga, a Senhora do Minho, com sua mística cristã e patriótica, os atraíu a momentos de grandeza que jamais esquecem.

E se os solares e os braços a notabilizaram, não menos o fizeram os escudos dos arcebispos, os velhos conventos e os mosteiros de antanho, alguns dos quais ainda hoje existem como afirmação admirável da crença de um povo católico e que tornaram esta Senhora do Minho, semelhante em sua mística, a Salamanca e a Toledo.

Sempre a Cruz e a Espada caminharam juntas nos momentos grandes da Pátria; e pena foi que o estúpido século XIX tivesse destruído em fúria iconoclasta, tantas relíquias de um passado glorioso, fazendo perecer tradições estruturais, que criaram o Império à custa do esforço de muitos, entre os quais minhotos ilustres e santos, como o apostólico mártir da Índia e carmelita descalço Beato Redento da Cruz.

Por tudo a Póvoa ama e quer a Braga; por tudo nos sentimos felizes ao receber no dia de hoje embaixada tam luzida e tam nobre da Cidade Primaz das Espanhas e Roma Portuguesa.

E é dêste modo, com tais sentimentos, que, em nome do Município da Póvoa e como Presidente da sua Câmara Municipal, eu tenho a honra de saudar Braga com o mais profundo reconhecimento em nome dos habitantes desta terra, ao entregar a V. Ex.^a, como representante do Senhor Presidente da Câmara Municipal de Braga, a medalha do reconhecimento pòveiro para com êsse Município.

Com ela, com esta medalha, vão os nossos affectos e vai também o nosso aprêço, a nossa admiração e o nosso carinho, a-fim-de demonstrarmos *urbi et orbi* que no alvorecer desta época que anteve-mos brilhantíssima para Portugal, que nesta nova época quinhentista em que não tendo novos mundos para oferecer ao Mundo, Portugal oferece, em doutrinação e exemplo vivido, o que mais necessário é para a felicidade dos povos, que, nesta época, Senhores, deixa de ter actualidade e razão de ser o terceto da lírica de Camões, em que o insigne poeta e mestre se queixava dolorosamente de que

«Esta gente portuguesa
o nada estrangeiro estima
e o muito do seu despreza.»

VIVA BRAGA!

O Sr. Dr. Abílio de Carvalho foi entusiàsticamente aplaudido e abraçado.

SAÚDAÇÃO DE BRAGA

Após o discurso do Presidente da Câmara da Póvoa de Varzim e da entrega da medalha do reconhecimento, a multidão ouviu, entusiasmada, o discurso de saúdação da Bracara Augusta à terra do Cego do Maio, de Eça de Queiroz, Rocha Peixoto, proferido pelo representante da Câmara de Braga, Ex.^{mo} Sr. Dr. Manuel António Sardinha, orador fluente de indiscutíveis dotes intelectuais que principiou por dizer que cumpria a insigne missão de saudar o povo da Póvoa de Varzim em nome da cidade bracarense.

Foca a jornada triunfal dêsse dia e afirma sentir o mais acrisolado amor e afecto pela Póvoa do Mar — a sua praia predilecta.

Alude ao significado das homenagens e aos numerosíssimos excursionistas que de Braga vieram à linda praia nortenha, congratulando-se com tais manifestações de simpatia e penalizando se apenas por não ter havido mais tempo de se preparar uma excursão ainda muito maior.

O distinto orador refere-se ao encantador «Grupo Folclórico Dr. Gonçalo Sampaio» que, apesar de fundado ainda recentemente, possui já um grande nome pelos seus múltiplos triunfos artísticos.

Salienta o valor do «Grupo Coral da Palmeira», ouvido sempre com o maior agrado sob a Direcção proficiente do sr. Mota Leite.

Refere-se também ao «Grupo do Rei David» — grupo celeberrimo que, todos os anos, pelas festas do São João, faz convergir para Braga as multidões.

Friza a circunstância agradabilíssima de a excursão haver sido acompanhada pelo brilhante escritor e director da Biblioteca de Braga, sr. Dr. Alberto Feio.

Regista a afirmação feita pelo sr. Dr. Abílio Garcia de Carvalho, no seu precioso discurso — *a Póvoa ama Braga*. O Sr. Dr. Manuel António Sardinha afirma que também Braga ama sincera e profundamente a Póvoa de Varzim. E, diz, tanto assim é, que não há em Braga nenhum coração que não palpita pela Póvoa e que não tenha uma recordação gravada desta praia formosa.

O orador renova os agradecimentos ao sr. Dr. Abílio de Carvalho, Presidente da Câmara Municipal da Póvoa, pelas suas palavras e pelo entusiástico acolhimento dos povoenses, feito ao povo de Braga e termina saudando mais uma vez a Póvoa, na pessoa do sr. Dr. Abílio Garcia de Carvalho.

A assistência deu «vivas» e palmas prolongados, secundados pela multidão que, ao mesmo tempo se comprimia na Praça do Almada e outras imediações do edifício dos Paços do Concelho, até onde nitidamente chegavam os ecos da sessão de boas-vindas, por intermédio de altos-falantes.

A CAMINHO DA PRAIA

Depois da cerimónia da recepção solene e da entrega da medalha do reconhecimento pòveiro, reorganizou-se o cortejo, que seguiu pelas ruas Sousa Campos, Praça da República. 5 de Outubro, Largo do Café Chinês, António Graça e Avenida Mouzinho de Albuquerque, desembocando no Passeio Alegre, sendo em todo o percurso lançada uma imensa profusão de flores.

As aclamações da Póvoa aos visitantes e dos bracarenses à Póvoa eram constantes entusiásticas, delirantes.

Por todo o caminho os grupos «Rei David», «Gonçalo Sampaio» e «Palmeira» executaram os seus primorosos bailados típicos, recebendo gerais aplausos.

Uma vez chegado ao Passeio Alegre, o cortejo dispersou.

NA PRAIA

A praia ostentava o movimento dos seus dias grandes.

Aos muitos milhares de banhistas juntou-se, durante o dia, a grande excursão de Braga, que, só por si, bastaria para imprimir vida e animação à praia.

Uma verdadeira enchente.

Os excursionistas aproveitaram o ensejo e os intervalos dos números das Festas para contemplarem a majestade do mar e tonificarem os pulmões.

Quantos não comeram, à beira-mar, os seus merendéis... com o apetite que o ar marítimo provoca!

POLICROMIA EXTASIANTE

Os prédios das principais artérias da Póvoa ostentavam colgas duras de seda, veludo e damasco, bandeirinhas, pendões e galhardetes das mais variadas cores com motivos regionais, apetrechos de pesca e brasões da antiga *Vila Veracini*.

As ruas do percurso do cortejo e a Praça do Almada, além das ornamentações dos edifícios apresentavam-se artisticamente engalanadas por bandeiras, pendões e galhardetes em número de muitos milhares, que prèviamente foram confeccionados por distintas Senhoras da Póvoa.

O conjunto era inédito, duma policromia extasiante.

A CONFERÊNCIA

Do programa constava uma conferência realizada pelo ilustre escritor e director da Biblioteca pública de Braga, sr. Dr. Alberto Feio.

Efectuou se, pelas 15 horas, no salão-teatro do monumental Casino, perante assistência compacta e selecta.

Orador admirável no conceito e deveras empolgante na narração dos factos, reúne tôdas as qualidades necessárias para suggestionar e prender os nossos corações agradecidos pela forma deveras captivante como se refere à nossa Praia e canta as nossas belezas e aspirações.

E' bem mais um forte élo a ligar as duas terras nortenhas que tanto se estimam e admiram, e que mais se estimarão ainda quando alguém, como o Sr. Dr. Alberto Feio, recordando o passado com a maestria de um *ciceroni* cultíssimo, sabe rebuscar nas velharias factos palpitantes de vida e de graça que a todos quantos o ouviram encantaram e comoveram.

«Póvoa de Varzim é o caravansará dos habitantes do Minho em uso de banhos ou de ar do mar», escrevia a pena têrsa de Ramalho Ortigão em 1875. Hoje, como há sessenta anos, como há cem, como há mil, a Póvoa está intimamente ligada ao Minho. E dentre as terras do Minho mais unida a Braga, princesa da Província. A própria fisionomia da Póvoa denuncia o parentesco braguês. Suas avenidas, suas praças, suas ruas, seus edifícios, têm a mesma feição, o mesmo ar de família, dos edifícios, das ruas, das praças e das avenidas de Braga.

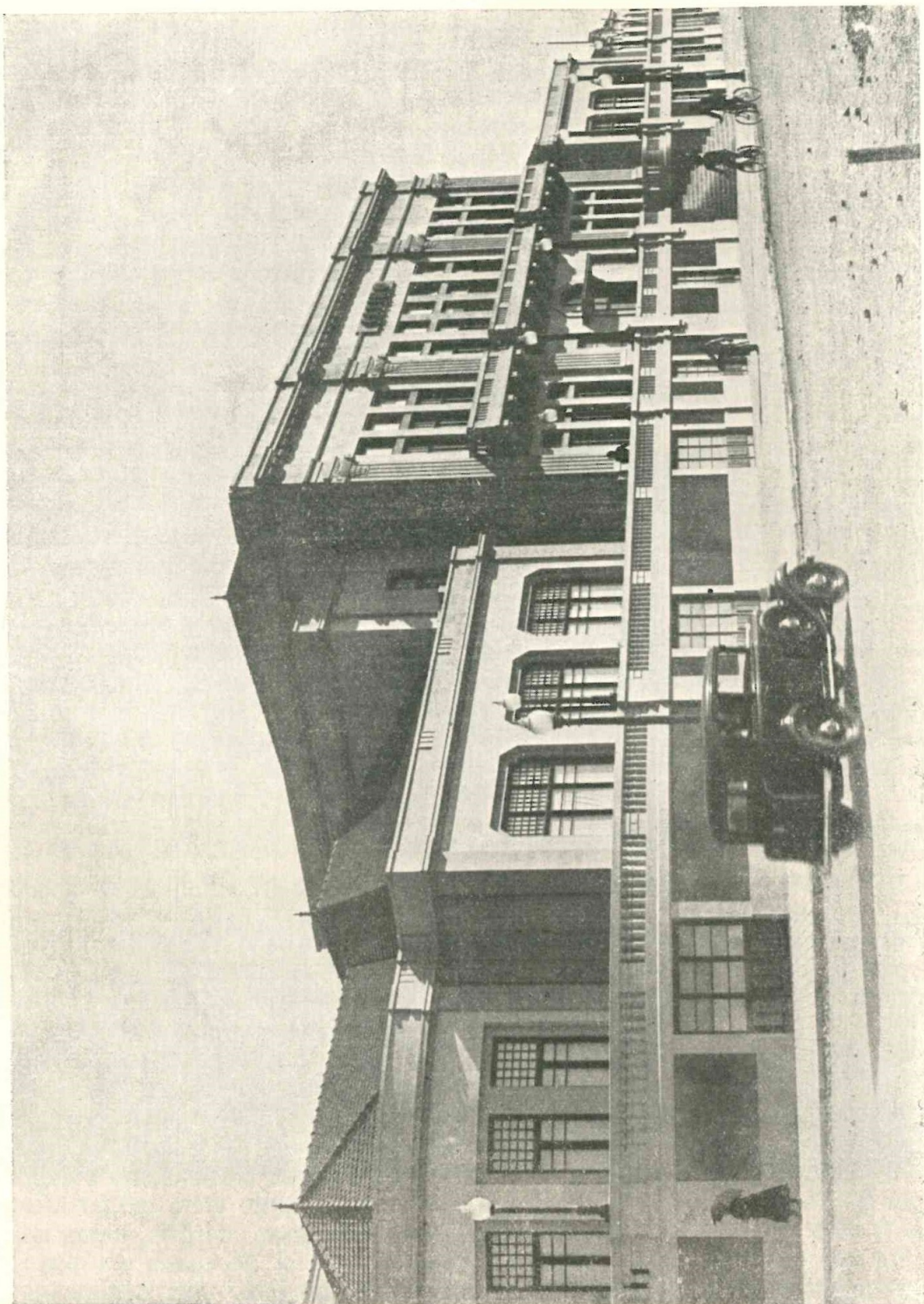
E' uma filha querida, a Póvoa, de velha aliança, porventura realizada em tempos prehistóricos. Todo o litoral de entre Cávado e Ave era da região dos brácaros, como à jurisdição do *Conventus Bracaraugustanus* pertenceria a vila luso-romana que, aqui ao lado, no Alto de Martim Vaz, José Fontes descobriu em 1905.

Escorraçadas as águias romanas pelo Suevo e pelo Godo, bárbaros depressa romanizados, como acontecera aos velhos habitantes dos castros e das citânias, um novo *Dominus terrae* ocupa a antiga vila. E' o grande germânico *Veracinus*, que a toponímia Varzim nos recorda insofismavelmente.

Ao lado do senhor da *Vila Veracini* e de seus servos, mais junta ao oceano, na curva harmoniosa, como que talhada a compasso, da enseada acolhedora, um agrupamento de lobos do mar se fixa, trazido ali nas embarcações fenícias de Tiro ou de Cartago.

O árabe penetra a península, mas no noroeste passa apenas em algaradas rápidas, sacudidas, destruidoras, com axércitos de grande mobilidade quasi só a ligeira cavalaria do Islam. Tudo subverte, mas não consegue fixar-se. E' efêmero seu domínio. A população costeira refugia-se na montanha e, passada a onda agarena, retoma o trabalho no mar e na serra.

Na confusão da luta secular entre os cristãos da Galécia e dos filhos



MONUMENTAL CASINO DA PÓVOA DE VARZIM onde foi feita a Conferência

de Mafoma, no fluxo e refluxo de fronteiras, há uma aberta favorável para os piratas nórdicos, que atormentam as populações do litoral e lhes tomam o lugar, quando as vêm acolhidas à protecção dos redutos montanhosos. A pouco e pouco o semita foragido regressa, atraído pelo poderoso íman da sedução das ondas do mar. Encontra o normando e pactua com êle. E dêste pacto nasce o agrupamento urbano, tão cheio de interesse e de valor—a *Póvoa*.

A península recebe cêdo a luz redentora do cristianismo. E' S. Paulo que lhe traz a primeira palavra do novo ideal. As invasões bárbaras perturbam sua expansão, mas é tal a fôrça persuasiva da doutrina do Divino Mestre, que povos e reis comungam, dentro em pouco, na mesma mesa eucarística.

A igreja organiza-se, pelo molde administrativo de Constantino, em províncias e dioceses.

O grande apóstolo S. Martinho de Dume, conduz à Fé Cristã o suevo Teodomiro, e no ano de 569 leva-o a reunir o concílio de Lugo, para dar novo arranjo às dioceses e dividir a enorme província bracarense. Os terrenos de entre Ave e Lima ficam na diocese de Braga, e os do sul do Ave no novo bispado de Meinedo, ou Pôrto.

Os documentos da época astur-leonesa e dos primórdios de Portugal revelam-nos a divisão Administrativa de territórios e de terras. O território era a área da diocese, como a terra a área dum julgado.

A *Póvoa* pois, ficava, como suas vizinhas Abonemar ou Abremar, Cateli ou Cadilhe, Argivadi ou Argivai, no território bracarense—«*subtus mons Terroso territorio bracarense prope litore maris et infer ave et catavo*». Administrativamente ligada à terra de Faria, estava espiritualmente ligada a Braga.

Antes que D. Henrique de Borgonha tomasse posse do condado português, Braga, a velha e Augusta chancelaria romana, a nobre cidade que servira de côrte aos reis suevos, tinha renascido já da ruína em que as algarradas mouriscas a haviam lançado.

O esforçado Bispo D. Pedro, o primeiro que se assentara na restaurada catedral de S. Martinho, em 22 anos de porfiado trabalho, desde 1071 a 1093, soube repovoar, proteger e doutrinar o vasto território de Santa Maria de Braga. Ergue-se a catedral cuja construção se arrasta por todo o século XIII. Em todo o território Bracarense se faz sentir a influência desta grande fábrica, mas é sobretudo aqui ao pé, em Rates da Terra de Faria, que ela se afirma exuberantemente. Com efeito, pela traça, pelo arranjo e exibição dos elementos componentes e até pelos temas ornamentários e decorativos—a igreja de Rates—tem íntimas afinidades com a Sé de Braga, como há 30 anos anotou, numa valiosa monografia, o ilustre Bracarense D. Manuel Monteiro.

E, ao falar em Rates, vem à memória a lenda áurea de S. Pedro, o primeiro Bispo de Braga, ainda nos tempos apostólicos ressuscitado e sagrado por S. Tiago, o discípulo de Cristo que a êste recanto viera prègar a boa nova. O zêlo cristianizante do novo bispo conduziu-o ao martírio, numa ocasião em que celebrava missa em Rates. Sua cabeça foi decepada e sôbre ela desmoronada a própria igreja. Muito mais tarde, uma luz viva denunciou a um eremita chamado Félix, habitante solitário do monte próximo, o local onde



PORTA PRINCIPAL DA IGREJA ROMANICA DE RATES

jazia o cadáver mutilado do santo Bispo. O anacoreta ali o foi sepultar, e, desde então, nasceu, com milagres e prodígios, a veneração de S. Pedro de Rates e depois a de S. Félix, orago do monte, em cujas cumeeiras, adejantes e alvas velas dos moínhos anunciam ao minhoto a proximidade da Póvoa. Esta piedosa fraude histórica, nimbada pela crença tradicional, apenas nos mostra a secular e contínua aliança de Braga com o litoral pòveiro.

Não dizem as crónicas, nem a memória dos homens recorda, quando começou a gente de Braga a utilizar a praia da Póvoa. Há séculos com certeza. E' tão inveterado no braguês o amor pela Póvoa, que pode afoitamente dizer-se que êle não conhece outra praia, mesmo neste século de viação acelerada, de facilidade de transporte e de ânsia de novidade.

E se assim é agora, o que seria em tempos de antanho?

Pela velha calçada à romana, que ligava Braga a Barcelos e dali seguia pelas Necessidades à Póvoa, o braguês deslocava-se no prè-histórico carro de bois, ou no luxuoso carroção.

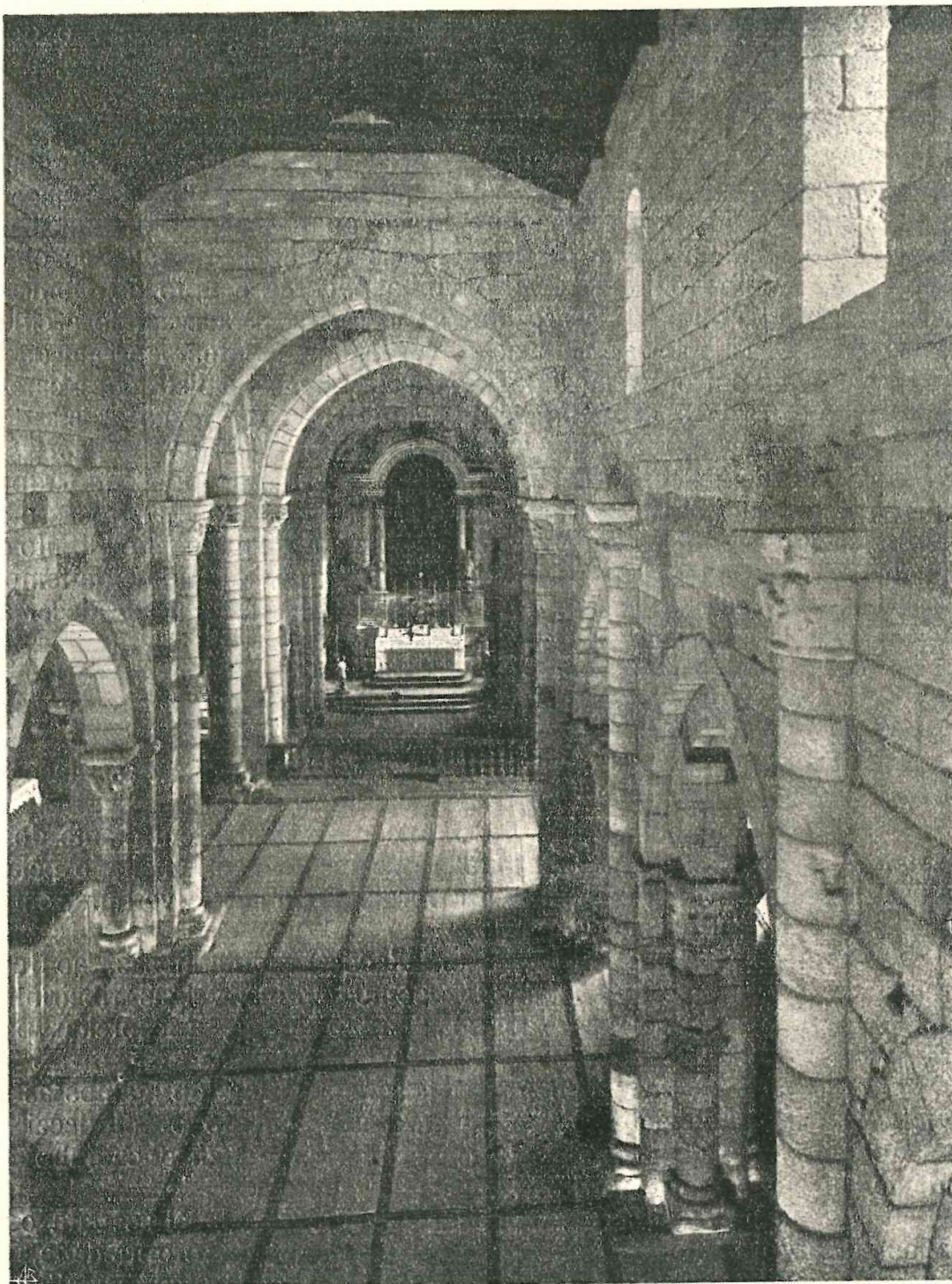
Era assim que aqui vinham os nossos bisavós, em carroção puxado a duas juntas, largo, estofado, de tejadilho de talha doirada, e de cortinas de damasco, como nas berlindas do Senhor D. João V, banboleando-se lento nas fortes suspensões de couro, quando o sólido e grosso rodado caía nas sorradas sulcadas das velhas lages. Barcelos e Necessidades eram estações intermédias, como o foram depois, no tempo da mala-posta, de lesto rodar na estrada nova de macadame. A gazilhante diligência abarrotava de bragueses, a dez tostões por cabeça, dos que não podiam ou não queriam fretar um *char-à-bancs* de cortinas lustrosas, onde a família, o compadre e o vizinho se comprimiam, debaixo do tejadilho acuculado e caixas de baús, sujeitos a deterioração segura se viessem no clássico carro de bois, que transportava a bagagem pesada para um ou dois meses de iodada vilegiatura.

Veio o combóio e a frequência à Póvoa multiplicou-se. Por sua vez a linda vila marítima moderniza-se, alarga-se e engrandece-se. E a diferença que ela faz, que o diga eu—ai de mim!—quando há meio século me perdi da família entre os abarracamentos dos tendeiros ambulantes, que de lés-a-lés pejavam o arenoso Passeio Alegre.

Hoje a Póvoa é sem contestação a praia mais concorrida e importante de todo o Norte de Portugal. O braguês continua a considerá-la sua preferida, como de resto sucede às gentes de Entre-Douro e Minho e Traz--os-Montes.

Mas se Braga ama a Póvoa, a recíproca também é verdadeira. Tanto o povoense como o pòveiro sentem o carinho da sua velha metrópole.

O pòveiro, êsse mareante audaz e arrojado, sabedor experimentado dos segredos das ondas, destemido e heróico, cuja acção, costumes e tipo étnico tem inspirado muitas páginas de literatura e de ciência, vê e tem no seu coração o Senhor do Monte e o Sameiro, que êle divisa lá ao longe quando vai a caminho do Mar das Gatas ou do Mar Novo, à procura de peixe com que, em tempos idos, regalava os senhores cônegos de Braga, padroeiros de Argivai, sua velha paróquia.



ALTAR-MOR DA IGREJA ROMANICA DE RATES

Durante séculos, a Póvoa foi o grande centro piscatório do Norte. A pescada trazida nos lanchões de 20 a 30 homens de tripulação, apanhada a mais de 10 léguas da costa, assim como a sardinha—*a vivinha da Póvoa*—eram apregoadas, com o sotaque pòveiro, pelas mulheres da pescaria, de casaco cintado e saia arregaçada, em tôdas as ruas de Braga... A cidade estimava-as: às mulheres e à pescada. A'queias dando-lhes, além da paga, algum presigo para a cêsta, que enfiada no braço guardava pão e dinheiro indistintamente. Chegada a época das festas, das romarias—as alegres e garridas romarias do Minho—o bom pòveiro vinha pagar seu voto ao Bom Jesus, à Senhora da Abadia ou ao S. Bento da Porta Aberta, atravessando a cidade em bando, caminhadas já alacremenente as 6 ou 7 léguas que nos separam da Póvoa.

Um ou outro — calça de branqueta, camisola listrada e carapuça—amorosamente trazia a pequena tabuinha pintada por tóso artista de reduzida paga, onde se registava um milagre de tomo. E lá ficava a *tabula votiva*, a atestar a fé ardente com que foi pedida a intercessão do Senhor do Monte ou da Senhora da Abadia, no momento em que as ondas alterosas e rajadas violentas sacudiam a frágil embarcação, prestes a desaparecer no infinito do mar.

Do infinito do céu viera porém a acalmação da onda e da tempestade, e o pòveiro heróico, sentindo já exausta a sua valentia, vem agradecer a intervenção divina, e perpetuar sua lembrança no painelzinho esclarecedor: *Milagre que fez N. S.^a da Abadia a M.el Franc. Milhazes da povoa de varzim e a toda sua campanha que achando-se no meio do mar se viram perdidos em 1773...*

Em todos os tempos, pois, foram íntimas e cordiais as relações entre a Póvoa e Braga.

Quem subir ali ao alto do monte de S. Félix, tem diante dos olhos um panorama de maravilha: dum lado o oceano imenso, enfeitado pelas velas brancas da frota pòveira, do outro, um verdadeiro mar de verdura, em que se não vê palmo de terra sem vegetação.

Árvore, verde escuro nas ondulações montanhosas, ao redor de santuários e ermidas; campos talhados como jardins; veigas ribeirinhas por onde o Cávado corre, a luzir ao sol. Lá ao longe, a espreitar por uma rusga, o nosso Bom Jesus.

E do Bom Jesus, numa manhã serena, de lá lobrigamos as estrêlas brancas dos moinhos de S. Félix e à tardinha, quando o sol decai para a linha do horizonte, de lá vemos o mar como um imenso cadinho de ouro fundente. No meio, a mesma lírica paisagem minhota.

As mesmas leiras e campos, descendo das ladeiras para os vales, orlados de árvores nodosas a debruar a pequenina propriedade, árvores a que voluptuosamente se abraça a videira, cujos frutos esmaltados nos hão-de dar o vinho verde leve e espumante. Até se sumirem da vista, sempre os mesmos tapetes de verdura, de onde a onde interrompidos por ondulações montanhosas, de curvaturas maternais, de linhas suaves, a proteger prados floridos de ventos daninhos.

Mas desçamos dos pincaros, procuremos o caminho chão, que nos

traz à Póvoa. Por um lado ou por outro veremos de perto as mesmas ourelas de vinho de enforcado, os mesmos prados, os mesmos campos e talhões, que despejam o pão nosso de cada dia nas eiras aconchegadas aos casais. Ali é Barqueiros, as Necessidades, mais além Cristelo, tudo terras do Minho, mais a seguir, pegadinho, em tudo igual, Laúndos, que a Divisão administrativa arbitrariamente põe no Douro Litoral. Acolá é Gondifelos, terra do Minho e logo Balazar, que é do Douro. A gente repara e vê que Deus as igualou espalhando a mãos ambas, a mesma graça, os mesmos dons, a mesma côr os mesmos tipos e os mesmos trabalhos e que os homens as separaram.

Braga—cidade das mais antigas da Península—que cêdo entrou na nossa história, assistindo e ajudando a formação de Portugal, não pretende viver sòmente debruçada na varanda, donde se avistam suas glórias ou suas grandezas passadas. Venera a lápide romana, que lhe diz que na *urbs* augusta, como em Roma, se podia seguir a carreira das honras. Curva-se diante do sacórfago dos pais de Afonso Henriques, e assiste à criação duma Nação, que assombrou o mundo: vê, na pose de quem dorme o grande sono, a notável estátua jacente de D. Gonçalo Pereira, jóia da escultura medieval portuguesa, e recorda Nunálvares seu neto a afirmar a independência da Pátria. Mais adiante admira a múmia de D. Lourenço Vicente, de face cortada por uma lancina castelhana, e sonha com a grandeza épica da heroicidade portuguesa, levantando pela fé o valor moral, que nos deu a vitória de Aljubarrota.

No precioso túmulo de bronze flamengo, presnte de sua irmã Duquesa de Borgonha, repouisa o príncipezinho D. Afonso, o primogénito da «íclita geração, altos infantes» e como numa visão maravilhosa vê tóda a epopeia portuguesa: Arzila, Azamor, Ceuta —a costa da Mina, o Zaire, as Indias e o Brasil.

E' um grande compromisso histórico, que é preciso não deixar enferrujar. Para isso é necessário retomar o fio que nos prende às antigas tradições regionais.

O amor ao nosso lar, à terra onde nascemos e medramos é o elemento básico para a formação dum forte sentimento nacional, que nos obriga a olhar a Pátria acima de tudo, ensinando-nos o respeito pela Pátria dos outros. Foi êste amor, que, enraizado no coração dos pòveiros, ainda há pouco mostrou ao mundo que era preferível ter fome do que renegar o solo natal, desmentido solene que todo o minhoto saberá dar às teorias internacionalistas, que utòpicamente prevêm a paz da humanidade pela destruição de sentimentos indestrutíveis e humanos. Não devemos procurar rivalidades com outras províncias, a quem devemos, como portugueses, uma fraternal afeição, mas devemos procurar trazer ao nosso seio quem do no nosso seio nasceu. A comunhão afectuosa e sincera a que assistimos entre Braga e Póvoa, grita-nos que somos minhotos e que, como minhotos, nos abraçamos.

A assistência que, por diversas vezes, interrompeu o discurso, com salvas de palmas, prorrompeu, no final em estrondosa ovação ao ilustrado orador, a Braga e à Póvoa.

OS GRUPOS FOLCLÓRICOS

No Passeio Alegre, durante a tarde e à noite, os três grupos bracarenses «Dr. Sampaio Bruno», «Palmeira» e «Rei David e a sua Côrte» exibiram com maestria as suas danças e entoaram as suas canções, sob os contínuos aplausos de milhares de pessoas que não se cansavam de os admirar e apreciar.

NOSSA SENHORA DO CARMO

Muito contribuiu para o êxito das Festas a solenidade que nesse dia se efectuou em honra de Nossa Senhora do Carmo, na Igreja Matriz, com o seu tradicional brilho.

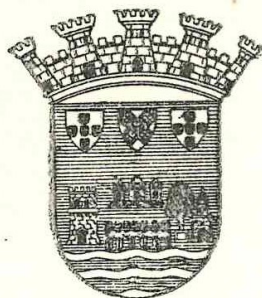
Concluiu por uma majestosa procissão que impressionou agradavelmente aos visitantes.

ARRAIAL, BAILE, FOGO DE ARTIFÍCIO

Encerraram as festas em homenagem a Braga com um alegre arraial na Praia, em que os grupos folclóricos e as bandas de música deleitaram a assistência, ao mesmo tempo que no salão do Casino se realizava um animadíssimo baile dedicado à colónia balnear bracarense.

Foi lançado ao ar vistoso e abundante fogo de vista, como fecho final.





VISITA DE BARCELOS À PÓVOA

HOMENAGEM E AGRADECIMENTO DA PÓVOA A BARCELOS

BARCELOS

Barcelos, a encantadora e progressiva cidade minhota que as águas do Cávado cingem e adornam num resplandecente diadema em que as preciosas relíquias do Passado atestam bem alto o valor e a nobreza do condado régio de antanho;

A histórica e monumental cidade, à qual desde remotas eras sempre nos uniram laços bem íntimos que ainda se manifestam indissolúveis, e com quem a nossa Póvoa do Mar sempre manteve também as melhores e mais cordiais relações de toda a espécie. Barcelos vem agora até nós, no que ela tem de mais representativo em todos os campos da sua viril actividade, trazer-nos a saudação amiga dos seus filhos ilustres, os quais tam bem compreenderam o nosso anseio de confraternização e de amistoso reconhecimento pelo muito que a nossa terra lhe é devedora em provas de dedicação e de alevantado interêsse.

E a Póvoa, que jàmais esquece nem ignora essas provas constantes de distinto affecto com que a cumulam aqueles que legítimamente se orgulham de ter possuído, adentro de seus muros, algumas das mais excelsas e brilhantes figuras da história pátria, como D. António Barroso e o Alcaide de Faria - heróis e santos que a lenda ung u de graça e de glória—a Póvoa e os pòveiros vos saúdam também e estreitam contra o coração, barcelenses amigos, pelo muito carinho que lhes mereceis.

E de seus lábios, crestados pelos rigores da maresia, um brado uníssonos e forte se desprende para vos aclamar:

Ala, ala, ala arriba por Barcelos !

De «IDEA NOVA» de 28/VIII/937.



Sendo o programa das Festas de homenagem à cidade de Barcelos e seu concelho sensivelmente igual ao das festas de Braga, atrás relatadas, limitamo-nos a arquivar os discursos proferidos e a fazer ligeiríssima referência a todos os demais actos.

O cortejo foi deveras triunfal. Atravessou o mesmo percurso que o de Braga, através de flores, aclamações e palmas.

A recepção na gare do caminho de ferro e a da Câmara no

salão nobre dos seus Paços do Concelho, assumiram foros de sensacionais. Os bombeiros barcelenses representaram-se na sua máxima fôrça, com tôdas as viaturas dos seus serviços de incêndios dando ao cortejo e às Festas uma nota deslumbrante de grandiosidade.

Os grupos regionais de Barcelos agradaram imenso.

O baile no Casino e o arraial impressionaram e dispuseram muito bem tanto os visitantes como os visitados e os banhistas.

A conferência, realizada às 15 horas, impõe-se pelo seu valor intrínseco como se pode verificar pela sua leitura mais adiante.

Há ainda a salientar o banquete, cuja referência vai no seu devido lugar. Enfim, Barcelos, que anualmente dá contingentes enormes de banhistas à nossa praia, e a Póvoa, que sempre os estima cada vez mais, ficaram radiantes pela imponência inultrapassável das Festas.

Coincidiu com a excursão de Barcelos a vinda à Póvoa de um combóio especial com o Rancho Regional da Fábrica de Fiação e Tecidos de Fafe, Banda de Música de Revelhe e algumas centenas de excursionistas daquele concelho, que muito contribuíram para maior brilho das Festas.



A Comissão de Turismo de Barcelos promoveu a distribuição na Póvoa do *Guia Turístico de Barcelos*, do qual extraímos esta resumida nótula histórica:

«Dominando o Cávado, que caprichosamente serpeia um ambiente de mimosíssimo bucolismo, vegetação luxuriante na qual a vista descansa num encantamento—Barcelos é uma das mais lindas povoações do jardim minhoto! Mas seu ar solarengo traduz-lhe, ao primeiro relance, a história longa! Vinda dos tempos prè-romanos, latinizou-se sob influência da imperial *Bracara-Augusta*, recebeu o pergaminho mais antigo no *Foral* de 1.140-1.146, foi em 1298 o primeiro Condado vitalício português na raça ilustre dos *Menezes*, brasonando de oiro só e liso. Na crise da independência do século XV, foi o solar dos altivos *Braganças*, herdeiros do Santo Condestabre, 7.º Conde de Barcelos em 1385. Recebeu o influxo do *Milagre das Cruzes* em 1.504, aproximando a Divindade do povo. Comparticipou na Cavalaria quimérica de Alcácer-Quibir em 1578, com o *Alferes-barcelense*, morto, empunhando a bandeira dos *Braganças*, e o seu Donatário D João, 8.º Duque de Bragança e 3.º Duque de Barcelos, ascendeu ao trono em 1.640. Nos tempos seguintes fartamente concorreu a gente barcelense em tôdas as guerras que ilustraram a nobre Terra Portuguesa. E, caminhando sempre, ativa, nobre, na estrada larga, luminosa, da vida nacional, Barcelos viveu na História e vive em Portugal!»

A SAUDAÇÃO DA POVOA DE VARZIM

Em nome do Município pòveiro, o sr. Dr. Abílio Garcia de Carvalho, Presidente da Câmara Municipal, apresentou aos barcelenses a saudação de boas-vindas, nos termos seguintes:

Ex.^{mo} Sr. Presidente da Câmara de Barcelos:

Ex.^{mas} Senhoras:

Meus Senhores:

Se os romanos chamavam águas Celenas à cidade que existiu em terras de Barcelos parece que este nome deve provir de Barca Celi, a barca lendária que, em constante movimento de vai-vem, alternativamente parava quer numa quer noutra das formosíssimas margens do rio Celano.

E a lenda, que quando envolta em beleza nos faz adivinhar um passado grandiloquente, vivido em nostalgia perene pelos espíritos que amam a tradição, diz-nos que o nome de Barcelos provindo de Barca Celi, traz em sua essência alguma coisa de espiritual, que, embora imponderável, há-de ter contribuído para manter, através dos séculos, o temperamento honrado, cheio de galhardia e de misti-ismo, dos numerosos habitantes de tam adorável região minhota.

Barca Celi seria, no tempo dos romanos, o que hoje é para os pòveiros a lancha de N.^a Sr.^a da Assunção: um índice de fé vivida intensamente por sôbre o oceano nos momentos de perigo e de incerteza e uma ânsia de sobrenatural na quietitude e no aconchêgo do lar, que sobremodo imprimem carácter nos povos, pela sua actuação através dos tempos.

Efectivamente Barcelos, só por graça do Céu poderia enfeitar se com a graça da natureza, que envolve e domina os seus costumes pastoris e as suas paisagens bucólicas, onde o acidentado do terreno e a harmonia das planuras vivem em constante primavera de verdura e de colorido.

E nós os pòveiros, que vivemos à beira-mar maravilhados pela luz doirada do sol poente, que, em sinfonia admirável de côres, se vai esbatendo até ao adormecer do dia; nós, espiritualizados pela tradição e pela fé, apreciamos a graça e a beleza, o valor e a lealdade, como forças dinâmicas que mais conduzem a humanidade no caminho largo e custoso da perfeição.

Por isso sentimos um carinho enexcedível ao saüdarmos efusivamente os habitantes da nobre cidade de Barcelos e do seu concelho que nos habituamos a amar pela contiguidade com a sua terra: que

nos habituamos a amar, na sua tradição cheia de heroísmos, nas ruínas venerandas do seu palácio do primeiro duque de Bragança. na sua Igreja Matriz de grande beleza, no formoso templo de Santa Cruz, nas suas instituições de caridade e de assistência, nas suas beneméritas corporações de bombeiros. nos seus jardins e suas praças, no seu rio e sua ponte que veio substituir a Barca Celi, em ânsia de progresso que nobilita e engrandece

Saúdamos Barcelos nas suas associações, nas suas numerosíssimas freguesias, e sobretudo no seu povo honrado, trabalhador e leal. E ainda saúdamos também Barcelos enternecidamente ao evocar a História Pátria, quando aprendemos a lição patética de heroísmo e grandeza que nunca se apagará da memória e do coração dos homens, em que o valor, a lealdade e o mérito atingiram os páramos infinitos da beleza moral que já mais pode ser ultrapassada, na pessoa nobre e augusta do alcaide de Faria Nuno Gonçalves. E sentimo nos enlevados, senhores, ao evocar êsse momento admirável em que um dos mais valorosos e mais nobres portugueses de todos os tempos se deixou conscientemente imolar em presença do filho de suas entranhas, em holocausto à Pátria, cuja morte era necessária como lição sangrenta para aqueles que fracos de ânimo, se tornaram ao depois em heróis invencíveis. Sentimo-nos enlevados ao evocar a memória dêsse homem, honra de Barcelos e glória da Nação, que no estertor da agonia e no último hausto da vida, aconselhava ainda a lealdade quando o sangue heróico e generoso lhe assemava aos lábios em torrente caudalosa.

E ainda saúdamos Barcelos, senhores, nos passos da História Contemporânea, ao recordar a memória sagrada de D. António Barroso, essa figura austera e nobre de missionário e de apóstolo, que já em vida espalhou em redor de si a luz divina da caridade, que irradiava de todo o seu ser, para minorar sofrimentos, para atenuar paixões, e para exaltar o sacrifício e a virtude.

D. António Barroso vive com Barcelos em nossos corações agradecidos. Por isso, senhores, a Póvoa de Varzim, distinguida sempre pelo povo de Barcelos, na preferência da sua praia, quer testemunhar hoje, de forma vibrante, o seu reconhecimento perene e a sua amizade e simpatia por V. Ex.^{as}.

E assim, em nome do Município da Póvoa, a que tenho a honra de presidir, eu vou entregar a V. Ex.^a, senhor Presidente da Câmara Municipal de Barcelos, a nossa medalha do reconhecimento, que, feita em bronze, testemunhará através dos séculos, os nossos elevados sentimentos de apreço, de estima e de ternura.

Ao depô-la nas mãos de V. Ex.^a, com as minhas homenagens pessoais, eu peço aos poveiros que aqui se encontram, que me acompanhem num viva que domina neste instante tôdas as suas almas.

Viva Barcelos!

A SAUDAÇÃO DE BARCELOS

Então, o ilustre Presidente da Câmara Municipal de Barcelos, Ex.^{mo} Sr. Miguel Miranda, profundamente reconhecido, agradeceu nestas palavras: «Como representante do Município de Barcelos e em nome de todos os barcelenses e organismos locais, que se incorporaram ou fizeram representar nesta encantadora excursão, agradeço, profundamente reconhecido, o convite que a Póvoa de Varzim, por intermédio da sua Câmara Municipal, dirigiu a Barcelos para que a visitássemos.

«E, se a gentileza do convite bastava para afirmar as relações íntimas, mantidas desde sempre, entre a Póvoa e Barcelos, que diremos, depois de assistir à recepção apoteótica que nos fizeram!

Barcelos e Póvoa, terras vizinhas, querem-se reciprocamente. As palavras eloquentes e amigas do Sr. Dr. Abílio de Carvalho, que dignamente preside ao Município da Póvoa, são a manifestação clara das relações que nos estreitam e da amizade, que, uns e outros, desejamos tornar de cada vez maior.

Seja eu o intérprete da gratidão de todos os barcelenses, e para bem exprimir essa gratidão aproveito o ensejo para convidar o bom povo da Póvoa de Varzim a retribuir a visita que hoje lhe fizemos, no dia em que a tradição barcelense comemora o Milagre das Cruzes. Vereis, então, bem de perto, quanto sois estimados e queridos pela gente de Barcelos.

Barcelos não termina na Póvoa; pela natureza e pelo sentimento, os barcelenses creem que Barcelos continua na Póvoa. E é tal o carinho que os rodeia entre vós, que não se julgam em terra estranha quando aqui se encontram—e eu bem o posso atestar.

Permiti-me que termine estas breves palavras abraçando o Presidente da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim—um abraço que significa a saudação calorosa dos barcelenses a todos os pòveiros gritando connosco: Pela Póvoa: Ala, arriba, Ala!»

Os oradores, que durante os discursos, foram freqüentes vezes interrompidos, receberam, no final, uma estrondosa salva de palmas.

JUNTO AO CEGO DO MAIO

Chegado o cortejo ao Passeio Alegre, a multidão circundou o monumento aí erecto em homenagem ao heróico salvador de náufragos José Rodrigues Maio—O «Cego do Maio»—, e o sr. Dr. Adélio Marinho, médico barcelense ilustre, pronunciou um discurso palpitante de entusiasmo, de ardor patriótico e de alegria incontida.

DISCURSO DO SR. DR. ADÉLIO MARINHO

Meus Senhores:

Há trinta anos ou mais, eu aqui vim pela primeira vez, em domingo alegre, cheio de sol, como o de hoje. E às saudações de centenaes de barcelenses à vossa terra e a vós dirigidas, juntou-se, por certo, a garridice dos meus entusiasmos de criança. E, porque as coisas primeiras são sempre as últimas a esquecer, sem custo eu recorde então, meus Senhores, neste momento, tantos anos volvidos, uma grande romagem dos vossos vizinhos e amigos do velho Condado de Nun' Alvares à gloriosa terra linda dos poveirinhos do Mar.

E criança de ontem por milagre eu queria ser, para êste instante, criança de hoje. Na alegria acolhedora desta terra, eu bem sei que há lugar para tôdas as idades. Mas é naturalmente aos novos, que melhor compreendem a Póvoa, que se dá preferência. E' que êles, meus Senhores, brincam e amam... E é a brincar e a amar, — livros que se leem com gôsto, ali, no areal extenso — que se aprende a gostar para sempre da Póvoa.

A' «Semana do Livro» e às «Bibliotecas Públicas», que ideias estranhas inventaram para quem o lar é apenas uma alcova onde se dorme, a Póvoa regionalista por tradição e inteligência, dá-nos, nestes meses de verão — ao natural, sem artifício, mesmo junto ao mar. — a «Semana sem Fim» do Amor e a mais bela exposição da alegria em Portugal.



Haveis de ter julgado já, talvez, que não tendo, portanto, idade nem méritos para logar tam preferente, eu aqui tivesse vindo apenas por audácia...

A palavra, rica ou pobrezinha, não importa. Sem vaidade, sem teatro, aos barcelenses seduziu apenas a ideia, ideia que manda, que dirige. Viemos todos até aqui, porque é daqui que melhor vos saudamos, Mais do que um homem ou geração, por nobilíssimos que tivessem sido, é todo um livro poveiro de glórias antigas, que êste bronze evoca permanentemente em nossos dias. E' ao pé dêle, pois, que os romeiros descansam na contemplação amiga do que vireis a ser pelo muito que fostes. Como a nós, não é a volúvel geografia que limita e aponta a vossa grandeza. A sentido mais forte nos encaminha a verdade histórica. Se a romagem acaba agora, é precisamente onde a Póvoa parece começar.

* * *

«Sempre a Cruz e a Espada caminharam juntas nos momentos grandes da Pátria». Frases, entre tantas admiráveis, dum Pòveiro ilustre (se não por nascença por amor comerteza), quando há semanas ainda saúdava, como nos saúda hoje, a gente fidalga e crente da Senhora do Minho. Nunca se apartaram, na verdade e melhores cenários eu não desejo para o recordar: aqueles que meus olhos deixaram há pouco e êste onde agora meus olhos mergulham em êxtase.

Pòveiros e barcelenses, ainda que de pobre lembrança alguns, não precisam de solar alheio para evocarem, e de joelhos, tôda a nossa grandeza de ontem e de sempre. Em palminhos de terra, e nas ondas revoltas do vosso Mar — quanta lembrança irmã na Fé, no Patriotismo e no Amor!

Senhores: A alegria ama naturalmente a alegria. Mas também não há festa sem fim. \ nossa romagem, que boa alegria embalou — outra vez o digo: acaba agora. Se almas crentes até à Igreja a levam, é o nosso pensamento cristão e tradicionalista que a compõe e alinda. Os lábios terão de emmudecer, é ao sentir que se dá agora a palavra. E vêde então, intimamente, o estranho cortejo final, que a nossa romagem começou. . Homens bons e aprumados, em alas intermináveis, seguem o Alcaide de Faria e o Capitão Cego do Maio.

São certamente legionários da Terra, são certamente legionários do Mar . . E o desfile, sereno e lento no seu andar, é dum brilho que não esquece e emociona. A' frente, já subindo o altar, e depois sôbre êle erguendo-se, o maior exemplo da Grei Lusíada: Nun'Alvares, Conde de Barcelos.

Espectáculo único e a Casa de Deus já cheiinha. Ao redor, e sôbre nós caíndo, a toada incomparável das ondas. E' que não há Te-Deum sem música. E a música do mar — é a orquestra eterna desta terra tam linda.

Silêncio, deixai ouvir e deixai recordar . . Em tudo que é grande, aqui mesmo, parece que vejo Homens de ontem, que Santos são talvez hoje e estão connosco. Connosco, com todos, enfim, havia de estar Dom António Barroso.

Fácil imaginação para quem tão grande alma conheceu: E' êle — é Êle que sobe agora os primeiros degraus. Barcelense já velhinho, mão erguida e barba longa, tôda branca,—em nome de Deus e da Grei Êle vos saúda e abençoa - ó Pòveiros Amigos!

O ilustre orador, foi, no final, muito aplaudido.

O sr. Dr. Abílio Garcia de Carvalho, Presidente da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, recebeu e depôs o ramo de flôres, oferecido por Barcelos, no sopé do monumento do Cego do Maio, e agradeceu, com palavras de vivida Fé e trespassada gratidão, às gentes de Barcelos, na pessoa do seu ilustre e leal colega, Dr. Adélio Marinho, o discurso de tão elevado

sentido cristão, patriótico e bairrista, que acabara de produzir. A multidão, verdadeiramente comovida, ovacionou calorosamente os dois médicos.

O BANQUETE

Promovido pela Comissão Organizadora da grande excursão barcelense, realizou-se, depois, um lauto almoço-banquete, que se prolongou até às 15 horas, no monumental Casino da Póvoa.

Brindaram os srs. Miguel Miranda, Presidente da Câmara de Barcelos, Dr. Miguel Fonseca, Dr. Francisco Tôrres, Dr. Matos Graça, João de Sousa, Dr. Gonçalo de Araújo, João Cruz, Manuel Vieira, Dr. Adélio Marinho e Dr. João Beleza, pela risonha e encantadora cidade de Barcelos, e Santos Graça e, a encerrar, Dr. Abílio Garcia de Carvalho, pela Póvoa.

Por não nos ser possível reproduzir, *ipsis verbis*, o bem que todos disseram de Barcelos e da Póvoa e os elogios que teceram à iniciativa genial da promoção destas excursões, que tanto contribuem para o estreitamento das relações de amizade que, desde épocas remotas, prendem os dois povos vizinhos, transcrevemos, apenas, por o possuírmos na íntegra, o brinde do barcelense a todos os títulos notável que é o sr. Dr. Miguel Fonseca.

BRINDE DO SR. DR. MIGUEL FONSECA

Ex.^{mo} Senhor Presidente da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim:

Devem vir de tempos muito recuados as relações de intercâmbio comercial entre a Póvoa de Varzim e Barcelos.

Datam, pelo menos, de quando a Póvoa começou a mandar ao velho solar do condado territorial barcelense, a que pertencia, as primícias de riqueza ictiológica do seu mar.

Por sua vez começou Barcelos a vir colher nos banhos da sua praia e na brisa iodada que a embalsama os elementos restauradores das forças orgânicas deprimidas.

Assim pelos tempos fora! Assim ao longo de anos sem conta!

E tão estreitas se tornaram essas relações que temos hoje o grato prazer de vir á Póvoa, trazendo, permitam-me que use esta linguagem, como chefe de fila da nossa formação um pòveiro nato, mas cujo sangue materno é da melhor raiz Barcelense.

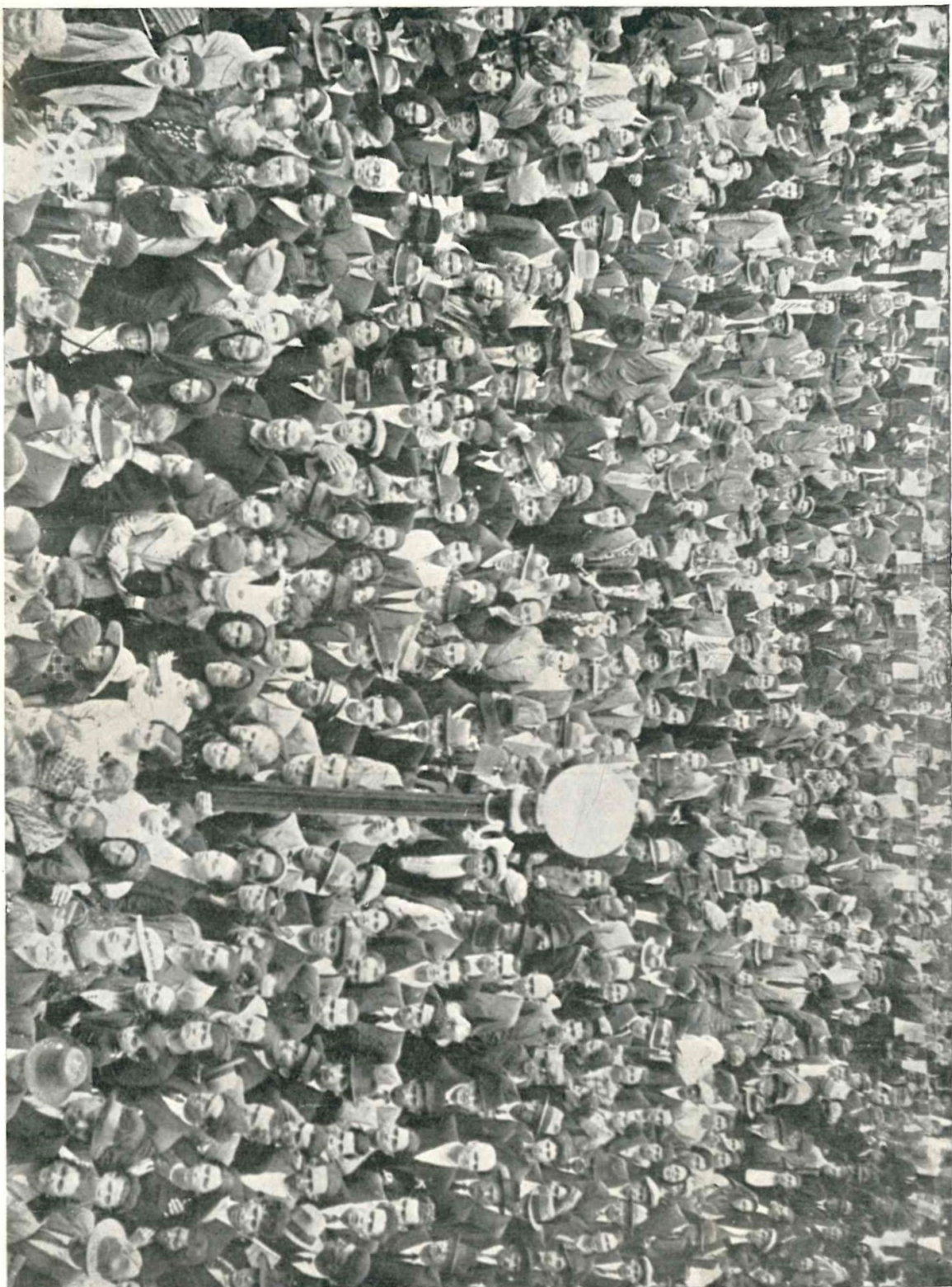
No professorado, no comércio e em outros ramos da actividade aqui temos distintos e honrados barcelenses dando lustre ao bom nome da terra de que procedem.



EM CIMA—Na Gare do Caminho de Ferro: Os Snrs. Miguel Miranda e Dr. Abílio de Carvalho com outras personalidades de Barcelos e Póvoa.

EM BAIXO—A' esquerda: Os Presidentes das Câmaras de Barcelos e Póvoa, abraçando-se.
A' direita: O Snr. Dr. Adélio Marinho, discursando junto do monumento do Cego do Maio.





Um aspecto da multidão a ouvir os discursos em frente aos Paços do Concelho

Aqui mesmo, nesta mesa, vejo um antigo e considerado negociante e presidente da Associação Comercial de Barcelos.

Pois seu pai, pòveiro de nascença, fundou em Barcelos um dos mais importantes estabelecimentos comerciais que ainda hoje continua nas mãos de descendentes, honrando o nome do seu fundador.

Vem êste pobre arrazoado a propósito, meus senhores, para demonstrar uma idea que se está tornando evidente.

A feliz lembrança do Sr. Presidente da Câmara de convidar os concelhos freqüentadores da Póvoa a uma visita official à sua querida praia foi singularmente oportuna. Deu lugar a que se avivem os laços da velha estima que prende as nossas terras. E, neste momento, em que um frémito de nacionalismo percorre a sociedade portuguesa, estas manifestações de aproximação regionalista ajustam-se perfeitamente à mesma finalidade.

Eis as razões por que felicito V. Ex.^a, Senhor Presidente, e lhe apresento os agradecimentos das entidades que aqui represento, embora tal dever já tenha sido cumprido, dum modo geral, por quem de direito,

Aceite V. Ex.^a as minhas saudações pelo valioso e louvável esforço que está desenvolvendo ao serviço da Póvoal

A CONFERÊNCIA

Ao banquete, seguiu-se a notável conferência do Sr. Dr. Joaquim Pais de Vilas Boas, igualmente no Casino.

Apresentou o orador o pòveiro ilustre Sr. Dr. José de Matos Graça.

Assistência numerosa e selecta — as figuras mais representativas de Barcelos e Póvoa.

DISCURSO DO SR. DR. MATOS GRAÇA

Peça oratória de valor e de notável relêvo literário, ela agradou profundamente a quantos tiveram a felicidade e a honra de a ouvir, especialmente os pòveiros, pelas considerações a propósito bordadas àcerca da nossa terra. Feliz, felicissimo, tam feliz quanto poderia ser uma pessoa de méritos indiscutíveis e de sólida e destacada posição no xadrez político actual, o Sr. Dr. Matos Graça soube captivar a atenção dos ouvintes com a fluência da sua prosa bem trabalhada e elegante, onde as evocações de um passado bem próximo e sempre vivo são narradas com uma beleza de expressão admirável e segura nos efeitos a produzir.

Clínico distintissimo e homem público com uma valiosa fôlha de serviços prestados ao Estado Novo, S. Ex.^a acaba de afirmar-se exuberantemente, também, entre nós, como um intellectual de envergadura e de largo

poder analítico, conhecendo admiravelmente as subtilezas da bela arte de bem exprimir os pensamentos, em palavras vigorosas de expressão e ricas nos conceitos e nas imagens.

Ex.^{mo} Sr. Presidente da Câmara da Póvoa de Varzim e
Meus Senhores :

Quis V. Ex.^a distinguir-me entre os que visitam hoje esta linda terra, convidando-me a presidir a êste acto de homenagem; obrigado, mil vezes obrigado pela gentileza.

O meu raciocínio não vê outra razão:—ser pòveiro por nascimento e barcelense pelo coração.

Esta dualidade funde-se no cadinho de todo o meu ser e dêle volatiliza-se o espírito que me anima a falar perante V. Ex.^a, representante da Póvoa e V. Ex.^{as} que aqui vieram no desejo de ouvir alguma coisa que traduza o significado desta visita.

E' verdade que nasci na Póvoa, aqui passei os primeiros anos da minha vida, ouvindo os rugidos do mar em procela ou deleitando os meus olhos curiosos nas ondulações pequeninas e incessantes que vinham pela areia acima desfazer-se em espuma irisada.

Neste embate gigantesco das ondas contra a penedia, temperei o meu espírito para a luta na vida — quantas vezes o recordo! — e nesse ondular suave e brando modelou-se meu coração.

E' por isso que neste momento, meus senhores, ao falar na Póvoa, sinto dentro de mim um reviver de mocidade, um badalar de alegria por me ver entre os que me são queridos pelo nascimento e os que me são parte inerente à vida, pelo que com êstes tenho vivido, compartilhando das suas alegrias ou das suas tristezas.

Muito obrigado, Ex.^{mo} Sr. Presidente, mil vezes obrigado pela sua gentileza; nunca esquecerei.

Nesta hora alevantada de culto pelo regionalismo, V. Ex.^a, Sr. Presidente, abriu o livro de ouro onde se gravam os factos memoráveis do Município, e vai traçando brilhantemente, em cada página, estas visitas, entre iluminuras do mais escolhido colorido, concepção felicíssima de quem tem dentro de si a viver intensamente o amor à Póvoa, pelo seu prestígio e pelo seu progresso. Na linha ascencional que a Póvoa vai traçando a mostrar a sua evolução, nós vemos a transformação rápida e profunda que modernizou esta terra, a Pérola do Minho, que ignoto pescador à beira-mar deixou, no dizer do poeta pòveiro, Gomes de Amorim, evolução que foi orientada inteligentemente pelos seus principais obreiros de então, Pereira Azurar, Sousa Campos e David Alves; e não me refiro aos que ainda têm a ventura de viver, assistindo à estonteante ascensão da Póvoa no progresso; a êsses a justiça será ainda feita quando os homens moderarem as suas paixões e no seu

coração florir em tôda a plenitude a gratidão pelos esforços, energia, sacrificios, por tudo que à Póvoa deram *e dão* para que a Póvoa seja a Praia escolhida por tôda a região nortenha.

Senhor Presidente da Câmara da Póvoa de Varzim:

V. Ex.^a, nas palavras elogiosas que há pouco dirigiu a Barcelos, quando a saudou na pessoa do seu Presidente, foi justo; porque não dizê-lo com orgulho? E' que Barcelos é uma terra cheia de tradições, onde a fidalguia do nascimento é ainda marcada pelas ruínas dos seus Paços, velhíssimo Solar dos Duques de Bragança, sobranceiro ao rio Cávado, que não deixa de recordar nas suas águas sussurantes os sonhos dilatados dos seus senhores, quando do alto das suas tôrres lhas confiavam, à hora do sol poente, fôgo e sangue a diluir-se em paz e amor.

Barcelos, onde o heroísmo é marcado a ferro e fôgo, para sempre, no feito heróico do Alcaide de Faria, pincelado tam brilhantemente há pouco por V. Ex.^a, mas que eu quero neste momento avivar mais para fazer ressaltar o heroísmo dos filhos de Barcelos, que nunca se aviltou, embora já o tentassem fazer. Não, as páginas brilhantes da história de Barcelos têm grandeza épica, ilustrando-a nomes como D. Nuno Alvares Pereira, êsse Herói e Santo que as gerações de agora exaltam no altar da Pátria.

Poetas como António Fogaça, pintores como Cândido Cunha, músicos como Miguel Angelo, tudo são nomes que brilham no céu que acarinha o bêrço onde nasceram.

E subindo êsse escadório de glorificação encontramos muito no alto, nimbado duma auréola de santo, o Bispo D. António Barroso, figura de ainda há dias, perpetuada pelo bronze no gesto lindo de abençoar os humildes, mas que vive e viverá para sempre no coração de todos os barcelenses, como filho muito querido, e venerado como santo, a quem muitos deles dirigem os olhos suplicantes nas horas aflitivas da vida.

Mas se Barcelos, meus senhores, se apresenta a V. Ex.^{as} com estas jóias a engalaná-la neste dia de festa, em que ela cobre o seu peito com tôdas estas relíquias, como minhota que com garridice ostenta as suas arrecadas para mais linda aparecer no dia em que o seu coração vibra de amor, Barcelos olha para a Póvoa e vê-a cheia de encanto e beleza, terra mais moderna e por isso mais progressiva, ampliando cada vez mais a sua pujança desafiando sempre com a sua garridice os que a visitam de ano a ano, atingindo pelo seu constante aformoseamento o grau de prosperidade que lhe dá o direito de ser a primeira Praia do Norte.

A Póvoa tem também jóias de tradição que pode orgulhar-se de neste dia e nesta hora poderem ser ostentadas com ufania.

Eça de Queiroz, o genial escritor que marcou uma escola e uma época. Gomes de Amorim, delicioso nos seus versos, onde muitas vezes a Póvoa, nos seus aspectos característicos, foi cantada com todo o coração. Oradores como António Silveira, de palavra fluente, frase colorida e elegante.

Políticos de envergadura como David Alves, que levou uma vida inteira a morrer pela Póvoa e de quem ainda hoje são recordadas com saúde as suas lições de civismo e bairrismo, pondo acima das paixões, que dividem os homens, os interesses da Póvoa que a todos devem prender em laços fortes de esforço.

E se não tem Castelos cumeados de ameias e patinados pelo tempo a atestar em pelejadas e heroísmo como Barcelos, tem um campo imenso e profundo—o mar, mar da Póvoa—onde o heroísmo tem sido pôsto à prova numa luta mais desigual e mais desleal, por homens como o Cego do Maio, Mestre Sérgio, o Lagôa e outros, cujos feitos têm mais valor porque arriscaram a vida salvando a dos outros, não arriscaram a vida a matar os outros, embora com os olhos na Pátria.

Meus senhores: viemos à Póvoa de Varzim saudá-la nesta hora feliz em que ela acolhe sucessivamente, com todo o carinho, os povos da região nortenha que lhe dão a preferência; e Barcelos, do alto do seu miradouro, que é o monte da Franqueira, avista a Póvoa na sua avançada, que é o monte de S. Félix, coroado de velas enfunadas; as duas terras ligadas por uma estrada, que é uma fita extensa de colorido e originalidade. Barcelos ama a Póvoa; Barcelos prefere a Póvoa; Barcelos demora os seus olhos nesta terra hospitaleira, gentil, que sabe receber. Vimo-lo hoje.

Que esta recíproca afeição se radifique cada vez mais.

Meus Senhores:

Uma parte do programa vai seguir-se: alguém de Barcelos vai falar de Barcelos e seu Concelho.

Esse alguém é o Ex.^{mo} Snr. Dr. Joaquim Pais de Vilas Boas, filho ilustre de Barcelos, herdeiro de um nome que é orgulho de Barcelos e que êle tem feito por conservar com o mesmo brilho, com o mesmo timbre. Jornalista de rija têmpera, desassombrado nas suas ideas e maneira de agir, o Ex.^{mo} Dr. Joaquim Pais de Vilas Boas tem marcado o seu lugar de independência, mas sempre cada vez mais apegado à terra onde nasceu, às suas tradições, ao seu progresso.

O seu trabalho, feito com a inteligência de que é dotado, tem, posso afirmá-lo, o seu coração de Barcelense a modelar tudo quanto vamos ouvir... V. Ex.^{as} vão ter uns minutos de prazer ouvindo-o falar de Barcelos e o seu Concelho.

CONFERÊNCIA DO SR. DR. JOAQUIM PAIS DE VILAS BOAS

A maneira gentil e elegante como o publicista insigne se refere aos amistosos laços que unem as duas progressivas terras nortenhas, e

o carinho especial que em tôda a sua prosa bem burilada se tributa à *Póvoa do Mar*, são a melhor expressão da fidalguia e da comunhão de affectos que entre pòveiros e barcelenses sempre têm existido e existirão, através de todos os tempos.

Rejubilamos intensamente que êsses laços e essa tradicional amizade se estreitem e profundem continuamente, e mais rejubilamos ainda quando pessoas de alta illustração, como o distinto conferente escolhido para nos falar de Barcelos, do seu valor e das suas glórias — sabem apreciar com verdade e com justiça o esforço ingente dêste povo ribeirinho, que conseguiu fazer do seu torrão uma praia linda, amada e querida pelas populações circunvizinhas.

Minhas senhoras, meus senhores:

Preside a esta assembleia, por simpática e delicada deferência da representação municipal da *Póvoa de Varzim*, — um pòveiro de nascimento que barcelense se fêz, desde os primeiros anos da juventude, continuando a illustrar a representação da nobre casa de seus maiores, provando, em tôda a vida, que mais barcelense não fôra se lá nascido houvera. Conhecidos são, por todos, os laços de affecto pessoal e de parentesco que, ao apresentado, ligam o apresentante.

Eles constituem explicação e desculpa para os exageros e as injustiças laudatórias que, embora muito agradecidas de coração, não penso, contudo, aceitar além da justa medida.

Já não se formou a minha mentalidade na escola oratória que, do estudante de falsas modéstias, de humildes declarações de incompetência própria, fazia trino de vaidades balofas.

Dobrada a passagem de meio século de existência terrena, já devo saber conhecer-me, já tenho obrigação de possuir a consciência do que cabe, e do que não cabe dentro das minhas possibilidades.

Da ciência procuro ainda alcançar a noção mais aproximada da grandeza da minha ignorância, mas já consegui compreender bem a insignificância atômica da rima dos meus conhecimentos em competição com a enormidade do saber humano.

Saber conhecer-me a mim próprio — é ideal que persigo tôda a vida. Assim, eu posso afirmar o pouco acêrto da escolha feita pela Comissão organizadora da excursão barcelense, confiando-me o encargo de nesta assembleia de confraternização pòveira e barcelense, vir — por Barcelos — dizer do significado da vista, e — de Barcelos *lembrar* a pòveiros nossos vizinhos e contar aos veraneantes da *Póvoa*, o que Barcelos *é*, e o que Barcelos *tem*. — Acatada a escolha, e aceite o mandato, sob o imperativo do serviço da terrinha, não deserto, porque é dever. Eis a razão por que tereis de ouvir falar, de nobres sentimentos

e de coisas lindas, palavra de seu natural sêca, dura e fria, incapaz de flexionar-se em rendilhados de arte oratória.

Mas podeis crer, senhoras e senhores, que em aridez de expressão, se encerra a maior riqueza de sentimento, de entusiasmo de orgulho e de affecto.

* * *

Exigem os tempos de hoje, mais do que outros, que se estreitem, ao máximo, os laços de solidariedade nacional.

A' idea de Pátria, idea natural que uma Religião bem diz — a idea de Pátria é, hoje, oposta, sob a hipocrisia da fraternidade universal, à idea maldita do comunismo satânico, sem Deus, nem Pátria, nem família. Altear a chama sagrada do ideal da Pátria é, pois, dever, sendo próprias e sendo oportunas, tôdas as occasiões.

São oportunas tôdas, porque tôdas são poucas, porque todo o tempo é escasso para glorificar a Pátria, para servir a Pátria, para avigorar mais e mais o sentimento da Pátria e a solidariedade nacional.

—Mas a Pátria grande, senhores e senhoras, a Pátria de todos nós, êsse que do rio Minho ao Cabo de Santa Maria se chama Portugal e que Portugal se chama, também, em terras de além mar em redor do mundo — a Pátria grande, Portugal, é agregado de pequeninas pátrias, a terra, a têrrinha de cada um dos portugueses.

Solidariedade colectiva dentro da Família, da Freguesia, do Concelho; solidariedade colectiva de terra vizinha para terra vizinha, — em laços de solidariedade, o sentimento comum alastra até à sua máxima expressão nacionalista.

Por isso, eu não considero estas visitas, estas excursões representativas de uma terra, estas visitas de uma terra portuguesa a outra terra portuguesa — como meros pretextos de honesto recreio, como desfôgo de corpos e de espíritos, um dia em descanso justo da labuta diária. Vi sempre, e vejo, nelas, objectivo mais alto, significado de maior alcance: — educativo, pelos momentos que proporciona e pelas nobres emulações que desperta; patriótico, pelos laços de solidariedade nacional que estreita; económico, pelas relações de interêsses que aproxima; e affectivo, pelas amizades que cria e avigora.

— Barcelos é vizinha e velha amiga da Póvoa de Varzim, em constante contacto, em constante ligação sob os mais variados aspectos.

E' constante o intercâmbio de interêsses entre os dois concelhos vizinhos, ocorrendo à semanal feira barcelense os produtos agrícolas da beira mar pòveira.

E as relações transformam-se em amizades, transmitem-se às gerações, tanto e tanto que, na Póvoa, o barcelense sente-se como em

sua terra, e mais ainda quando, na época balnear, quasi tanto como os pòveiros, são os barcelenses que se encontram na vila marítima.

Em Progreso corrente, nessa actividade localista de que a Póvoa de há muitos anos é exemplo superiormente educativo,—a Póvoa de Varzim, praia grande, Zôna de Jôgo e Turismo, com o seu Monumental Casino—junta hoje à colónia balnear, característica sua, de hábitos provincianos, que, fielmente, se mantém, e ali aumenta na concorrência anual—junta a população do centro cosmopolita, própria das praias chamadas de luxo e de elegância. Assim, a Praia da Póvoa desdobrou-se no seu engrandecimento.

Mas, é de notar que a colónia balnear barcelense tem, na Póvoa, aspecto muito seu.

O barcelense, na Póvoa, tanto o freqüentador do Casino como o dos cafés,—não é veraneante, não é banhista como outros.

O barcelense é o vizinho, é o amigo do inverno, de sempre, que toma parte nas conversas pòveiras de interêsse local, que toma, mesmo, como se pòveiro fôsse, partido apaixonado nas discussões internas no comum desejo de melhor acêrto.

E' por isso que, entre as excursões congêneres vindas, e a vir, à Póvoa, a de Barcelos reclama para si lugar especial no coração da Póvoa de Varzim.

Barcelense, não por acaso incidental de nascimento, mas por geração contínua de séculos, que procuro manter e transmitir, como me cumpre—eu, que só fui banhista da Póvoa na primeira infância, compartilho, de forma activa, o sentir dos meus conterrâneos. E o Ex.^m Presidente do Município pòveiro que, de modo notável e com admiração que muito excede os limites locais, exerce o seu alto cargo, sabe que eu, veraneante de outras praias, a que não recuso a minha simpatia, nunca deixei de dar à Póvoa, vila e praia, todo meu interêsse pela sua vida próspera.

E já que a V. Ex.^a tive de referir-me invocando em meu favor o seu autorizado testemunho, permita-me que lhe diga que, como eu, a minha terra, recordando a sua breve residência, lamenta que V. Ex.^a lá se não tenha fixado, para que Barcelos hoje contasse mais um barcelense ilustre, como ilustre pòveiro e com justiça hoje o é.

Pòveiros, senhores e senhoras, que, por deferência a Barcelos, tendes a paciência de ouvir-me, todos pòveiros conheceis Barcelos, terra irmã da vossa muito juntinha, neste nosso Entre Douro e Minho.

Mas, nesta época de verão, em que a Póvoa, além de ser praia da região a que, por natureza, pertence, e de ser praia, também, da gente transmontana, é ainda, praia de tantos que do centro e do sul vêm atraídos pelos eucantos com que, na primeira visita, a Póvoa soube prendê-los—nesta época, muitos são desconhecedores de que a cinco escassas léguas, Barcelos, velha vila e nova cidade, oferece, em si e no

seu vasto Concelho, motivo de visita, com satisfação das mais variadas predilecções do visitante.

Acompanhando o progresso material no melhoramento dos seus arruamentos e na necessária aquisição dos elementos que facilitam a vida moderna, não é por isso que Barcelos chama atenções estranhas.

Nem se empenha em chamá-las para a beleza da paisagem que a rodeia, atravessada pelo Cávado de margens irmãs das do Ave.

Terra de tradições, terra de pergaminhos de velha nobreza, ela mostra, orgulhosamente, os testemunhos da sua estreita ligação aos factos mais significativos da História de Portugal.

Primeiro condado territorial português, ainda os reis da primeira dinastia mal acabaram de trazer com o montante, as fronteiras continentais do reino.

Primeiro condado, em ordem cronológica, a sua importância era tal que, do Condestabre, herói e santo, Barcelos, condado foi, e de tais tempos, a cruz heráldica dos Pereiras, em veste fechada, que é relíquia nossa, continua mostrando as paredes que tiveram a honra de albergar essa figura unânime da Pátria.

No condado de Barcelos se fundiram o sangue real de D. João I, o mestre de Aviz, filho de Pedro o Justiceiro e de nobre dama, com o sangue de Nun'Alvarez, assim formando reis de casa a dinastia que, em 1.640, pôde reatar o fio, brevemente interrompido, da independência nacional. Mas a gloriosa tradição barcelense tem mais pergaminhos ainda do Castelo de Faria irradiado exemplo sublime de sacrifício pela Pátria, a morte com honra, a firmeza na fé jurada, e a noção exacta, do dever de à Pátria dar, sem limite, a vida própria e dos entes mais queridos.

Nuno Gonçalves de Faria, fazendo-se matar pelo inimigo à vista de seu filho, para, nesse sacrifício lhe dar exemplo sublime do dever cumprido sem limites—deu lição tão comparável à de Guzman el Bueno. Se Mocardi, em Toledo, há um ano, de Guzman repetiu o gesto incommensuravelmente grande, também ao invocar em memória do seu exemplar compatriota, não deve ter esquecido o do nobre alcaide português. Passados mais de cinco séculos no sul de Angola, um capitão de dragões envolvido e derrotado, com a sua tropa, em vil cilada de gentio, viu que o cativo trazia do indígena rebelde o escárneo sobre a sua farda de soldado português.

De espada desembainhada, cintilante ao sol de A'frica, arremeteu sozinho em cavalgada heróica de trágica beleza, carregando sobre a massa do inimigo, buscando a morte, mas .. de vagar, tam devagar, senhores, que difficil foi identificar lhe os restos mortais dispersos na refrega. Chamava-se João Carlos Saldanha, Conde de Almoester, neto do Marechal. Lisboa foi sua terra por vida e predial, mas em Barcelos, ao lado do Bom Jesus da Cruz, nasceu.

Nesta lição, senhores e senhoras, se temperou a alma, se formou o carácter da gente barcelense.

Por isso ela sabe mostrar com legítimo orgulho, as ruínas dos Paços dos Condes Duques, a Matriz, sede de antiga Colegiada, as casas solarengas que foram da gente que, de forma notável, bem serviu Portugal — as suas igrejas que são monumentos nacionais e aquelas que, não o sendo, encerram, contudo, um valioso documentário de história e de arte, em exemplares de muito apreciável raridade.

E, relembrando o episódio heróico que Herculano registou — quem visita o Monte da Franqueira, que o de S. Félix aqui ao lado mal oculta à vista pòveira, e, depois de admirado o ex-voto que de Ceuta trouxe à Senhora da Franqueira o oitavo Conde de Barcelos e primeiro Duque de Bragança — e depois, também, de apreciar a vista panorâmica das mais formosas e variadas da terra minhota, jardim, do jardim europeu da beira-mar — quem desce ao próximo local onde existiu o Castelo — em curto trôço de muralha lá recordado — pode ver uma das mais curiosas estações arqueológicas de Portugal.

A Idade Média, denominada romana, e os tempos da pre-história, lá deixaram vestígios, muitos patentes no local, e muitos outros recolhidos no Museu Alcaide de Faria, em que há espécies muito notáveis, que justificam a visita dos homens de saber.

— E na ligação afectiva de Barcelos, a Póvoa deve recordar que um dos arqueólogos que mais dedicadamente pôs a sua ciência ao serviço das excavações, foi Rui de Serpa Pinto, cuja memória é igualmente saúdosa para pòveiros e barcelenses.

Aqui, neste lugar, onde a erudição de Alberto Feio, há poucas semanas, deu valiosos ensinamentos, não devo alongar-me na apresentação de Vilar de Frades, Manhente, Abade de Neiva, etc, nem das pedras do nosso pequenino embrião de Museu.

— Resta-me falar-vos da nota regionalista, do documentário etnográfico que Barcelos largamente possui, com o seu traje camponês perfeitamente diferenciado entre os demais da região minhota.

Na feira semanal, das quintas-feiras, se sintetiza a vida rural concelhia e que tem fisionomia própria.

Exemplares curiosos de olaria e de cerâmica, dignos de profundo estudo dos competentes, a todos dão a noção de pitoresco característico. Rendas de crivos de carreira, mantas de Fragoso. Tapetes de Virtudes, os jogos de talha de Carvalhal, os fusos e rocas de Milhazes, tantas e tantas manifestações de espontâneo sentir artístico dos povos do concelho — constituem elementos de estudo e fornecem, também, recordações de visita, que dá vontade de repetir.

— Enraizada por nobreza de séculos, rodeada por êste ambiente, natural é que o nível da cultura barcelense esteja à altura das suas tradições. A nota cultural é tam nítida, que até a figura do venerando bispo D. António Barroso, o missionário a quem o povo reza — marcou também sob o ponto de vista cultural, na discussão do alto problema antro-po-etnológico em notabilíssima controvérsia internacional.

Não admira, pois, que a estatística nos diga que, só na séde do concelho, residem, actualmente, funcionários e profissões liberais, mais de trinta diplomados com cursos superiores havendo, ainda, pelos próprios rurais, perto de uma dezena.

E destes diplomados, o conhecimento dos seus nomes por projecção da sua actividade cultural, nem em todos é restrita, apenas, aos limites locais.

Nomes de figuras do passado, nomes de personalidades do presente, não poucos tive de mencionar com referências às provas com que as ilustraram.

Pus-me a falar de Barcelos, pus-me a falar da minha terra, da pátria pequena que saudosamente recordei sempre, ainda no meio do mais intenso urbanismo.

Pus-me a falar de Barcelos, e esqueci-me de que vós todos, senhores e senhoras, tendes limite humano para a vossa paciência, e de que a gente môça quer rir e quer bailar, e a gente, que não é môça, quer rever o passado na alegria dos que são o presente e serão o futuro.

Que a vossa generosidade me perdoe e para prova de perdão, e pago do meu arrependimento, aproveitai o primeiro ensejo e ide a Barcelos, vêr como é verdade o que vos disse, e como verdade é, também, que, muito mais do que vos disse, ficou por dizer, para vos libertar deste vosso sacrificio cortês e deferente, que, penhoradamente, vos agradeço.

E tenho dito.

A assistência, que ao Sr. Dr. Matos Graça prestara já calorosa homenagem, aplaudindo-o vibrantemente no final do seu discurso, prorrompeu em prolongada e estrondosa salva de palmas, coroando, assim, o feliz êxito do Sr. Dr. Vilas Boas.

Como as de Braga, as Festas de homenagem a Barcelos terminaram por um luzido baile, por arraial na praia e uma brilhante sessão de fogo de artifício.





VISITA DE GUIMARÃIS À PÓVOA

HOMENAGEM E AGRADECIMENTO DA PÓVOA A GUIMARÃIS

GUIMARÃIS

Esta velhinha terra portuguesa, da qual Ramalho Ortigão escreveu ser «profundamente interessante para as observações da arte e para a educação nacional do espírito e do carácter», tem, pela sua fisionomia monumental, histórica e nacionalista, um grande e singular poder emotivo.

Embora haja perdido muito daquela expressão arcaica e pitoresca que fazia desta terrinha de mesteirais e de nobres um burgo com tôdas as características de «bérço da Nação»; embora nos choque a majestade ultrajada do seu Castelo medieval: a ruinação da sua Alcáçova; a ofendida altivez do seu Paço senhorial; a abatida galhardia do seu formidável cinto de muralhas e tôrres; a impiedosa mutilação de claustros, conventos e cruzeiros, embora sejam muitas as feridas observadas na herança monumental dêste *solar* da Pátria portuguesa, ainda assim tem, Guimarães, trechos e aspectos que um espírito observador logo regista pelo vinco dominante das suas linhas aqui e ali conservadas como relíquias.

* * *

— Dominando a cidade, levanta-se altaneiro o Castelo. «Diferença-se de todos os outros que cobriram quasi tôdas as iminências das honras e préstamos de Portugal e da Galiza, por sua fortaleza, vastidão e elegância».

Êste panegírico histórico, que Alexandre Herculano assinou, foi sentido e respeitado pelo ilustre Director dos Monumentos Nacionais do Norte, o Sr. Baltazar de Castro, acarinhando e tratando as «feridas» dêste famoso baluarte militar dos fundamentos da Nação.

«Vale por uma das mais formosas ruínas das instituições feudais do século XIII em Portugal», escreveu José Caldas, sendo considerado «um dos mais completos exemplares do seu género em toda a península».

Do alto da sua torre de menage, que se atribue ao século X, avista-se ao longe a planície onde é tradição que se dera o recontro, a pelejada armada de S. Mamede; o que conduz o espírito a uma romagem através da História, tantos foram os cercos e assédios, os episódios e

os lances da cavalaria e pionagem galhardas que, a duros golpes de montante, aqui lançaram os primeiros alineamentos de uma Pátria independente e livre.

*«De Guimarães o campo se tingia
D'o sangue próprio de intestina guerra»*

Eis aqui o bêrço de Portugal !

De «GUIMARÃIS MONUMENTAL»

A. L. DE CARVALHO

Por idênticas, na realização do programa, às anteriormente descritas, nas Festas de homenagem à cidade de Guimarães e seu concelho, só registaremos um ou outro acto diferente.

Em sumptuosidade e brilho não foram inferiores às dedicadas a Braga e Barcelos.

Coïncidiu a excursão de Guimarães, verdadeiramente grandiosa, com a vinda à Póvoa de vários grupos excursionistas do Porto, Gaia, Braga, Fafe, Maia -, merecendo especial referência os portuenses «Amores Perfeitos», que vieram associar-se às festas em honra de Guimarães, porque, há anos, tiveram, nesta cidade, uma recepção que muito os sensibilizou.

A banda da *Oficina de São José* de Guimarães, instituição fundada pelo incomparável sacerdote e grande apóstolo rev. Domingos da Silva, executou diversas peças do seu reportório e entre elas o Hino de Guimarães, que foi muito aplaudido.

O Rancho Típico de Guimarães exhibiu-se maravilhosamente nos seus bailados e cantares, constituindo um belo número do programa.

O *Orfeão de Guimarães*—laureada colectividade que o distinto professor Filinto Nina proficientemente dirige—realizou uma audição magnífica, tendo sido apresentado à numerosa e selecta assistência pelo ilustre médico lisboeta e grande amigo da Póvoa sr. Dr. José Pontes, orador brilhante, alma juvenil e franca, servida por um espírito de iniciativa e vontade indomável, que, mais uma vez, proferiu um sensacional discurso.

Houve, no Campo do Varzim, renhido desafio de futebol, entre o Vitória de Guimarães e o Sporting da Póvoa, em disputa da taça oferecida pela Câmara pòveira, que foi ganha pelo grupo visitante.

A SAUDAÇÃO DA PÓVOA DE VARZIM

Como nas demais festas, o Presidente da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim — sr. Dr. Abílio Garcia de Carvalho. apresentou, em

nome da Póvoa, aos ilustres visitantes, as saudações de boas-vindas, entregando a medalha de reconhecimento ao representante do Município de Guimarães.

Segue, na íntegra, o texto do discurso do Sr. Presidente da Câmara da Póvoa de Varzim:

Ex.^{mo} Sr. Presidente da Câmara de Guimarães:
Minhas Senhoras:
Meus Senhores:

Esculpidas numa pedra da torre de menagem da vila velha de Vimarais, existiam duas palavras latinas — *Via Maris* — que parecem ser a origem etimológica do nome Vimaranes, que mais tarde se corrompeu no de Guimarães.

E, no dizer de um historiador, esta inscrição, sem dúvida, do tempo da dominação romana, indicava que a estrada conduzia à costa do mar. E quando a Condessa de Mumadona edificou o grandioso mosteiro onde haveria de recolher-se depois de viúva, procurou para elle um local da *Via Maris*, cheio de beleza, de arrabaldes de encanto e de nostalgia, que dentro de pouco se povoava de casas com prejuízo da antiga vila vimaranense. E assim, em redor dum mosteiro, nasceu a cidade de Guimarães, a mais portuguesa e mais castiça de tôdas as cidades portuguesas.

Bêrço da Nação e bêrço da realeza, perdeu as prerrogativas da côrte, quando esta foi mudada para Coímbra após as conquistas de D. Afonso Henriques; e se então a sua vida sofreu grave prejuízo, foi ela compensada pelo ardor da Fé, conduzindo romeiros e peregrinos ao templo de Nossa Senhora da Oliveira, imagem que, segundo a tradição, o apóstolo S. Tiago havia trazido para terras de Portugal.

Vinham os peregrinos das terras conquistadas agradecer a libertação e quebra da opressão da Moirama, naquele lugar onde a Senhora tinha feito reverdecer instantâneamente uma Oliveira, símbolo da paz. E quando outros templos e outros santuários desviaram os romeiros e peregrinos, Guimarães, terra do trabalho probo e honrado, guardando religiosamente os seus pergaminhos excelsos, e cultivando sempre a sua nobreza de «filhos de Algo», dedicou se à indústria e de tal forma, que hoje é uma das terras mais notáveis do País nos seus fabricos variados e valiosos.

A história pátria e a história de Guimarães confundem-se em suas origens e fundamentos; e onde uma foi altaneira, a outra foi galharda; onde uma foi heróica, a outra foi valente. É que Guimarães, cidade-bêrço da Nação, ao lançar a água lustral do baptismo sôbre a cabeça de D. Afonso Henriques, na pia baptismal que ainda hoje existe,

embalou a idea criadora do Império que o Infante haveria de tornar em realidade fecunda; e ao entronizar no altar do convento de Mumadona a imagem de Nossa Senhora da Oliveira, colocou ao lado da Espada do Império a Cruz do Gôlgota, para que ambas caminhassem entusiasticamente na senda de conquistar e cristianizar o Mundo.

Alfôbre de heróis e de santos, de que D. Afonso Henriques e S. Dâmaso são os expoentes máximos, sempre se distinguiu o seu povo pela nobreza das aspirações, pela firmeza da Fé, e pela sinceridade de convicções, que o tornaram de uma lealdade inconfundível, sobretudo nos momentos em que teve de arrostar com as intempéries de lutas sociais ou políticas; e sempre marcou posições de tal modo elevadas na afirmação de princípios, não só sob o ponto de vista moral, mas ainda no modo de ser cívico, que causam admiração profunda e justa.

Naturalmente nobre, o povo de Guimarães tem carácter próprio que o destaca e impõe dentro de todo o Portugal.

E êsse carácter provém do seu passado e do seu presente; está esculpida na pedra de seus monumentos, que são Lusíadas escritos no granito através de todos os tempos da terra portuguesa. Em Guimarães a história lê-se em construções magnificentes como o Castelo, os Paços dos Duques de Bragança, o Padrão de D. João I, o Alcácer do Conde D. Henrique, a Colegiada, etc., e o amor pátrio exalta-se e sublima-se nessa leitura de maravilha; Guimarães é um dos mais belos altares da Nação, onde a luz brilhante do patriotismo e da tradição ilumina incessantemente todos aqueles que desejam celebrar as lusas grandezas, para dilatar a Fé e conservar o Império.

E a Póvoa que ama a tradição e a História Nacional, a Póvoa terra nova e progressiva, que aprende com as lições do passado na ânsia de caminhar no futuro, a Póvoa admira com veneração respeitosa a cidade nobre e solarenga que é Guimarães.

E' que *Via Maris* já era, na época românica, o traço de união entre a majestade altaneira de Guimarães e da sua Penha, e a planura cheia de bucolismo dêste fragmento de costa atlântica, de que a principal povoação seria a Vila de Rates; e se pudéssemos demorar o nosso estudo nos arquivos de Rates, decerto que já então encontraríamos relações de funda amizade e carinho entre as duas povoações, caso o tempo não haja destruído os documentos de inestimável valor de um passado nobilitante e heróico.

A Póvoa ama, pois, Guimarães, como mestra e guia no roteiro de um passado de glórias sem fim; e também a ama nas memórias contemporâneas, em que o cavalheirismo nacionalista e a lealdade, fazem de Guimarães uma das metrópoles do patriotismo lusíada.

Ao evocar a *Via Maris*, essa estrada de encanto que, em desafio com o Ave, procurava chegar à costa através de montes e de vales, serpenteando colinas e sulcando outeiros, através de matas e de bosques, onde a verdura tem cambiantes e tonalidades diferentes que lhe



EM CIMA – Chegada da excursão de Guimarães

EM BAIXO—O Sr. Presidente da Câmara da Póvoa saudando o povo de Guimarães.





O Cortejo no Passeio Alegre

dão movimento e vida, e onde as flores se criam sem esforço do homem, e abrem as suas pétalas para o céu perfumando um ambiente de misticismo, que eleva as almas nessa região de encantamento que é sem dúvida uma das mais belas de Portugal e do Mundo, ao evocar as terras banhadas pelo Ave e seus afluentes, terras de poesia que jamais os olhos se cansam de ver e o coração de amar, e que só teem semelhantes naquelas outras banhadas pelo Gave no sopé dos Pirineus, ao evocar a *Via Maris*, senhores, por onde as tropas de Afonso Henriques com galhardia inexcedível caminharam em busca da glória imortal.

Eu desejo saúdar, em nome da Póvoa, desta tribuna que é a mais nobre e alta do seu concelho, a cidade bérço da Nação, metrópole de patriotismo e de arte, ao entregar a V. Ex.^a, Senhor Presidente da Câmara, a medalha em bronze do reconhecimento pòveiro.

E que ela seja, Senhor, mais um traço de união fecundo em galantaria e em sentimentos nobres, a unir cada vez mais as duas terras, como o é na alta consideração e estima pessoal que cada vez mais me prendem a V. Ex.^a.

Viva Guimarães!

Aplausos frenéticos, vibrantes, coroaram as palavras do Sr. Dr. Abílio de Carvalho, ouvindo-se infindáveis «vivas» a Guimarães e à Póvoa.

A SAUDAÇÃO DE GUIMARÃIS

Representando a Câmara Municipal de Guimarães, de que é Vereador, o Sr. António Lopes de Carvalho, talentoso escritor, jornalista exímio, conferencista notável, que à propaganda da sua nobre terra tem dedicado o melhor da sua inteligência e que desde novo nutre pela Póvoa sentimentos que muito a penhoreiam, saúdou a Póvoa de forma singular como se pode vêr:

Ex.^{mo} Senhor Presidente da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim:
Meus Senhores:

Há honras que não só honram quem as dispensa, como honram quem as recebe. O convite oficial da Câmara da Póvoa de Varzim dirigido por V. Ex.^a, seu lldimo representante, à antiga e nobre terra de Guimarães, está no caso daquelas honras que honram não só os homens como as instituições. E porque nos actos da vida oficial, como nas relações dos povos, o que mais perdura é a política da concórdia, V. Ex.^a praticou um excelente *acto de govêrno*, promovendo êste encontro fraterno.

Ouvi, Senhor Presidente, as palavras carinhosas e de exaltação histórica proferidas por V. Ex.^a em prol da minha terra e dos meus conterrâneos.

E, se é certo que tam caloroso panegírico desvanecidamente fala ao meu orgulho, mais êsse sentimento se eleva quando um momento penso que as glórias antigas de Guimarães são o substracto das próprias glórias da Pátria — nossa mãe comum.

Este acto de bom governo municipalista, direi mesmo, de elegância moral, que V. Ex.^a promove, em nome da Póvoa de Varzim, vale uma pedra branca nos annos do Município Póveiro.

Realçou V. Ex.^a a velha, a inalterável aliança existente entre a Póvoa e Guimarães. Em verdade assim é.

E é, e será assim — porque a própria natureza o quere!

A continuação desta maré alta de simpatia pela Póvoa de Varzim promana, em boa parte, das grandes virtudes terapêuticas do seu mar. Mercê dêle e dos seus eternos auxiliares, o sol tonificante, a luz diáfana, o ar iodado, pode afirmar-se que a velha aliança de amizade entre Póvoa e Guimarães, não se obliterará jamais!

Sendô o mar *o grande diplomata* neste intercâmbio de relações, é evidente que Deus abençoará e tornará perdurável esta nossa política de amor . . . e de saúde.

Porque não?

Se os povos da circunscrição de Guimarães aprenderam na infância, praticaram na adolescência e não deixaram na sua plenitude de se encaminhar para o mar da Póvoa, quem pode desviar esta corrente de simpatia que o tempo fêz e um instinto, uma lei natural, alimenta e conserva?

Guimarães, meus Senhores, só conhece esta *via* do mar. Posso, pois, com segurança, profetar que Guimarães não trilhará outro caminho!

Encontramo-nos aqui como em nossa própria casa.

Em verdade, aqui, nesta terra, nada nos é hostil.

O clima ameno; o trato dos naturais; a paisagem líquida; a docilidade dos costumes; a fisionomia dos campos; o fundo típico e tradicional da génese póveira; o seu atavismo religioso; tudo, enfim, nos fala à alma e nos incute a certeza de que não somos aqui pessoas estranhas, forasteiros eventuais, mas sim — bons e fiéis vizinhos da porta.

Ainda o litoral póveiro era uma pobre terra de pescadores — que o vimaranense insigne, Alberto Sampaio, estudou nas suas origens étnicas — e já os pais dos nossos pais aqui vinham fazer o seu estágio.

Quando, pois, V. Ex.^a solenemente nos afirma o seu reconhecimento, o reconhecimento da Póvoa do Mar pela nossa constância no velho amor, que vem já dos tempos longínquos dos nossos antepassados, eu sinto a obrigação moral de lhe garantir que — os agradecidos somos nós.

Há muitas praias em Portugal; algumas há, até mesmo, dentro da nossa jurisdição de província, que nos acenam os seus encantos. Mas, repito, esta é a nossa praia. E, quando nos apercebemos que a sua própria dinâmica de progresso recebe e mais pode receber de nós o fluxo da sua grandeza no futuro, é com manifesta alegria que cantamos as suas belezas e fazemos acre-

ditar aos outros—que praias em Portugal há muitas: mas só esta é a praia do nosso amor, da nossa vida, da nossa saúde!

Aqui refloriu, em fulgores e risos, a nossa infância; aqui adejou, em esperanças de amor, a nossa mocidade; aqui, já no crepúsculo da vida, desfolharam nossos pais as recordações da sua saúde.

E' êste o sentido, o pensamento integral da alma vimaranense para com a Póvoa. Veem dos nossos montes, dos nossos campos, dos nossos povoados, do coração, enfim, da terra de Guimarães, efusivas e carinhosas saudações para a Póvoa do Mar.

Esta embaixada, Senhor Presidente, tem as credenciais duma população rural e citadina, superior a 60 mil almas, e tôdas se nutrem de afectuosa simpatia por esta Póvoa marítima, acolhedora, bem educada, sempre grata.

Aos homens da terra e aos homens do mar da Póvoa de Varzim, eu exprimo, em nome de Guimarães, da terrinha mais portuguesa de Portugal, esta saudação tam popular e cristã:—«Amor com amor se paga!»

Viva a Póvoa de Varzim!

A assistência sublinhou o esplêndido discurso do Snr. A. L. de Carvalho com sonora salva de palmas.

NO CASINO—A CONFERÊNCIA

A' noite, no salão teatro do Casino, literalmente cheio, teve lugar a anunciada conferência — «*Guimarães, minha Terra, meu Lar*» — feita pelo mesmo ilustre publicista vimaranense Sr. António Lopes de Carvalho, já atrás mencionado na «Saudação de Guimarães». E' sem dúvida uma primorosa lição de história pátria. Ei-la na íntegra:

Guimarães — Minha terra, meu lar!

Senhoras e Senhores:

As sombras das mais remotas origens de Portugal flutuam sobre a terra de Guimarães.

Tôda a nossa linhagem de lavradores e soldados, de fidalgos e cavaleiros, de artífices e mecadores, aí, em Guimarães, no seu solo, brotou e se afirmou.

Se, indo mais longe e mais fundo, quisermos sondar as próprias radículas da nossa remotíssima ascendência rácica, aí, em Guimarães, as

podemos estudar numa visão retrospectiva, quási integral. Para isso bastará subir aos montes de Briteiros e Sabroso — alguns quilómetros da cidade — e ver as acrópoles, talvez trimilenárias, que Martins Sarmiento, um vimaranense de génio e de fortuna, aí pôs a descoberto.

Nos cabeços dêsses montes áridos, o Celta, porventura nosso parente mais velho, ergueu o seu habitáculo.

Calcurriando o castro de Sabroso e a Citânia de Briteiros, vendo as ruínas das suas casas, as suas vias lageadas, as suas condutas de água, a sua fonte de mergulho, as suas muralhas defensivas; descendo e indo seguidamente em visita aos museus da Sociedade Martins Sarmiento, para observar aí o arqueológico espólio recolhido das notáveis ruínas destas povoações castrenses, o nosso espírito, meditando e estudando, é levado a concluir que o celta obscuro, de uma independência selvagem, antes de descer dos alcantis dos montes e se fixar na chã brava e limosa dos campos, já por si ou por influências estranhas afeiçoava os metais. esculpia a pedra, acendia a lucerna, propiciava os deuses, venerava os mortos, erguia a choça, constituía a tribo, reconhecia o chefe, defendia o lar, o que tudo era a afirmação e a génese de um núcleo social em marcha — o tronco étnico da nossa grei.

Mas, Senhoras e Senhores, deixemos as nebulosas da pre-história. Se revolvi as cinzas arcaicas, foi para aqui poder tirar esta síntese: — Guimarães é uma grande e rasgada janela, voltada para os longes mais longes da nossa origem lusitana !

* * *

De cabeça erguida entremos o frontão da História Pátria.

Foi no limiar do século XII que, junto do Castelo de Guimarães, se feriu a dramática Batalha de S. Mamede — o baptismo de sangue da Nação.

Como foi ? talvez assim:

Em campo raso, à maneira medieval, um prélio de arma se fere.

Uma hoste é constituída pela peonagem e cavaleiros, partidários de D. Fernando de Trava — «o mór fidalgo de Espanha».

A outra tem à sua frente o moço Infante D. Afonso Henriques, couraçado de ferro, fremente de juventude.

A seu lado, nas mãos leais de Soeiro Mendes, ergue-se o estandarte augusto, rutilando nêle, como insígnia de Fé, uma cruz azul sôbre campo branco.

Dão as trombetas clangorosas sinal para o comêço do ajustado recontro. E o choque da arremetida fere-se, impetuoso, na assorriada dos gritos, ao relinchar dos cavalos, no cruento embate das lanças.

É rija e dura a peleja.

Ao cabo de porfiada batalha, cede diante da massa superior dos contrários a hoste do Infante. Mas porque na luta andava Deus por Capitão, outro valeroso cavaleiro surge com gente de refrêsko, alcançando-se finalmente a Vitória.

E é entre brados de estuante aclamação que, no alto do Castelo roqueiro, flutuou à rosa dos ventos a bandeira do Infante D. Afonso Henriques, revoando então no espaço um brado tam jucundo, tam profundamente sentido, que, volvidos oito séculos, ainda parece reviver, repetindo em nosso seio o seu éco formidável:

— «Real! Real! Por Afonso, alto rei de Portugal!»
Guimarães foi bêrço e solar da Pátria Portuguesa!

* * *

Madrugada de 1385. As nove portas das fortes e altas muralhas do burgo estão trancadas.

Pelo seu adarve, junto às ameias, rondam os homens da atalaia.

Trezentos cavaleiros, em rasgado galope, penetram no primeiro reduto amuralhado, forçando a «porta do postigo».

D. João I, o moço rei, ia com os dianteiros, comandando a épica cavalgada. Junto de si, Afonso Lourenço, bradava, altas vozes: — «Portugal! Portugal!»

As gentes do burgo, alvoroçadas, não acertando as roupas de vestir, precipitam-se em fuga, tentando recolher-se na alcáçova do Castelo. El-Rei os manda assocegar. Reúne depois seu Conselho. Um emissário parte a buscar do Alcaide as chaves do Castelo. A sua entrega era a bem da terra portuguesa; e, para o Alcaide, seria em maior acrescentamento da sua honra.

Aires Gomes recusa-se.

E a luta começa.

Fremem em dura peleja as bestas, as fundas, os piques, as lanças, as espadas. No alto da fortaleza giram as catapultas e os virotões. Sobre os assaltantes cai tôda a espécie de metralha — a funda, o pelouro, o pêz derretido, a água fervente, as próprias pedras das barbacãs.

Mas o red to é inexpugnável!

Lançam os de fora fogo às portas. As fogueiras crepitam.

E' nesta luta de leões enfurecidos, a que o fumo das fogueiras dá tons acarvoados de tragédia, que uma figura feminina — a espôsa do Alcaide — se recorta lá no alto, correndo pela adarve, de um para outro lado, chegando pedras abadas de pedras aos defensores do Castelo, gritando, incitando: — «Castilla! Castilla!»

Mas Castela não venceu.

Ao cabo de trinta dias de cerco, Aires Gomes, o Alcaide, é tirado do Castelo, em ombros de homens, já moribundo.

D. João I vai ajoelhar diante do altar de Santa Maria de Guimarães

—Guimarães é, pela Galhardia do seu Castelo, a corôa heráldica da independência nacional!

* * *

Mosteiro de Mumadona. Nossa Senhora da Oliveira.

Eis o tronco sacro de onde se desprende em larga ramaria pelo vasto termo de Guimarães um longo rosário de igrejas, mosteiros, capelas, ermidas, oratórios e cruzeiros.

Santuário de milagres, para Santa Maria de Guimarães se dirigiram, em tempos idos, caudais de peregrinos, romagens de reis, de nobres, de plebeus.

Os triunfos de Ourique, os louros do Salado, a vitória de Aljubarrota, a conquista de Ceuta e tantos outros grandes feitos de armas, são pedras refulgentes na corôa de Nossa Senhora da Oliveira — Santa Maria de Guimarães.

Entremos êste templo-monumento.

Sangra de dôr pelas muitas profanações de arte que sofreu.

Contudo, êle foi a Meca portuguesa!

Paira la dentro o perfume da alma religiosa — rosa mística da Nação!

Penetremos no seu claustro românico.

O Museu Regional de Alberto Sampaio está ali instalado.

E' um cofre de raras preciosidades artísticas.

Meditar êste tesouro sacro é ter a visão integral do espírito devoto, sentimental e cavalheiresco da Idade Média

Viajeiro que, em dia de Nossa Senhora de Agôsto, passe em frente do Padrão da Vitória, junto da igreja da Oliveira, pode assistir, hoje, como há 100, 200, 300 anos, à comemoração da glória de Aljubarrota — comemoração feita ao ar livre, sob a cúpula do céu e com a presença dos homens da governança local.

O Pelote de D. João I, roto e velhinho, ali nesse dia exposto, recorda a romagem piedosa do Mestre feita depois da Batalha real a Santa Maria de Guimarães, acompanhada de seus companheiros de armas.

—Guimarães é, pelas memórias do passado, a terra mais tradicionalista de Portugal!

* * *

Guimarães, côrte dos primeiros reis, foi o mais fértil alfobre de onde brotou a grande árvore geneológica da nobreza de Portugal.

Desta refulgência nobiliárquica ainda nos alvares do século XVIII se viram fortes vestígios. Então contavam-se no termo mais de meio cento de vínculos e morgadios.

A coroar tôda esta famosa tradição de fidalguia — a qual deu os seus melhores filhos para as conquistas e navegações da Índia, Brasil e A'frica — ergue-se, na parte altaneira da cidade, a massa granítica dos Paços dos Duques, monumento de arte civil do século XV.

Penetremos no pátio espaçoso da severa construção feudal.

Para encontrar um traço delicado que naquela massa de granito, de architectura pesada, nos fale da alma lirial de uma mulher, fixemos a atenção em uma portada joanina erguida à altura do 1.º andar, guarneçada por colunas de mármore branco. Esta portada dá acesso para um aposento que deve ter sido o salão nobre do Paço.

E' iluminado da luz do nascente, por duas altas e elegantes janelas, lavradas no mais puro estilo gótico.

Então, dominados por um forte poder subjectivo, entrevê-se a figura macerada e cristã de uma alta Dona, de estirpe real, que foi a mulher segunda do velho Duque D. Afonso de Bragança, e que nestes paços senhoriaes viveu e morreu em cheiro de santidade.

Em estátua jacente, cingida ao hábito de estamemha franciscana, D. Constança de Noronha vê seu túmulo arrumado para trás de um altar da igreja de S. Francisco — tal qual succede ao casario brasonado da nobre terra de Guimarães, em chocante ruinação.

— Guimarães é ainda assim uma terra com solares e brasões de esmaltada glória!

* * *

Nos antigos Paços Municipais o sino de correr, em épocas extintas chamava o Senado a reunir.

No altar emparedado na sala das audiências, onde se via um retábulo de Espírito Santo, um sacerdote rezava a missa.

Após o acto de culto, os edis municipais tomavam assento nas suas cadeiras de espaldar.

Ao lado dos homens bons do concelho, dois homens dos officios, tomavam igualmente o seu lugar.

Feito o juramento sobre o livro dos Evangelhos, a audiência, começava, sob a presidência do Senhor Juiz Ordinário.

E os dois procuradores dos homens dos ofícios davam suas vozes no modo de deliberar e dar despacho às partes.

A nobreza, porém, contesta aos homens dos mesteres oficinais, seu direito. Os Doze dos Misteres agitam no ar a Carta Régia, que lhes foi outorgada por D. João III, em Côrtes.

Há envoltas e arruídos.

Ergue-se, ao alto, clamando ordem, a vara do Senhor Juiz de Fora.

Contra a birra dos nobres e em prol das prerrogativas dos «mecânicos», cachoam os mesterais das ruas de Couros, Sapateira, Forja, Caldeiroa, Peliteira, Correira, Tesoureira, Ferreira . . . recorrendo, por fim, os protestantes aos tribunais. Ou não fôsem os artífices da nobre vila de Guimarães «uma pequena nobreza de espada» !

Porque não ?

Velhos pergaminhos garantem que já na primeira Dinastia havia ali cutileiros, coureiros, ourives e outros misteres. E mais afirmam a dão fé que, já em 1296, havia em Guimarães uma corporação de sapateiros, com seu albergue e hospital, em regimen de corporativismo.

E esta tradição de trabalho não se obliterou nem perdeu.

— Guimarães é a primeira colmeia industrial do Minho.

* * *

Minhas Senhoras e Meus Senhores:

Uma cidade como Guimarães, talvez conviesse ser vista de noite, quando, sem luzes, fôsse banhada por um luar discreto.

Então, seus rocios e ruelas, suas casas de ressalto e beirais salientes, seus nichos, cruzeiros e igrejas, suas pedras de armas e rótulas de conventos, suas alpendradas, panos de muralha, e castelos denteados com ameias, tudo isso avultaria em sonho e nos daria a visão exata do velho burgo afonsino.

— Guimarães antiga, é uma cidade com carácter. Tem uma fisionomia própria.

* * *

Vou terminar.

Para que, porém, não fique no espírito de V. Ex.^{as}, minhas Senhoras, a idea de que Guimarães é apenas a carcassa de um velho burgo adormecido, iluminado pela poesia da História e da Tradição, eu ousou convidar V. Ex.^{as} a ascensionar às alturas — subindo à Penha.

Não tem a Penha de Guimarães a majestade olímpica das altas serras.

Não tem. Contudo, parece que do seu mais elevado pináculo já

podemos tocar com um dedo a cúpula sidérica. Falar mais de perto com as Estrélas. Dialogar com Deus.

E' êste o segrêdo espiritual das altitudes.

Razão por que os altos pináculos do nosso Minho — como a Penha de Guimarães — se converteram em Santuários de Fé.

A par da Virgem, são nubes tutelares dêste miradouro altaneiro — a rocha, a água, a árvore.

Geològicamente é a Penha um mar ondulante de fráguas.

A sua penedia brava—onde há monolitos gigantes de linhas bizarras e estáticas atitudes—exprime fôrça, equilíbrio, majestade.

Dêste conjunto admirável, surgiram grutas singulares. Em uma dessas grutas fêz no Século XVIII seu cenóbio e altar, um monge Carmelita. Então, aquele monte, era infestado de animais bravos — a selva onde só o caçador penetrava.

Hoje, é estância de repouso. Roteiro ascético de peregrinações. Atracção de turistas.

Aos encantos da sua paisagem de maravilha abertos para horizontes sem balisas, quero eu, Senhoras e Senhores, buscar as harmonias mais delicadas e vertê-las em vossos corações, para que me relevem a má pintura que fiz da minha terra e o tempo que lhes fiz perder dentro dêste monumental Casino—Casino de diversões, onde a palavra de um provinciano desamaneirado, como eu, é sempre—uma massada!

Numa revoada de palmas, a assistência ovacionou delirantemente o ilustre orador, que tam bem soube dizer da sua terra, do seu bêrço e do seu lar—essa Guimarães tam célebre, tam gloriosa nas páginas da História Pátria.

Seguidamente, o académico vimaranense Rodrigo Félix declarou, com arte, inteligência e vibração, a interessante poesia intitulada—*O Mar da Penha à Póvoa do Mar* — expressamente composta para êste dia pelo distinto poeta Sr. Delfim Guimarães. Melhor que quaisquer palavras de aprêço, por muito justas que sejam, dirão do seu valor e profundidade de conceito êsses versos que tam bem calaram no ânimo dos ouvintes, pelo que não resistimos a transcrevê-los:

Eu te saúdo,

ó meu irmão forte e trigueiro !

Povo da linda Póvoa, ó meu Irmão Pòveiro !

A semelhança em nós, Irmão, como é tamanha :

— Tu és Póvoa do Mar e eu o Mar da Penha !

Num grande abraço, agora, eu no teu peito caio,

Quero sentir, 'scutar,

Nesse peito, onde a dor tem ondas tresloucadas

*E que as soube domar
O teu Cego do Maio,
Gigante salvador de vidas naufragadas;
Quero sentir, 'scutar,
Teu grande coração, aqui, no coração,
O' meu soberbo Irmão!
O' formidável Mar!*

*Em vagalhões de anil e rendas leves, mansas,
Vejo as ondas beijar a areia faïscante,
Onde brincam ao sol dezenas de crianças,
Tornando a tua praia um Eden deslumbrante!*

*É Febo a arder em luz com todo o esplendor
Por sôbre os guarda-sóis de sombras tentadoras,
Que excita um rouxinol a delirar amor
Nos risos de luar das bôcas das Senhoras!*

.....

*Chegou à barra o barco! Ele lá vem, lá vem!
E' um cordeiro o Mar!
O barco uma casquinha!
Bondoso São José,
O' Senhora das Dores,
Bendita, ó nossa Mãe,
Que nos trazes o pão em pilhas de sardinha!*

.....

*Venho abraçar-te, ó povo,
O' meu Irmão trigueiro,
E neste abraço enorme e quente, que me escalda,
Quero fundir o Mar da Penha, o altaneiro,
No teu formoso Mar, que é um beijo de esmeralda!*

Setembro de 1937

DELFIN GUIMARÃIS.

CONSERTO ORFEÓNICO

O afamado Orfeão de Guimarães, a que se fêz atrás referência, cantou a seguir no Palco do Salão Teatro do Casino várias peças do seu elenco musical, deixando a assistência enlevada e bem disposta para o baile que se seguiu.

Dentro e fora do Casino (a sessão foi transmitida para o exterior) a multidão aclamou demoradamente o excelente grupo coral que tanto honra a cidade-bêrço da Nação.

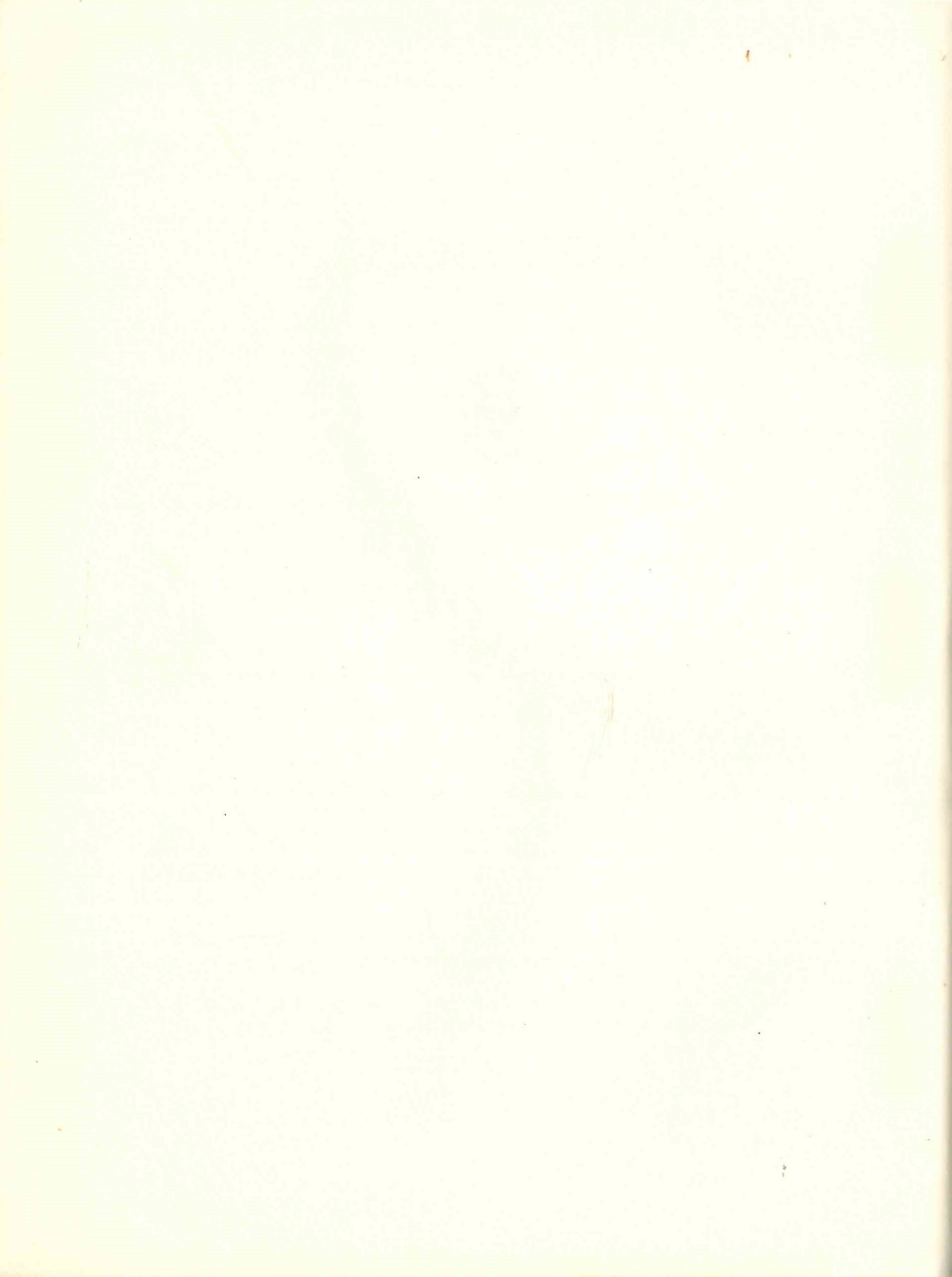


POVOA DE VARZIM — Praça do Almada e Paços do Concelho



VISITA DE FAMALICÃO À PÓVOA

HOMENAGEM E AGRADECIMENTO DA PÓVOA A FAMALICÃO



FAMALICÃO

Cantar Famalicão e as suas belezas, exaltar Famalicão e o seu povo benrado e trabalhador, é, senhores, nesta hora magnífica de realizações práticas vultuosas e impressionantes, cantar e exaltar a beleza e a vitalidade do Minho lindo e sempre florido, onde seus filhos queridos, moirejando e cantando, fazem desabrochar da terra riquezas incomparáveis. que veem transformando a sua província na mais bela e na mais operosa das províncias dêste *jardim da Europa à beira-mar plantado*. E. por isso, como minhotos pelo coração e pela inteligência que somos. fácil nos é exprimir, neste momento jubiloso para a nossa terra, a profunda e sincera estima que a todos os povos amigos do Minho nos enlaça e a que não podemos nem queremos furtar-nos, por múltiplas e bem fortes razões.

Prouvera a Deus que fôssemos capazes de reduzir integralmente a escrito os sentimentos que nos vão n'alma, para que bem nítido e compreensível resultasse o nosso pensamento quando queremos falar da gratidão dos pòveiros para com as terras que os distinguem com a sua preferência constante.

Então, senhores, certamente que haveríamos de deixar bem vincado o incontestável direito que os famalicenses têm de ocupar em nosso peito um lugar do mais franco e afectivo destaque.

Porque, se o reconhecimento não é essa quimera ardente que incinera os corações antes que nêles brote a flôr da gratidão perene e sentida, na Póvoa e em Famalicão há muito que floriram idênticos anseios de bem se amarem e de bem se estimarem, como velhas amigas nas lides do trabalho que nobilita e engrandece.

E é precisamente essa amizade recíproca que amanhã estuará vibrante e esplendorosa na magnífica recepção que a Póvoa vai fazer a Famalicão e seu concelho.

Convencidos como estamos de que a jornada de amanhã será mais um retumbante triunfo para as duas terras amigas, só nos resta formular êste desejo:

Bemvinda seja Famalicão à nossa terra !

(De "Idea Nova", de II-IX-938.)

Mutatis Mutandis, o que dissemos do brilho e da grandiosidade das Festas de homenagem a Braga, podemos aplicar às de agradecimento a Vila Nova de Famalicão.

Por mais que se dissesse referente a elas, não passaria de uma idea pálida, sumida, apagada.

Contaram-se por milhares os famalicenses que, em automóveis, camionetes e combóios, se deslocaram á Póvoa, em 12 de Setembro de 1937, para tomar parte em tam fulgurante festa.

Foi um dia de glória para a Póvoa e Famalicão.

Além do extenso e imponente cortejo, da inesquécível sessão de boas-vindas, da sumptuosa sessão solene no Casino, do luzido baile e doutras entusiásticas manifestações de regosijo, semelhantes às descritas já no relato das excursões que esta precederam, há a salientar os Grupos Folclóricos de Famalicão e Caniços, que deslumbraram as multidões com a impecável execução dos seus bailados e descantes, durante a tarde e à noite, no Passeio Alegre.

A SAUDAÇÃO DA PÓVOA DE VARZIM

O Ex.^{mo} Sr. Dr. Abílio Garcia de Carvalho, depois de vivamente ovacionado pelos seus conterrâneos famalicenses e pelos seus amigos povoenses, pronunciou um magnífico discurso, a miúdo interrompido com frementes «vivas» e palmas.

Sua Ex.^a, neste discurso deixou a bôca falar da abundância do coração — *os loquitur abundantiae cordis* — e o seu coração grandioso está pleno de amor a Famalicão, terra que lhe foi bérço, e à Póvoa, terra generosa que o adoptou como filho.

Ditou-lhe o amor palavras tam belas, frases tam sublimes que a assistência, num paroxismo de entusiasmo, o aclamou constante, incansavelmente.

Ex.^{mo} Senhor Presidente da Câmara Municipal de Famalicão:
Minhas Senhoras e Meus Senhores:

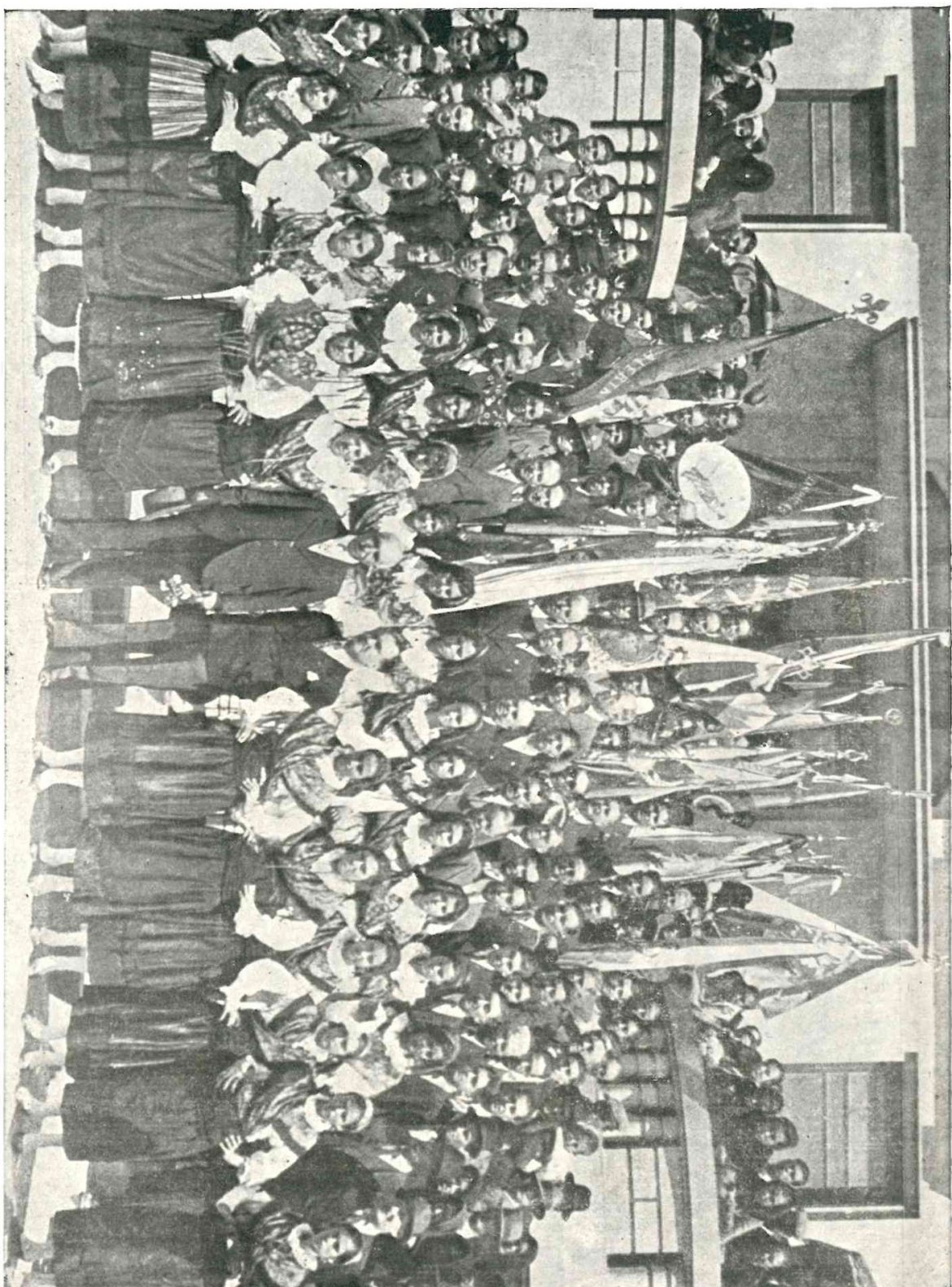
Também por vezes a alegria e a felicidade perturbam a enleiam! E neste instante em que me encontro em tam alta e delicada tribuna, recebendo a terra querida que me foi bérço, em nome de outra terra igualmente querida a quem fiz doação plena da minha actividade e do meu trabalho, dos meus affectos e das minhas aspirações que confundo com as suas, certo de que, após o último alento da vida, aqui descansarei para sempre junto do lar onde passei os momentos mais felizes



EM CIMA—O Snr. Dr. Abílio de Carvalho discursando na Câmara da Póvoa, tendo à sua direita o Snr. Dr. Francisco Alves, Presidente da Câmara de Famalicão.

EM BAIXO — Aspecto do cortejo no Passeio Alegre vendo-se no 1.º plano os membros das Câmaras Famalicense e Póveira.





Os dois Presidentes das Câmaras os Grupos Folclóricos de Famalicão e Cantico, estandartes municipais e de associações e muitas personalidades de relevo de ambas as vilas, na escadaria do Casino.

da existência: neste instante, Senhores, eu sinto a perturbação natural e viva de quem ama sinceramente e intensamente, até o ponto de reear que a menor sombra deselegante possa estabelecer paralelos ou comparações que diminuam a ternura que existe em todo o meu ser, para com Famalicão e Póvoa, para com Póvoa e Famalicão!

Senhores! Porventura o amor santo que votamos a nossa mãe, diminua ou invalida o amor pleno que dedicamos àquela que nossa alma escolheu para companheira de toda vida?

Evidentemente que não; e é por isso que, se amo Famalicão como se ama quem nos deu o ser, num acto de ternura e de amor abençoado por Deus, se amo Famalicão nas recordações carinhosas e inapagáveis da infância, que em verdade nos prendem, num bucolicismo cheio de poesia e de saúde, às pessoas e às coisas, aos lugares e aos incidentes que cercaram a nossa vida quando a inteligência e o espírito se abriram para receberem as primeiras impressões; se amo assim Famalicão, eu amo também a Póvoa, como se quere à mulher admirável a quem entregamos o coração; à mulher que nos prendeu pelos encantos, pela ternura, pela delicadeza do seu espírito, pela beleza de sua alma; alma de eleição de Senhora na plenitude da elegância moral, que sabe sofrer e que sabe amar; que sabe sentir fundamente as injustiças que lhe façam, e perdoar sem limite o mal que daí advenha; nobreza que encanta pela disciplina; modéstia que enamora pela firmeza sem orgulhos; mulher admirável que ampara e anima a quem ama, para que trabalhe incessantemente para o bem!

Assim eu amo a Póvoa, como a amo ainda na vida de trabalho intensivo, na ânsia de perfeição e de beleza que ela sabe despertar em quem a serve com superioridade; amo-a no seu desejo humanitário de proteger e acarinhar os que necessitam de conforto e de agasalho, amo-a nos amigos queridos e companheiros dilectos, que nos compreendem e estimam, e ainda a amo, senhores, nos próprios adversários honrados, que, embora por outro prisma, anseiam honestamente — ânsia inútil e sem razão de ser — por satisfazer idênticas aspirações colectivas!

Por isso, senhores, me sinto perturbado com êstes dois amores, neste instante feliz da minha vida operosa, em que tenho a enorme honra de saudar em nome desta terra querida, desta terra de eleição, a terra jovem, de trabalho probo e honrado, de beleza e de galhardia, que é Famalicão.

Não tem esta palácios românicos, nem minaretes moiriscos, nem tórres de menagem a atestarem idade provecta ou lutas heróicas no passado; fundada por D. Sancho I em 1205, que ficou maravilhado com a beleza do lugar e procurou dar-lhe vida, só em 1706 se tornava povoação de 100 fogos; e desde que em 1835 foi a aldeia de Famalicão tornada sede de concelho e de comarca com todas as prerrogativas e regalias, floresceu de tal modo em predicaos materiais e morais, que

a nobre Senhora e Rainha D. Maria II, ao dar-lhe o título de vila, o fez além de outras razões porque *«tinha em atenção a lealdade que distingue os seus habitantes»*.

E progrediu desde então de tal sorte, que já em 1910 Maximiano de Lemos dizia, em sua enciclopédia, que a vila «cercada por extensos e verdejantes campos de opulenta vegetação, é uma das mais interessantes e florescentes povoações da província; cortam-na ruas magníficas, e alindam-na muitos e elegantes edifícios públicos e particulares de construção moderna, e que a tornam sobremaneira atraente».

Famalicão é tudo isto!

E eu recordo com infinita saudade os tempos da juventude em que admirei pela vez primeira a Igreja românica de S. Tiago Dantas, e a paisagem imponente que dali se disfruta por sobre a vila e arredores, verdadeiro jardim semeado de casas alvacentas e belas!

Recordo as impressões deixadas em meu espírito pelo mosteiro de Landim e sua cêrca, que Sebastião de Carvalho, êsse mimoso e saudável poeta famalicense das «Rosas da Minha Terra», cuja memória me é particularmente querida, cantou em estrofes de elevado lirismo quando dizia assim:

*«E' ainda o amor, nesta espessura,
Que palpita nas selvas do arvoredos;
Fecunda a Terra; pulsa na estrutura
Do coração das rosas-fulvo e lêdo . . .*

*Todo o edificio, agora mergulhado
Em sombras, é um túmulo silente . . .
Na velha tórre que lhe fica ao lado
Batem trindades compassadamente . . .*

*E parece que tôda a natureza
Com as mãos postas, n'um recolhimento,
Abaixa os olhos e baixinho reza . . .
Pelo pó que passou dêste convento !*

Lembro também, meus senhores, a visita à casa de Camilo, onde as recordações de um passado de sentimento vivido, e de nostalgia poética, são ensombradas pela horrível tragédia que pôs termo à vida do mestre na linguagem e do prosador insigne, que em Novembro de 1876 já com alma saudável do passado, e num lamento dolorido, dizia a Tomaz Ribeiro na Maria Moisés das Novelas do Minho:

«São passados dez anos depois que vieste aqui; foi ontem; e a pedra onde gravei o teu nome está denegrida como a dos túmulos antigos. Debaixo dela estão dez anos da nossa vida. Jazem ali os homens que então éramos. Estou vendo Castilho encostado ao friso da coluna tôsca, estou ouvindo os teus versos recitados em nome dos meus filhos... Ah! é verdade... tu não os recitaste porque tinhas lágrimas na voz e no rosto. Que faria de ti a política, meu querido, meu poeta da pátria e da alma?»

Na verdade Camilo, o prosador poeta e escritor vernáculo, era um sentimentalista que vivia de emoções intensas.

E quando resolveu fixar a sua residência em S. Paio de Seide, devia seu espírito de artista e sua sensibilidade requintada, ter-se deixado influenciar apaixonadamente não só pelo feitio lhano e pela alma boa do povo dessa Região do Minho, mas ainda e sobretudo pela beleza da paisagem que embala sonhos, pelo recorte dos outeiros e dos montes que encantam a vista, pelo zig-zaguear dos caminhos e estradas que sulcam prados floridos, casais ajardinados, pequenos bosques de verdura e campos lavrados, onde a água canta e vive o seu amor à terra, preme de seiva criadora!

Senhores! Eu recordo ainda o bulício da vila nos dias de feira, em que as raparigas aldeãs, graciosas e belas, de lenços de frócos e saias de baêta com barra de veludo, ouvem palavras de amor ditas em verso por rapazes que, poetas e menestrelis populares, sobrepoem imagens de mulheres em suas retinas até encontrar aquela que lhes desça ao coração.

E' assim Famalicão, Senhoras e Senhores!

E, se D. Maria II lhe chamou terra de lealdade, hoje chamar-lhe-ia terra de lealdade vivida e de labor intenso; porque aí existe a aristocracia do trabalho que honra e nobilita, ao manifestar-se no carácter patriarcal de muitas de suas fábricas, em que os operários vão sendo cada vez mais queridos, na medida em que as cãs vão prateando suas cabeças venerandas!

E nesta hierarquia do trabalho honrado e abençoado por Deus, que ampara milhares e milhares de vidas, saciando milhares e milhares de bôcas, tiveram categoria de Príncipes, nobres figuras já desaparecidas, que avultam cada vez mais em nosso espírito pelo valor que revelaram em iniciativas fecundas:

Narciso Ferreira o criador admirável da indústria de Riba d'Ave, e José Carvalho e Lino Carvalho criadores inteligentes e austeros de indústria multiforme na vila de Famalicão, Guilherme Folhadela, Higino Macedo e Joaquim Marques, comerciantes ilustres.

Foram Príncipes do trabalho cuja memória se venera enternecidamente nessas terras, que tanto devem à sua iniciativa e arrôjo inteligentes e fecundos, e que os vindouros hão-deabençoar perpetuando seus esforços ingentes, na memória e carinho dos filhos, de geração em

geração. Vila Nova e Terra Nova, cujos pergaminhos se criaram e vão criando nos tempos actuais, por meio de príncipes do trabalho e mais alto ainda, muito mais alto, por meio de Príncipes da Igreja que atingem nas asas adustas do pensamento, da humildade e do saber, as mais altas jerarquias do Mundo, eu te saúdo em nome da Póvoa, desta terra de heróis ilustres como o Cego do Maio e Patrão Lagoa, de escritores eminentes como Eça de Queiroz e Gomes de Amorim, de arqueólogos como Rocha Peixoto, e de pessoas humildes e santas cuja memória se venera, como o Bento das Sacas.

Saúdo te, Famalicão, na pessoa do Dr. Francisco Alves, querido amigo e digno e bondoso e ilustre presidente da Câmara do teu Município, ao entregar-lhe a medalha do reconhecimento pòveiro.

E que ela seja, senhores, mais um motivo permanente de carinho e afeição entre as duas vilas, que no momento em que termino minha pobre oração peço a Deus perdure indefinidamente, ao reproduzir os versos do cantor das «Rosas da Minha Terra» quando dizia no limiar do seu livro, como eu digo agora a Famalicão.

*«Para te receber condignamente
Ergui na entrada em espirais raiosas
Um vasto peristilo surpreendente,
Colunas de alabastro sumptuosas;*

*Das arcadas de pompas do oriente,
Pendem festões de madressilva e rosas . . .
Entra na quadra de Iriada luz:
E' o amor que te espera e te conduz!»*

Viva Famalicão!

Famalicão e Póvoa, a uníssono, aclamaram, numa revoada de palmas, o discurso do Sr. Dr. Abílio de Carvalho, que tam alto soube elevar as duas vilas vizinhas e amigas.

A SAUDAÇÃO DE FAMALICÃO

Em seguida, o Sr. Dr. Francisco Alves, distinto e digníssimo Presidente da Comissão Administrativa de Vila Nova de Famalicão, pronunciou, em nome do Município que tam admiravelmente tem dirigido, a seguinte saudação:

Senhor Presidente:

Ainda sob a emoção, que sentimos, pela triste fatalidade que ontem enlutou a nossa terra, não podemos deixar de significar, a V. Ex.^a e à gente da Póvoa, a alegria que nos vai na alma pela grandiosa recepção que acabam de nos fazer. Não sabemos se estamos ainda no Concelho onde nascemos, se naquele que, desde a nossa infância, tanto nos tem acarinhado, atirando os beijos do seu mar azul a todos que vêm aspirar a sua briza benfazeja.

O Povo de Famalicão, imensamente reconhecido pelo acolhimento que os Poveiros lhe dispensaram, agradece esta sua tão amável gentileza, filha de corações amigos, que desde sempre se têm encontrado unidos.

O nosso Concelho tem acompanhado com satisfação o progresso desta terra querida, onde tantos dos seus filhos labutam também, embora agora tanto queiram à terra que os acolheu, como àquela onde nasceram. (E' disso um vivo exemplo V. Ex.^a como há pouco acabou de frisar).

A Póvoa e Famalicão amam-se mutuamente, porque são vizinhos, bem dados, vizinhos que se admiram nos seus progressos.

A Praia da Póvoa de Varzim, nossa praia dilecta, é a primeira praia do norte do País, se não de Portugal.

Muito gostamos de a ver progredir, muito gostamos de a ver com o seu grandioso Casino, admirado pelos seus luxuosos salões, e com o seu Pôrto de abrigo em construção, para que os pescadores desta terra possam também ganhar o seu pão de cada dia.

Admiramos a sua praia longa e de aspecto tam belo, que no nosso País não há outra que a iguale.

Mas muito mais há que admirar nesta importante terra:—os seu tapêtes célebres de Beiriz, a sua grandiosa Igreja de S. Pedro, em Rates, etc.

Senhor Presidente. Viemos hoje aqui, porque queríamos estreitar mais as relações de affecto que entre as duas terras sempre existiram, e as palavras amigas de V. Ex.^a, lldimo representante dêste concelho, calaram tão profundamente no nosso coração, que não devo sair daqui sem que, em nome do concelho de Famalicão, do qual V. Ex.^a é também ilustre filho, lhe deixe o meu affectuoso abraço de reconhecimento.

Viva a Póvoa de Varzim!

Viva o Povo desta terra!

Viva Portugal!

A assistência mimoseou o ilustre orador com uma prolongada salva de palmas, terminando a sessão por entre «vivas» ardentes, retumbantes à Póvoa e a Famalicão.

A fatalidade, a que o ilustre orador fêz referência no início do discurso, significa o tristíssimo desastre sofrido pelos Bombeiros da progressiva vila de Famalicão, quando no cumprimento de humanitário e inadiável dever, embateram os seus pronto-socorros, resultando daí alguns mortos. A Póvoa sentiu imenso êsse golpe que profundamente enlutou a sua querida vizinha, na véspera da excursão, que não foi adiada por ser de todo impossível.

Deixou, por tam doloroso motivo, de realizar-se na Póvoa, como um deslumbrante número do programa, a parada e o exercício dos Bombeiros, com as corporações da Famalicão e da Póvoa

JUNTO DO CEGO DO MAIO

O Sr. Vasco de Carvalho, famalicense ilustre, digno da maior veneração, Presidente da Associação Comercial de Famalicão, investigador infatigável e probo, dotado de vasta e sólida erudição, pronunciou, junto ao monumento do Cego do Maio, onde o cortejo estacionou, a conferência que segue e que foi muito aplaudida.

DISCURSO DO SR. VASCO DE CARVALHO

Pòveiros:

Cabe-me, na condição de presidente da Direcção da Associação Comercial e Industrial da Vila de Famalicão, vir junto dêste monumento, proferir algumas palavras de simpatia e homenagem à gente pòveira.

Bem desejava que a abóbada celeste e de real valor, que nos cobre pelas alturas, fôsse neste momento mais aconchegada, para permitir que elas pudessem penetrar com melhor perfeição nos vossos ouvidos e para que o significado da sua resonância, como um eco amigo, batesse perfeitamente, no coração da Póvoa do Mar.

Pretendia ainda que o meu espírito soubesse interpretar, com rajadas de eloquência, o valor da vossa terra, para assim mais fundamente tocar e focar as vossas almas de pòveiros.

Senhores:

São sòmente, na verdade, uma dúzia de palavras aquelas que vou pronunciar, porquanto, se muitas fôsem, que deveria eu dizer para levantar mais alto ainda o valor da vossa linda terra?

Recolho-me então a um resumo de expressões, para, em ligeira traça, esboçar o quadro que daria imagens fortes e ricas, em tonalidades salientes, destacando excepcionalmente a Póvoa de Varzim.

Mas, como afirmativa peremptória e terminante,—sempre quero referenciar que vos trago e vos transmito as melhores homenagens da minha terra.

Depois, como consequência, queria cantar, como uma hossana brilhante, êste vosso mar esmeraldino, que pela beleza das suas perspectivas, nos dá, constantemente, quadros de maravilha.

Referir também êste mar com as suas calmarias luarentas, com visões cheias daquele encanto de lenda, que, num conjunto assoberbante, dão orgulho à vossa terra.

Falar ainda dêste mar com outro aspecto, ou seja aquele, quando o vemos embravecido e revôlto, dando feições de ondas alterosas, como numa fantasia de belo horrível,—mas que até hoje o destemido pòveiro não soube temer.

Poderia falar-vos dos vossos primeiros donatários, dos vossos forais, da vossa fortaleza, das ermidas, das capelas e igrejas, vindas de velhos tempos.

Da vossa praia do pescado, quando nela havia 500 barcos, da Fé pòveira, das vossas festas, dos vossos costumes e tradições.

Teria que indicar os vossos filhos ilustres em religião, nas ciências, nas letras e no bairrismo extreme, circunscrever ao século XXIII, os primeiros tentâmens, para um maior engrandecimento da vossa terra.

Dizer ainda sôbre a vossa admirável «Exposição» há pouco realizada, cheia de valores naturais, folclóricos e marítimos, resultante no vosso Museu, cujas realizações podem dar orgulho ao vosso bairrismo de excepção.

E, se me fôsse dado, eu reviveria as vossas festas tradicionais, rasgadas iniciativas, o embelezamento geral, o casino e o pôrto de mar, que ficarão marcando uma data verdadeiramente destacante, entrar ou fazer, enfim, a descrição dos inúmeros melhoramentos, que veem fazendo da vossa terra, uma grande terra.

Mas não. Não irei mais longe nesta ordem de considerações.

No entanto, estando junto dêste monumento, ainda que só quisesse falar dos «Lagôa», dos «Sérgio» e dos «Cego do Maio»,—mas representando êle um valioso preito à coragem do homem do mar, eu quero relembrar um facto e dois nomes, que robustecem sobremaneira a história desta Póvoa.

Senhores:

A vossa terra, pelo vosso mar, desde tempos imemoriais, deu sempre uma nota de destaque e de brilho, cujo relêvo pode encher-vos de contentamento.

Haveria muito que contar, mas salientemos apenas:—foi acolá, naquela enseada e pouco depois de 1640, que à custa de um punhado de comerciantes da Póvoa, se construiu a célebre nau, «Nossa Senhora de Guadelupe».

Esta nau juntou-se à armada portuguesa, que, no tempo, tomou parte em terras do Brasil, na luta contra os intrusos holandeses, no nosso Pernambuco, concorrendo então, com a batalha do seu esforço, para o levantamento do nome de Portugal.

Foi piloto-mór da armada real, António Cardia, e seu irmão Diogo Dias S. Pedro foi o comandante da «Senhora da Guadelupe».

E devo dizer-vos que êstes dois bravos são filhos da Póvoa de Varzim.

Possuidores, sem dúvida, dum braço forte de navegadores corajosos, com conhecimentos marítimos, êles prestaram honrosamente o seu valioso concurso, em benefício da Pátria portuguesa.

Mas eu quero ir mais longe, pois é bem provável que Diogo S. Pedro fôsse já o timoneiro desta nau, quando ela daqui saíu, sulcando aquele mar da enseada, pelo meio ou junto da Curva Grande, da

Mó-Velha, do Leixão, da Caverneira, ou dêsses outros peneiros tam vossos conhecidos.

E a «Nossa Senhora de Guadalupe», com a flâmula azul e branca no tôpo do mastaréu, a tremular ao vento ou num orgulho de raça, abalou dêste mar, na corajosa decisão de bem cumprir e vogando sem receio, pelo encapelado das ondas, altaneiras, ia proclamando: —*Ao leme vai um pôveiro.*

Êstes dois homens pertencem à genealogia do vosso torrão, com a qualidade de heróis do renascimento pátrio.

Pertencendo ao heroísmo daquela época de muita obscuridade nos mares, ficaram tendo nomes de relêvo, na história de Portugal e da vossa terra.

Foi isto Senhores..., passado há três séculos, segundo mo aponta Augusto Pinho Leal.

Mas não só êste, como outros factos, de então para cá, vos tem mostrado como povo que pode envaidecer-se com as suas horas de antanho, como com as de hoje, através do mar, isto podendo fazer jús ao presente, num bairrismo apaixonado.

Façamos entrementes um grande espaço, para continuar a reduzir a um mínimo, não obstante querer pintar mais um pouco.

Senhores...

Estando junto a estas significativas pedras, devo, para atingir um complemento, referir que, pròximamente a êste lugar, houve a capela de S. José.

Foi demolida há poucos anos; mas, se existisse e falasse, seria bem valioso que, pela bôca do seu Santo padroeiro, nos fôsse indicado o sem número de imprecações, de súplicas e de rogos, na sua frente proclamados, em horas de aflições, como as promessas feitas em instantes de alegria.

Se fôsse possível, poderia ainda dizer-nos algo de comovente, sob aquela abundância de desoladas lágrimas, que também na sua frente foram vertidas.

Isto aponto, Senhores... , para relembrar as vossas figuras valerosas do «Lagôa», do «Sérgio» e do «Cego do Maio».

Dois com menos acções de arrôjo, outro, com actos de abnegação rara; mas no fundo, todos êles bem mostrando o valor duma raça de selecção.

E foi dentro dessa capela, que êsses homens formados numa rigidez de bem fazer, na salvação do seu semelhante, com uma devoção máxima e perante o padroeiro S. José, muitas vezes conseguiram ânimo, para arrostar com as ondas dêste vosso mar, em dias tétricos de temerosa tempestade.

Eu aqui vos chamo e relembro, nesta hora de emoção para a Póvoa, prestando vos, em nome da minha terra, esta sentida homenagem de admiração, pelos actos hercúleos e de heroísmo que praticastes, e

que vos deram, — principalmente ao «Cego do Maio» — a honra de concorrer para o engrandecimento do nome desta Póvoa do Mar, e o direito a legar-vos em monumento, à posteridade.

Pòveiros .

Quero ainda louvar a vossa ânsia de engrandecimento, e por intermédio do Presidente da vossa Câmara, oferecer-vos a minha simpatia e a da Associação Comercial e Industrial, de Famalicão.

Formular fundos desejos para que, todos vós, numa felicidade intensa e permanente, vivais abraçados como as ondas aos vossos penedos, como as areias às espumas dêste mar, que constantemente beija a vossa terra.

O orador foi muito felicitado e abraçado por numerosos amigos famalicenses e pòveiros.

A CONFERÊNCIA

No Casino, às 16 horas, teve lugar, perante numerosa assembleia, a costumada conferência, que foi brilhantemente realizada pelo ilustre famalicense sr. Alexandrino Costa, solicitador acreditado e orador distinto. O trabalho—«a História, as Belezas e os Progressos de Famalicão e Póvoa»—demonstra cabalmente os seus dotes de inteligência e cultura, de affecto e dedicação pelas duas terras.

Meus Senhores:

Famalicão, com a sua vinda hoje aqui, deu à Póvoa de Varzim a maior e melhor prova de sincera estima e fraternal affecto.

Sobeja razão tinha a minha terra para adiar a excursão de hoje: o desastre ocorrido ontem à noite, com as viaturas dos nossos heróicos bombeiros, lançou a perturbação nos espíritos e fêz envolver em luto o nosso coração.

Mas como, em tam curtas horas, o adiamento era impossível, Famalicão que não podia recolher as lágrimas da sua dor, afivelou ao rosto a máscara da alegria, e veio cumprir o seu dever, recebendo o abraço da Póvoa, saudando o seu povo e vitoriando os seus heróis.

Faltou, no entanto, vibração à nossa gente. E, para falar-vos, vai também faltar vibração e entusiasmo à minha voz. Levai isso em conta à responsabilidade da dor tremenda que a todos nos envolve.

As palavras que V. Ex.^a acaba de proferir, sr. Presidente da Câmara da Póvoa de Varzim, deixaram-me vexado e corrido, menos por

mim e mais pela terra que me cometeu o encargo de em nome dela falar nesta sessão.

A desilusão dos que aqui vieram, fiados na permissão que julgaram poder tirar das sessões que nesta sala se realizaram, respeitavelmente a Braga, a Barcelos e Guimarães, tinha de ser completa. Mas depois das palavras de V. Ex.^a, um tanto ditadas pelo seu coração de amigo e conterrâneo, e outro tanto devidas à gentileza e tacto político, que o logar que V. Ex.^a ocupa sempre exige se tenha em conta nos actos oficiais, a desilusão não poderá ser maior, nem mais aborrecido o desapontamento.

Preciso se torna, pois, esclarecer e prevenir as pessoas que até aqui vieram enganadas: não venho fazer uma conferência, se bem que grande fôsse o meu desejo de a fazer, por se tratar de empresa para que se requerem engenho e arte, que totalmente me faltam; não venho também fazer um discurso, com princípio, meio e fim, como ensinavam os mestres de retórica, por me faltar um mínimo de condições que o orador deve possuir.

Verdade, verdade, eu venho fazer à Póvoa, simplesmente a apresentação da minha terra, em estilo descuidado e em modesta declaração, no cumprimento, aliás muito grato, de uma ordem que recebi do meu distinto amigo sr. Dr. Francisco Alves, ilustre Presidente da Câmara de Famalicão.

Concedei-me o favor de me ouvirdes e não leveis à falta de consideração, o que só é devido à falta de méritos próprios.

Senhor Presidente da Câmara: muito obrigado pelas suas palavras.

Meus Senhores:

No dia 1 de Outubro de 1907, desembarcava na estação da Póvoa uma humilde e modesta família: pai, mãe, filhos (êstes um rapaz e uma rapariga), e familiar como criada. Procuraram uma casinha barata na rua de Santos Minho.

Nêsse dia não pôde o petiz satisfazer a sua ânsia: ver o mar, saber como era o mar, como eram as ondas, como é que o mar ficava manso e se embravecia, e como criava nuvens movimentadas de espuma.

O dia fôra dedicado às complicadas arrumações da casa, e o petiz não tinha permissão de se afastar do passeio fronteiro.

Mas, no dia seguinte, manhãzinha cedo, a mãe levou à praia, para tomar banho, os dois petizes.

O rapazito ficou espantado: a beleza empolgante do mar imenso, a quietitude em que êle se encontrava, as ondas vagarosas que subiam um tudo-nada pelo areal, as catraias que vogavam ao sabor dos remos, e as lanchas que seguiam imponentes ao correr da brisa, tudo consti-

tuia um espectáculo grande demasiadamente — pela extensão, pelo imprevisto e pela majestade — para o espírito acanhado do petiz.

Correram os tempos, e sempre, todos os anos, o petiz voltava à Póvoa. E sempre, como se de novo fôra, o petiz sentia a mesma ânsia de ver o mar, o mesmo inquieto desejo de contemplar a grandeza, a beleza incomparável do mar da Póvoa.

Ficaram pelo caminho, cobertos já pela lousa tumular, todos os figurantes daquela família, à excepção do que então era petiz e hoje é o humilde declamador destas falas.

Mas sempre, todos os anos, venho à Póvoa, para ela trago os meus filhos precisados do seu ar tónico, da sua praia maravilhosa de côr e alegria.

Mesmo quando, em pleno inverno, tenho de vir à Póvoa, trago os meus filhos. Eu fico prêso às exigências das minhas obrigações, e a êles mando-os, entretanto para junto do mar. Já tenho feito isso em dias invernosos, de vento e chuva. E nunca na Póvoa achei feio o mar, feia a praia, feio o espectáculo que aos meus olhos se apresenta.

Nunca a Póvoa repele. Sempre tem motivos de atracção e de simpatia. Por aqui se vê quão desacertada foi a minha escôlha para falar nesta sessão. Eu estava talvez melhor, se melhor pudesse ufanar-me de o ser, em qualquer posição, como orador, para falar em nome da Póvoa, terra a quem tanto quero, a quem tanto amo, que desejo progressiva e civilizada, magnífica e grandiosa, em todos sectores e movimentos da vida contemporânea.

Alguns pòveiros, que o são de amor e nascimento, sabem quantos esforços tenho empregado para mudar para aqui definitivamente a minha residência,

Não penseis, senhores, que desadoro a minha terra. Não.

Quero-lhe como se quere às coisas que se amam e querem uma só vez na vida.

Mas se as circunstâncias materiais ou a educação dos meus filhos exigirem que eu mude de terra, nenhuma outra como a Póvoa eu queria para substituir a terra mãe.

Meus Senhores:

Antes de mim, há 30 anos, outros de mais longe há 50, há 80, há 100 e mais anos, aqui vieram, preferindo a tôdas esta praia de ideal beleza. Todos os anos ainda vem a gente desta época e dêste tempo, como eu venho também.

São famílias inteiras que para aqui veem buscar alívios para os seus doentes, robustecer o arcaboço débil das crianças, ou simplesmente procurar na sua praia o recreio, o descanso, o bem estar merecido e exigido por um ano de canseiras e consumições.

Quis a Póvoa manifestar a Famalicão o seu reconhecimento, e os fa-

malicenses acompanhando os homens bons da sua Câmara, e olhos postos na bandeira do seu Município, aqui vieram estender os braços ao abraço fraterno dos pòveiros.

Sentimo-nos bem dentro do abraço desta gente sãdia, forte, leal, cheia de bairrismo, heróica e magnífica.

Somos um povo de trabalho. Na lavoura, camisa desabotoada, peito ao sol, trabalhamos a terra com teimosia, com persistência benedictina, que nunca sucumbe mesmo quando as anezas são más, quando o pó branco dizima o vinho, quando o bicho perfura os campos e alastra pela terra lavrada e queimada do sol, quando a batata dá menos do que a que foi lançada de semente, ou quando as frutas não nascem ou apodrecem à penetração das chuvas demoradas.

E sempre, um ano após outro, atando as vides, fazendo as sachas, guiando as águas, com pouco descanso dominical e sem horário de trabalho, o lavrador, teimando sempre e a cantar, vai cortando das árvores os mais saborosos frutos, vai atestando os tonéis do vinho mais delicioso, enche os mercados de milho, envia aos celeiros centenas de sacos de trigo, arranca da terra centenares de sacos de batata, cultiva linho que dá para os bragais da sua casa, e ainda sobeja para vender aos senhores das vilas e da cidade, colhe abundante centeio, feijão, fava e tôda uma enorme flora de novidades, de legumes, de produtos saborosos, que vão de longada aos mercados do Pôrto, Braga e até de Lisboa.

Somos um povo de trabalhadores, humildes e modestos. E' certo que nos vangloriamos de Riba d'Ave, o formidável impório industrial onde trabalham em oficinas arejadas e limpas seis milhares de operários, e que constitue um padrão, só por si, à iniciativa, ao esforço, ao triunfo do lutador extraordinário que foi Narciso Ferreira, cuja obra que seus filhos vitoriosamente continuam, foi aumentada enormemente com a estupenda concepção do Varosa, o grande centro irradiante de energia eléctrica para todo o País. Temos Bairro, Caniços, Delães, Carreira, Bente, Avidos, Landim, Vermoim, Mogege, Joane, e outras freguesias das 49 que possuímos, onde funcionam modelarmente fábricas de fiação e tecidos de algodão, que fabricam desde o mais fino e fantasioso crepe da China até ao mais modesto riscado, sustentando milhares e milhares de operários por cuja vida e bem-estar se interessam os seus patrões, que são homens do seu tempo e desta época de solidariedade, que é a melhor orientação dos Estados que querem viver fora do caos e da desorganização.

Povo simples é certo, mas que não quer deixar de gritar o seu orgulho de ter instalada na sede do seu concelho a antiga e ainda hoje única fábrica de relógios de parede, na Península, onde êstes se fabricam completa e totalmente, numa perfeição e ciência tam grandes, que os relógios saídos dessa fábrica só teem o defeito de durar eternamente e de durar, o que é mais, irritantemente certos e afinados.

Desta fábrica foram fundadores José da Costa Carvalho e seu irmão Lino, o primeiro dos quais foi o progenitor do ilustre Presidente da Câmara da Póvoa de Varzim. E espalhadas pelo nosso concelho temos muitas

dezenas de fabricazinhas manuais, onde homens e mulheres, às centenas, empregam a sua actividade e ganham o Pão Nosso de cada dia. Tem Famalicão duas grandes e notáveis fábricas de maquinismos e alfaías agrícolas, onde se fabrica tudo quanto é necessário para se fazer uma lavoura, grande ou pequena, pelos processos mais modernos e cientificamente aconselhados. Trabalho é ainda, para mais verdade do nome de que nos orgulhamos, as indústrias de carvoaria, dos cestos e dos esteios, que empregam algumas centenas de braços.

E ainda Famalicão é reconhecida por estranhos como terra de trabalho e tanto que foi escolhido para instalação da grande empresa de resinagem e dos grandes depósitos e aparelhagem de destilação de resina, obtida em quasi todo o norte do País, graças à iniciativa dum rico e ousado industrial do sul. E Famalicão, procurando sempre trabalhar e estender a sua área de acção a todos os sectores, lançou uma fábrica de lanifícios onde se fabricam artigos que são honra e lustre da indústria nacional: tem uma fábrica de malhas considerada como uma das melhores do País, apetrechada de maquinismos os mais modernos, que enchem os mercados de Lisboa, Pôrto, Coímbra, Braga e outras terras de todos os artigos de seda, algodão e lã, como camisas, blusas, vestidos, meias, camisolas, e de um modo geral tôdas as roupas interiores ou exteriores tanto para homem como para senhora. E Famalicão possui hoje duas magníficas fábricas de botões de fantasia que produzem artigos que são a admiração do comércio comprador.

Tem uma grande Fundição, onde se trabalha em todos os serviços próprios de tal oficina, sem receio algum de confronto a que possa ser submetida com oficinas similares; tem vastos «ateliers» gráficos onde se trabalham com maquinismos que são a última palavra da indústria alemã, com material variadíssimo e em magna quantidade e com pessoal habilitado, o mais importante dos quais teve como fundador a simpática figura do saúdoso jornalista que foi Manuel Pinto de Sousa; tem oficinas de mobiliário, de carpintaria e serração, podendo dizer-se que é às fábricas de Famalicão que recorrem os grandes construtores civis da capital.

Por tôda a parte, em todos os logarejos e cantos da nossa terra, aparecem os evidentes sinais que nos afirmam em público e raso como terra de trabalho. Eu sei que, excepção de 3 ou 4 templos, de interessante e antiga architectura, não tem a nossa terra monumentos que prendam a atenção dos turistas e homens cultos que nos visitam.

Eu sei que não temos larga história, como a teem e largamente se orgulham muitas terras vizinhas, no *Flos Sanctorum* da Igreja ou da Pátria.

Não fomos à guerra das Cruzadas, nem demos cavaleiros para a batida da moirama, nem navegadores para as avançadas temerosas da Índia ou do Brasil. Demos, é certo, gente para as guerras contemporâneas, temos ainda felizmente vivo um herói que tem o seu nome em muitas ruas de muitas vilas e cidades dêste País. Demos ainda gente que soube morrer pelo bom nome da raça e para maior glória da Pátria, na Guerra da África e da França.

Na música, nas letras, nas ciências, temos por lá os nossos nomes ocupando logares que não envergonham; e só quero citar entre outros o Poeta

lírico duma grande e magnífica intuição e de uma rara sensibilidade, que foi Sebastião de Carvalho; nas letras e na arqueologia, êsse homem de grandes virtudes e de alto talento, que é José de Menezes; nas letras jurídicas, o jurisconsulto que foi o Conselheiro Eduardo Carvalho; e na música êsse maestro que tinha o segredo da harmonia e se chamou José da Costa.

E, para não desmerecer o título de que se honra, de ser terra de trabalhadores, Famalicão vai subindo, vagarosa mas seguramente, a ladeira íngreme que conduz a terra até às alturas de onde se divisa a plenitude do progresso e da civilização.

O nosso Campo da Feira tem a larga perspectiva que tinha, em visão e clareza de inteligência, o soldado dinamizador da idea do império, que lhe deu o seu nome glorioso: Mousinho de Albuquerque.

A Avenida da República, larga, esplêndida, é um melhoramento de alta importância e de magnífico valor, para a estética da nossa vila.

E Famalicão, que não esquece quem a honra e dignifica, levantou aos humildes soldados que morderam o pó da África escaldante, ou ficaram soterrados na terra humilde da Flandres, um monumento que é um dos mais belos, sugestivos e imponentes que existem em terras portuguesas.

O nosso Hospital, com a maternidade e o asilo dos Velhos, o Hospital de Riba d'Ave, e a formosa criação da Creche-Mãe, são padrões que orgulhosamente atestam o altruismo e o espírito da nossa gente e da nossa terra. E não quero deixar sem uma referência, nesta singela apresentação que a V. Ex.^{as} faço da minha terra, o serviço de incêndios, que se encontra a cargo de duas corporações de bombeiros—tam bons, desinteressados, corajosos e beneméritos, como os melhores de qualquer outra terra, pequena ou grande, não importa.

E já que falei em Bondade, na estatura dos homens e na área das nações, peço permissão para um ligeiro parêntesis, lembrando-me, com saúde, de um amigo querido, tam cedo roubado ao amor da família e ao culto da Pátria, Henrique Trindade Coelho, que um dia me dizia: não há homens grandes nem terras pequenas, tão certo é que Napoleão cabia no bolso do sobretudo do Dr. João Santarém, e que a Bélgica, sublime e mártir da Guerra, cabe numa estepe da Rússia bolchevizada, comunista e comunizante.

Não há homens de talento; há bons e maus, e para mim, só os primeiros contam, dizia-me um pouco mais de um mês antes de morrer outro queridíssimo amigo, que foi o Dr. Cunha e Costa.

Desculpem, senhores, a divagação que parece despropositada; creio no entanto que se devem aproveitar tôdas as oportunidades para se prestar culto à Bondade, que os homens maus querem fazer desaparecer do mundo, como se pudesse haver beleza no mundo ocupado apenas por maus.

Presto, pois, a minha homenagem aos homens bons da Póvoa, no número dos quais, em primeiro lugar, coloco o humilde pòveirinho, que só é orgulhoso e grande quando se bate denodamente num subli-

me gesto de bondade, para arrancar à ameaça do mar alteroso as vidas que sôbre êle andam em perigo.

Senhores:

Famalicão não tem monumentos nem história recuada nos tempos das guerras da constituição do reino.

Não pode chamar, por êsse lado, as atenções de ninguém.

Mas, quando à nossa roda, se formar o castelo erguido pelas terras circunvizinhas, todo êle construído de grandeza do passado, e de nomes goloriosos feitos em gloriosas batalhas, alicerçado em riquezas e monumentos, nós queremos, dentro da modesta construção dos nossos muros, atirar aos ares, de modo que se ouça cá fora, o nome de um homem que não nasceu em Famalicão, mas em Famalicão escreveu as obras mais estupendas da literatura nacional.

Sim, dentro da nossa terra humilde e de trabalho, viveu largos anos e nela morreu, pondo um ponto final à desgraça, êsse gigante das letras que foi Camilo Castelo Branco.

Camilo, Seide, a acácia constituem tôda a história de um nome, tôda a honra de uma literatura, todo o orgulho de uma nação.

É que Camilo foi um escritor de imenso talento e de imensa desgraça, a inteligência mais completa e mais viva, que escreveu as mais ricas, as mais belas, as mais opulentas páginas de português portuguêsíssimo. Grande na poesia, grande no teatro, na polémica grande, grande no jornalismo, grande no romance, na história, na arqueologia, grande em tôdas as facetas que pode ter um escritor grande como os maiores do mundo.

E se é certo que, no *Flos Sanctorum* da Igreja, não temos nome a ilustrar as páginas do livro, de onde constam os que morreram pela Fé, ou os que a Virtude alçapremou ao trono dos altares, é bem verdade que daqui a algumas dezenas de anos, ao escrever-se a história dos santos, há-de lêr-se que num País pequeno, chamado Portugal, num concelho humilde chamado Famalicão, tinha nascido um extraordinário homem e santo, de grandes virtudes e invulgares talentos, que nós hoje temos a ventura de conhecer e venerar e se chama o E. C. Dom Manuel Gonçalves Cerejeira.

Senhores:

A nossa terra, tal como vo-la acabo de apresentar, em síntese, veio receber o abraço pòveiro.

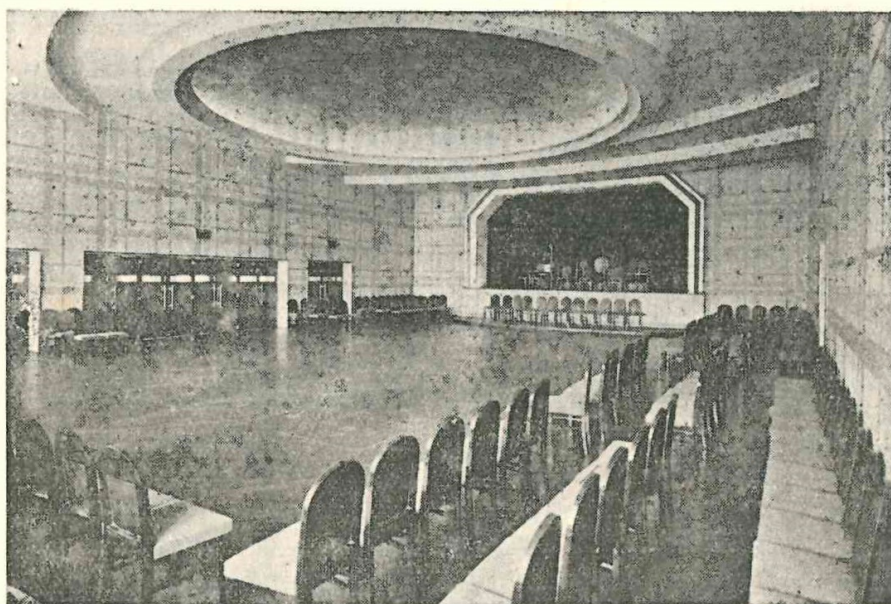
E' ela que vem agora, pela minha voz, saüdar a terra bela, generosa e amiga da Póvoa de Varzim.

Aqui temos vindo. Aqui continuaremos a vir.

E estamos certos que a Póvoa, como sempre no passado e como sempre no futuro, nos estimará e jámais esquecerá o abraço dêste dia. Tenho dito.

Foi muito aplaudido e abraçado.

A' noite, realizou-se o baile no Casino, que foi muito concorrido, havendo na praia exibição dos Ranchos, música e fogo de artifício.



CASINO—Salão onde se realizaram as Conferências

APÊNDICE

MEDALHA DO AGRADECIMENTO PÓVEIRO

Deliberação camarária de 3 de Março de 1938, que tornou extensiva a concessão da Medalha do agradecimento pòveiro a colectividades e individualidades :

O Sr. Presidente diz que:

A Póvoa como terra progressiva que tem sido e deseja continuar a ser para valorização do «hinterland» com as riquezas do maravilhoso mar que a banha e para satisfação bairrista e patriótica dos seus habitantes que desejam que ela seja, em poucos decénios, uma das mais importantes cidades do País, tem freqüentes necessidades de testemunhar o seu aprêço e gratidão àquelas pessoas ou entidades que decididamente cooperam no seu engrandecimento material e na sua valorização social e moral.

Os louvores e diplomas de cidadãos honorários, com que se teem distinguido muitos varões ilustres, não bastam, na hierarquia do agradecimento; há necessidade de o demonstrar por forma a que o homenageado possa, em qualquer momento da sua vida, revelar, por meio de um símbolo, que o acompanhe, ser crêdor do reconhecimento pòveiro.

Nestas circunstâncias, proponho:

1.º—Que a Medalha do Reconhecimento pòveiro, com que no ano transacto foram galardoados alguns municípios, possa em tamanho natural ser dada igualmente a indivíduos ou colectividades.

2.º—Que, consoante os serviços prestados, êsse galardão de alto significado possa ser em ouro, prata ou cobre, e sempre acompanhado de uma fita ou laço com as côres do Município pòveiro.

3.º—Que a referida Medalha tenha do lado do brasão da Póvoa e por debaixo dêle sòmente a data em que foi concedida; e que em tudo o resto seja igual à medalha oferecida aos Municípios no ano de 1937.

Esta proposta foi aprovada.

Assinam a acta:

Dr. Abílio Garcia de Carvalho
Dr. António Sampaio de Araújo
Acácio Gomes Barroso
António Gomes
José António de Sousa Ferreira

A Câmara Municipal de Braga

na sua sessão de 12 de Agosto de 1937, sob a presidência do Ex.^{mo} Sr. Coronel Albino José Rodrigues e com a assistência dos Ex.^{mos} Srs. Dr. Francisco de Araújo Malheiro, Dr. Manuel António de Assunção Sardinha e Fernando da Costa Vilaça, tomou a deliberação do teor seguinte, que ficou registada na acta respectiva :

O Ex.^{mo} Vereador Dr. Manuel António de Assunção Sardinha, usando da palavra, apresentou a seguinte proposta :

Proponho que fique exarado na acta um voto de agradecimento à Câmara Municipal da Póvoa de Varzim e particularmente ao seu Presidente, o Sr. Dr. Abílio Garcia de Carvalho, pelas manifestações de carinho que foram dispensadas aos representantes desta Câmara e aos excursionistas bracarenses que, em grande número, visitaram aquela formosa praia no passado dia 8 do corrente mês. A recepção feita aos excursionistas, tanto no edifício da Câmara Municipal, como através das ruas percorridas pelo cortejo, foi verdadeiramente calorosa e a marcha do cortejo teve todo o aspecto duma marcha triunfal, pelos vivas entusiásticos que se ouviram durante todo o percurso e pela quantidade de flores que foram lançadas sobre os excursionistas.

Na sessão solene de boas-vindas que se realizou na Câmara Municipal da Póvoa, o seu ilustre presidente fêz-me entrega duma medalha comemorativa desta visita a qual tem numa das faces os dizeres: «Ao Município de Braga a Póvoa reconhecida» e na outra as armas da Póvoa e por baixo a inscrição: «Verão de 1937».

Passando às mãos de V. Ex.^a esta medalha dou por concluída a minha missão que me deixou as mais gratas recordações pelas provas de carinho e deferência que na Póvoa me foram dispensadas, devendo especializar no meu reconhecimento o ilustre Presidente da Câmara que foi para mim duma gentileza inexcédível.

Proponho mais que se envie à Câmara Municipal da Póvoa o extracto desta parte da acta e que esta seja aprovada nesta parte desde já para efeitos imediatos. Braga e sala das Sessões, 12 de Agosto de 1937. O Vereador, Manuel António da Assunção Sardinha.

O Ex.^{mo} Presidente disse que toda a Câmara aprova com grande prazer a proposta que acabava de ser lida, congratulando-se com o êxito da visita à Póvoa de Varzim, e que, agradecendo a medalha entregue, a fazia guardar devidamente no Arquivo Municipal.

A proposta foi aprovada por unanimidade.

A Camara Municipal de Barcelos

em sua sessão de 20 de Setembro de 1937, tomou a seguinte deliberação

Excursão à Póvoa de Varzim:—O Senhor Presidente congratulou-se pela forma brilhante como decorreu a excursão à Póvoa de

Varzim, efectuada no passado dia 29 de Agôsto e propôs que se officiasse ao Senhor Presidente da Câmara da Póvoa agradecendo tôdas as atenções dispensadas aos excursionistas e, especialmente, às entidades officiais.

A Camara Municipal de Guimarães

na sua sessão extraordinária de 20 de Setembro de 1937, presidida pelo Ex.^{mo} Sr. José Maria Pereira Leite de Magalhães e Couto e com a presença dos Vereadores Ex.^{mos} Srs. Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, António Lopes de Carvalho e Joaquim da Silva Ferreira Monteiro, tomou a deliberação do teor seguinte, que ficou registada na respectiva acta:

COMUNICAÇÃO — Pelo Vereador Sr. António Lopes de Carvalho, foi feita a seguinte:

«Correspondendo ao convite official da Câmara da Póvoa de Varzim, realizou-se, no dia 5 do mês corrente, a visita de Guimarães à sede daquele concelho.

Nesta visita official tomaram parte, além dos representantes do Município e da Autoridade Administrativa, tôdas as corporações e sindicatos com os seus estandartes, Bombeiros Voluntários, Orfeon Vimaranesense e a Festada regional.

A população vimaranense que tomou parte nesta visita de fraterna amizade à Póvoa do Mar, não só no combóio excursionista como em camionetes e carros ligeiros, pode ser computada a um número superior a mil.

A recepção e acolhimento, não só por parte da Vereação, como pela população pòveira, foi cordialíssima e entusiástica.

Havendo tido a honra de agradecer a eloqüentíssima saudação proferida pelo Ex.^{mo} Sr. Presidente da Câmara da Póvoa de Varzim à cidade e concelho de Guimarães, fi-lo com palavras sóbrias mas sentidas, exalçando a velha aliança de dois povos que o luar e a Terra consagram. Como remate, foi-me entregue uma medalha comemorativa do acto da visita official de Guimarães à Póvoa de Varzim, medalha que fica bem ao lado da Bandeira Municipal a assinalar a simpatia de relações entre as duas terras vizinhas e amigas.

A' noite, no Monumental Casino, teve lugar uma conferência, seguida de sarau e baile, a que uma concorrência extraordinária, de senhoras e cavalheiros, deu notável brilhantismo.

Desempenhei-me, como soube, da conferência, a qual subordinei ao título:—Guimarães, minha terra, meu lar!—Este estudo vai ter publicidade em brochura que a Câmara da Póvoa de Varzim organiza em memória das visitas de Braga, Barcelos, Guimarães e Famalicão àquela praia.

O Orfeon Vimaranesense tomou a seu cargo a segunda parte

dêste sarau, havendo-se por maneira a merecer os aplausos da assistência, honrando Guimarães.

O rancho típico—a Festada—executou, ao ar livre, em estrado próprio, seus cantares e suas danças, agradando.

O Grupo desportivo «Vitória» jogando em competência com um grupo local, ganhou a taça artística oferecida pela Câmara pòveira.

Terminou o «Dia de Guimarães» na Póvoa de Varzim por uma linda sessão de Fôgo.

Proponho, Senhor Presidente, que se exare na acta desta sessão um voto de agradecimento à Câmara da Póvoa de Varzim, pela maneira gentil como recebeu os Vimaraneses, dando-se-lhe cópia desta comunicação. Esta proposta foi aprovada por unanimidade, congratulando-se a Câmara com o êxito brilhante da sua conferência recebendo o mesmo Sr. Vereador as felicitações e as mais significativas manifestações de aprêço por parte do Sr. Vice-Presidente da Câmara e demais colegas presentes.



LAUS DEO!

Festa de Todos os Santos.

A' voz da Igreja e do coração orei ontem pelos que nos precederam na estrada da Vida Eterna

A' luz da Fé e aos impulsos da consciência compartilhei da comemoração de hoje em todo o mundo católico.

Não deve limitar-se o cumprimento do Dever a qualquer data do ano, porque tem de cumprir-se sempre. Mas êstes dois dias, em que a prece está mais intimamente ligada à saúde, tem, ainda, o privilégio de fazer ouvir melhor a voz da consciência e da Igreja — fiel depositária da Verdade — num imperativo nobre e divino: que essa voz se erga e se proclame.

Ensejo oportuno e magnífico me deram as comemorações de ontem e de hoje para, como homem e profissional da Imprensa, tecer louvor ao Mérito, ainda no cumprimento do mesmo Dever, escrevendo as últimas palavras que sejam remate dêste livro.

E' que o homem e o jornalista sentem-se jubilosos e honrados em cooperar neste volume, que, se é, até certo ponto, a exaltação inteligente de um numeroso grupo de pessoas de vontade firme, decidida e de intenção recta, que colaboram, espontânea e lealmente, com a figura cristã, de realizador extraordinário, que se chama Doutor Abílio Garcia de Carvalho, também representa uma sùmula de trabalhos literários de real valor.

Como tais, não poderiam, de forma alguma, ser entregues ao ostracismo. Constituem êles exemplos e lições magistrais, onde o português vernáculo e as ideas brilhantemente expostas, traduzindo estudos valiosos, ficam a atestar eloqüentemente, pelos anos fora, as preocupações culturais, patrióticas e generosas de uma Câmara que se tornou modelar e notável.

Assisti a quási tôdas as festas que ela promoveu e realizou; como homem e jornalista vi-as, senti-as e acompanhei as em tôdas as suas minudências. *Vivi*, com os pòveiros, as Festas de Verão de 1937, que na terra adorável do «Cego do Maio» se realizaram.

Encantaram-me! Em vinte e um anos de jornalismo activo e constante, através dos quais assisti a muitas das mais grandiosas festas da Póvoa de Varzim, nunca presenciei ali festas nem mais brilhantes nem mais numerosas e concorridas em qualquer das épocas balneares anteriores.

Foram memoráveis as Festas de Verão de 1937 — as *Festas do Reconhecimento*, que, numa útil e interessante modalidade, não prejudi-

caram as Festas de Nossa Senhora da Assunção, em Agôsto; as de Nossa Senhora das Dôres, em Setembro e até as de S. José, em Outubro — tôdas elas valiosamente subsidiadas pela Câmara, que, anteriormente, creio, apenas ajudára a custear as da Assunção.

Parece-me estar ainda a vê-las e a admirá-las na sua grandiosidade, na sua beleza, no seu entusiasmo e na sua concorrência colossal. Parece-me estar ainda a ouvir as palmas, os vivas e os parabéns da multidão à Câmara que, promovendo-as e realizando-as, deu à Póvoa dias de excepcional movimento e propaganda!

Brilhantíssima foi, igualmente, a recepção feita aos estudantes africanos, onde no Casino, o sr. Presidente do Município, com o seu entusiasmo de filho adoptivo da Póvoa, com sua alta cultura e com a sua alma grande de católico e de patriota, saudou os visitantes num discurso precioso, por vezes interrompido com demoradas palmas, que me recordavam as ovações com que milhares e milhares de pessoas haviam premiado as alocações e as teses do dr. Abílio de Carvalho nos vários Congressos em que tomou parte, como em Braga, na Póvoa e últimamente em Tondela, nos quais participei.

O seu discurso de boas-vindas aos estudantes africanos teve as honras de publicação na magnífica revista nacionalista «*O Mundo Português*». Bem o mereceu.

Dia de triunfo, dia grande, sem dúvida, foi êsse, em que os estudantes africanos tiveram a satisfação de ser recebidos galharda e apoteoticamente na Póvoa, como em poucas terras do País.

Porque tudo isto merecia ficar arquivado no presente volume, é-me grato dizer nêle as últimas palavras. São elas ditadas e escritas pelo homem e pelo jornalista, em justa homenagem ao dr. Abílio Garcia de Carvalho, aos colegas da vereação da sua ilustre presidência e, em geral, aos Pòveiros que o acompanham, o ajudam e o sabem compreender, interessando-se pela actuação social, moral e bairrista que iniciou em hora feliz, a *Bem da Nação*.

LAUS DEO! *Dêmos louvores a Deus!*

Porto, 2 de Novembro de 1938.

Silva Couto

(Sócio-fundador do Sindicato Nacional dos Jornalistas)



biblioteca
municipal
barcelos



4076

Festas de homenagem e
agradecimento da Póvoa de
Va